

TRÊS NOVOS MONUMENTOS EPIGRÁFICOS DA ÉPOCA ROMANA PERTENCENTES À ZONA OESTE DO MUNICÍPIO OLISIPONENSE

José Cardim Ribeiro

Entendemos por zona Oeste do Município Olisiponense toda a região enquadrada pelo hemicírculo montanhoso, cuja principal linha de relevo, iniciando-se no Cabo da Roca, descreve progressivamente uma curva que, passando a W. de Almagem do Bispo e de Negrais, vem terminar ao N. da Foz da Ribeira das Ilhas, delimitando uma área onde podemos distinguir quatro sub-regiões: as bacias hidrográficas das Ribeiras das Ilhas, de Cheleiros e de Colares, enquadrando estas duas últimas a N., S. e E. as plataformas de S. João das Lampas, Pianos e Assafora¹ limitadas a W. pelo Oceano (Est. I).

Os vestígios civilizacionais da época romana, em geral, e em particular os testemunhos epigráficos, distribuem-se por estas plataformas sobretudo em duas faixas: uma interior que, iniciando-se meridionalmente em Lourel², vem a prolongar-se para N. por Vila-Verde³, Cabrela⁴⁻⁵, Silva⁶, Faião⁷, Funchal⁸ e S. Miguel de Odrinhas⁹; outra litoral que, tendo início em Janas¹⁰, segue para N. até Pianos (Casal de Lomba de)¹¹, Catribana¹², Cortezia¹³ e Assafora¹⁴.

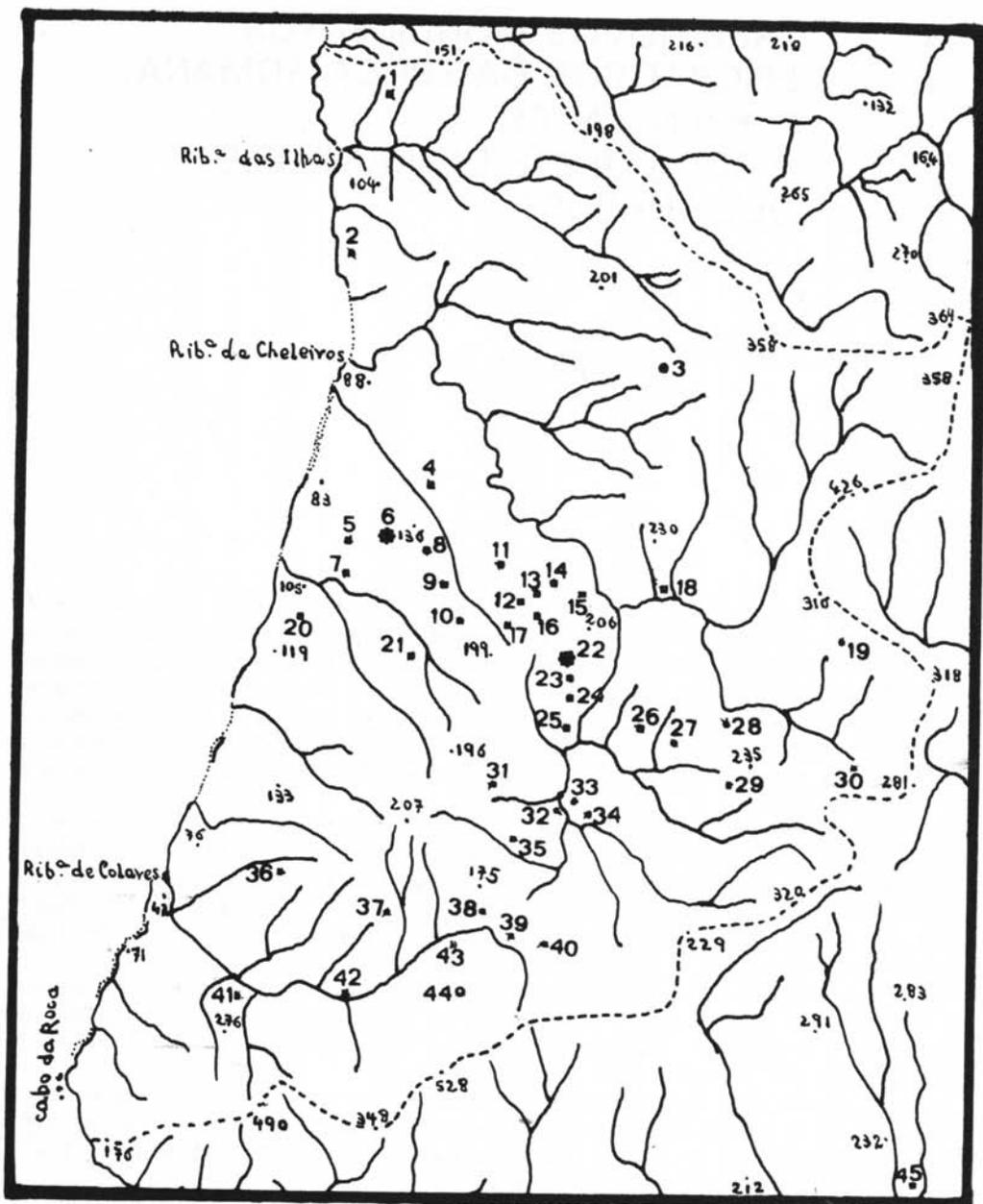
Entre estas duas faixas relativamente coerentes, outras, mais indefinidas, devem ser tomadas em consideração e nelas podemos incluir, entre outros, os lugares de Alvarinhos¹⁵, Amoreira¹⁶, Peroleite¹⁷, Odrinhas¹⁸, S. João das Lampas¹⁹, Areias²⁰, Madre de Deus²¹, St.º Amaro²² e Morelinho²³.

Mais para W., mas ainda dentro do hemicírculo montanhoso, há ainda que referir os lugares de S. Romão²⁴, Armês²⁵, Lameiras²⁶, Montelavar²⁷, e Granja dos Serões²⁸; para N., Paço de Ilhas²⁹, Casal da Estrada (Mafra)³⁰ e Cheleiros³¹; finalmente para S., Colares³² e Galamares³³.

A densidade de vestígios epigráficos nestas áreas, é a mais elevada de todo o Município Olisiponense, se excluirmos a zona estritamente urbana de *Olisipo* e seus termos mais chegados; contudo na metade N. da faixa Lourel-S. Miguel de Odrinhas, nomeadamente de Cabrela para N., o índice relativo de inscrições é idêntico, senão superior ao de *Olisipo*.

É desta área que provêm os monumentos a que neste estudo damos os n.ºs 2 e 3, concretamente do lugar de Faião.

O n.º 1 provém da área da Assafora, de sítio indeterminado, como veremos em seguida.



Estampa I

1: 200.000

Monumento n.º 1: (Est. II, figs. 1, 2, 3, e 4; Est. V, fig. 1; Est. VI, figs. 1 e 2; — Est. VII, fig. 1).

Cipo de secção arciforme³⁴, proveniente da área da Assafora³⁵ e actualmente conservado no Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas³⁶, onde recebeu o n.º CL.



Fig. 1

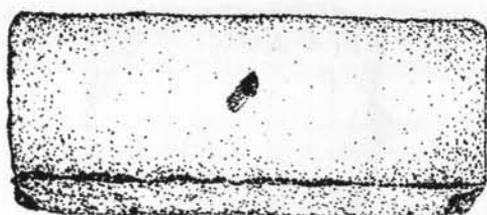


Fig. 2

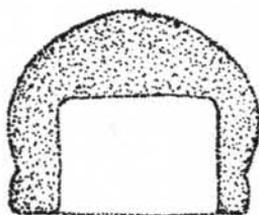


Fig. 3



Fig. 4



Fig. 5



Fig. 6

Estampa II

1:20

- Exemplar em bom estado de conservação.
- Comprimento: 124 cm
- Largura máxima: 66 cm
- Altura máxima: 53 cm
- Molduras laterais de 10 cm de altura e 1,1 cm de espessura média
- Material: mármore rosa³⁷.

Um dos tops apresenta uma inscrição de três linhas, distanciadas umas das outras aproximadamente 1,5 cm, contendo letras de 5,5 cm de altura e de 0,3 cm de profundidade; o campo epigráfico encontra-se chegado para o lado esquerdo da face, apresentando-se consequentemente descentrado (Est. II, fig. 1).



Fig. 1



Fig. 2

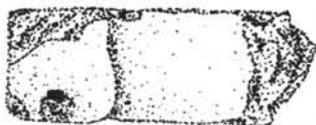


Fig. 3

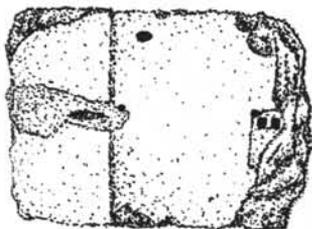


Fig. 4

Estampa III

1: 20

Interiormente, este cipo é escavado até à profundidade de 31 cm, resultando uma caixa paralelepípedica regular, cujas paredes apresentam um picado miúdo e denso; no fundo existe um orifício tosco, feito recentemente com a finalidade de adaptar o monumento a pia (pia de cal ou bebedouro), o que acontece vulgarmente a grande parte dos monumentos funerários romanos, encontrados nesta zona.

As faixas laterais da concavidade atrás referida, ficavam directamente em contacto com o bloco que formaria a parte inferior do monumento; nessas faixas existem sete pequenos orifícios de 0,37 cm de profundidade e de 0,22 cm de diâmetro, distribuídos tal como podemos observar na Est. II, fig. 4 e Est. VI, fig. 2; pertenceriam ao sistema de fecho da sepultura e destinavam-se certamente a receber os encaixes existentes na outra metade do monumento.

Não é muito vulgar a existência de fechos nestas sepulturas; contudo, dentro desta zona do Município Olisiponense, conhecemos mais alguns exemplos. Está neste caso a peça n.º XXV do Museu de S. Miguel de Odrinhas, proveniente da estação do mesmo nome³⁸; é um fragmento de base deste tipo de monumentos e apresenta, a toda a volta da cavidade destinada a receber a incineração, uma moldura que prenderia horizontalmente a tampa da sepultura³⁹ (Est. XII, fig. 1). A peça n.º LXIX do mesmo museu, que é um pequeno cipo de secção arciforme proveniente de Almor-

quim⁴⁰, apresenta junto à base da face que contém a inscrição, um encaixe em forma de cauda de andorinha destinado a justapor-se a idêntico encaixe que existiria no bloco inferior da sepultura, recebendo o conjunto um fecho de pedra mármore, de madeira, ou mesmo de metal⁴¹.

Por sua vez, F. Alves Pereira publica um cipo idêntico, proveniente do lugar de Madre de Deus e conservado actualmente no Museu do Carmo⁴², em cuja face epigráfica existe uma depressão irregular junto à base⁴³, que o autor interpreta como vestígios de um encaixe, ao qual pensa ter sido aplicado um fecho de metal (ferro)⁴⁴.

— A inscrição (Est. V, fig. 1 e Est. VII, fig. 1):

G. FLAVIVS. LF
CAL. TONCIVS
H. S. E.

— *G(aius). FLAVIVS.L(ucii Flavii) F(ilius) | CAL(erie tribu). TONCIVS | H(ic). S(itus). E(st). //*

— *Gaio Flávio Tôncio, filho de Lúcio (Flávio e filiado na tribo) Caléria, está aqui sepultado.*

— Antroponímia:

Os *praenomina G(aius) e L(ucius)*, vulgares por todo o Império, são frequentíssimos no Município Olisiponense⁴⁵. Quanto à abundância do primeiro, convém recordar a relação entre *Felicitas Iulia Olisipo*⁴⁶ e *Caius Iulius Caesar*.



C·FLAVIVS·LF
CALTONCIVS
H·S·E·

Fig. 1

Fig. 2

·T·LA·AVG
D·P

D·S·F·C
·L·H·S

Fig. 3

Estampa V

1:10

Não devemos também esquecer *Caius Iulius Caesar Octavianus* que, como *Divus Augustus*, foi cultuado no Município Olisiponense⁴⁷, bem como seu neto *Caius Caesar* que, juntamente com o irmão *Lucius Caesar*, foi considerado herdeiro do fundador do Império, depois da morte de *Agrippa*, em 12 a.C.

Possivelmente através deste segundo neto de Augusto, podemos perceber o elevado uso que teve o *praenomen Lucius*, pois tanto *Caius* como *Lucius Caesar* foram largamente homenageados em toda a *Hispania*⁴⁸.

A ausência de monumentos que se lhes refiram em *Olisipo*, não invalidará certamente a nossa hipótese, pois o culto que esta cidade votava à dinastia de Augusto, está bem patente em várias inscrições⁴⁹.

O gentílico *Flavius*, vulgar em muitas regiões do Império, é porém raro no Município Olisiponense; de *Olisipo* conhecemos apenas uma *Flavia*, numa inscrição datada de 108 d.C.⁵⁰ e dos *Agri* apenas mais um *Flavius*, descoberto nas Laveiras, concelho de Oeiras⁵¹.

A raridade deste gentílico nesta região deve atribuir-se ao facto de o Município Olisiponense ser de fundação Juliana; é sabido que os autóctones, ao serem tornados cidadãos romanos, adoptavam frequentemente como gentílico o do Imperador sob cujo governo tinham obtido a *civitas*⁵². De facto o gentílico *Iulius*, nas suas formas masculina e feminina é o que maior número de vezes aparece repetido em *Olisipo* e nos seus *agri*⁵³, pois a passagem desta cidade a município de direito romano⁵⁴ tornou automaticamente cidadãos romanos todos os seus habitantes.

Não devemos pois estranhar a raridade do *nomen Flavius* nesta região, certamente muito mais comum em municípios de origem Flaviana.

O *cognomen Toncius*, de origem pré-romana, aparece agora documentado pela primeira vez no Município Olisiponense; contudo outros antropónimos da mesma família são vulgares nesta zona, quer apresentando os respectivos radicais com as vogais *a* ou *o*, quer ensurdecidos em *k* ou sonorizados em *g*.

Esboçemos seguidamente uma lista dos mesmos:

- Com a vogal *a* e ensurdecido em *k*: *Tancinus* (*C.I.L.II*, n.º = *M.A.S.M.O.*, n.º LXXII, Madre de Deus, Sintra; *C.I.L.II*, n.º 307, Faião).
- Com a vogal *a* e sonorizado em *g*: *Tanginus* (*C.I.L.II*, n.º 286 e *M.A.S.M.O.*, n.º LXXXV, S. Miguel de Odrinhas; *C.I.L.II*, n.º 307, Faião; *C.I.L.II*, n.º 5010, Pianos⁵⁵; *C.I.L.II*, n.º 255 = *Ep. Olis.*, n.º 63, *Olisipo*).
- Com a vogal *a*, desconhecendo-se a terminação do radical: *Tan* [*c* vel *g*] [*i*]*nus* (José d'Encarnação, *I.R.C.*, n.º 5).
- Com a vogal *o* e ensurdecido em *k*: *Tonceta* [*M.A.S.M.O.*, n.º CXVIII, Almarjão-Odrinhas⁵⁶; *C.I.L.II*, n.º 296 = E. Hübner, *Additamenta Nova ad Corporis Volumen II* in «*Ephemeris Epigraphicae*», vol. VIII, Berlim, 1897 (= *Ad. N.1*), n.º 12, S. Gião — Torres Vedras].
- Com a vogal *o* e sonorizado em *g*: *Tongius* (*C.I.L.II*, n.º 302, Azoeira — Torres Vedras).
- Com a vogal *o*, desconhecendo-se a terminação do radical: *Ton* [*c* vel *g*]*eta* [*C.I.L.II*, n.º 295 (= *Tongeta*) e p. 693 (= *Tonceta*), S. Miguel de Odrinhas].

Quanto à distribuição geral na Península desta família de antropónimos, vejam-se os mapas n.ºs 74, 76 e 86 da obra de Untermann⁵⁷, e relativamente a formas mais dubitativas a *Onomástica* de P. Lapesa, pp. 100 a 103 e 133⁵⁸.

Com o radical destes antropónimos, **tenk-*, «unir-se»⁵⁹, relaciona-se muito provavelmente a antiga forma verbal irlandesa *tongu*, «eu juro»⁶⁰; sendo assim, podemos afirmar que ao *cognomen Toncius* está certamente ligada a ideia de *juramento* e de *união*, ou, de um modo geral, de *compromisso*⁶¹.

A onomástica pré-romana no Município Olisiponense está largamente documentada, quer através de numerosos antropónimos⁶², quer ainda por alguns téónimos⁶³; é pois perfeitamente natural e descoberta nesta região de mais um *cognomen* deste tipo.

— Tribo e fórmulas finais:

Apesar do gentílico que ostenta, vê-se que o defunto não provinha de um município Flaviano⁶⁴, pois encontrava-se filiado na tribo Galéria.

Esta tribo, própria dos municípios Julianos na *Hispania*⁶⁵, repete-se abundantemente, como é natural, nas epígrafes do Município Olisiponense.

No nosso monumento apresenta-se grafada na sua forma ensurdecida, *CAL(eria)*, para a qual existem paralelos nesta região⁶⁶, se bem que a forma mais corrente seja a sonora: *Galeria*.

Para este facto, talvez tenha concorrido o ensurdecimento do radical do *cognomen*, fenómeno que se repete pelo menos uma vez mais no Município⁶⁷.

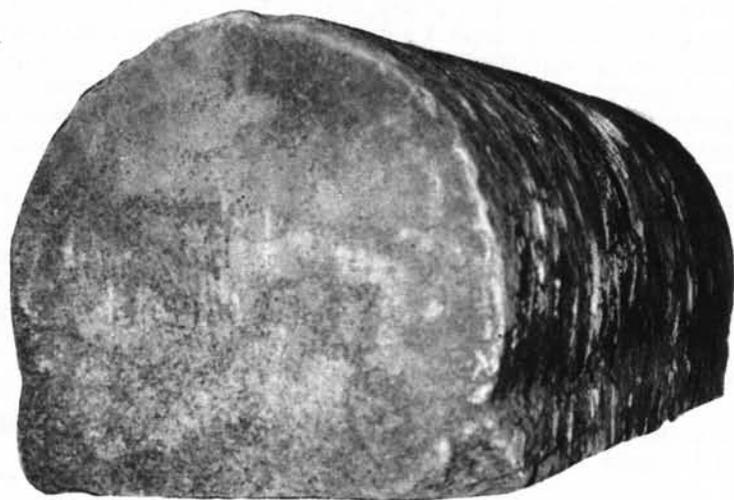


Fig. 1

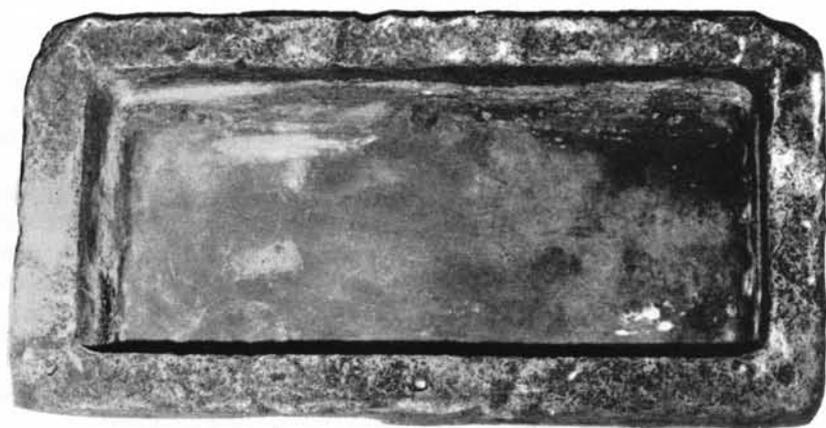


Fig. 2

Estampa VI

284

A fórmula final, que ocupa integralmente a terceira e última linha da inscrição, não oferece motivo para quaisquer comentários, dada a sua grande vulgaridade.

Verificamos, pois, estar perante mais um dos abundantes casos de romanização de um autóctone que, revelando a sua origem através do *cognomen*, adopta porém um gentílico latino, apresentando mesmo um *praenomen* e filiando-se na tribo latina adoptada na sua região, mostrando além disso ser filho de um indivíduo já em idênticas condições.

Paleograficamente, notemos que o tipo de algumas das letras da inscrição está ainda relativamente próximo da *capital quadrada* usada durante o imperialato de Nero: *vide* os CC, os VV e sobretudo o G e o O⁶⁸. Quanto ao A de *Flavius*, cuja barra se apresenta inclinada, descendo um pouco para o lado direito, podemos encontrar paralelos nos *Exempla*, pelo menos desde Calígula⁶⁹ e principalmente desde Nero⁷⁰; mas Cagnat só menciona este tipo de AA como usuais nos monumentos, a partir do séc. II d.C.⁷¹, se bem que os apresente com a barra muito mais inclinada do que a dos AA dos exemplos citados por Hübner e mesmo do que a do referido A do monumento da Assafora; em Cagnat, estamos pois perante exemplares já tardios deste tipo de AA, aos quais o A de *Flavius* é certamente anterior, dada a menor inclinação da sua barra e posterior, por razão contrária, aos AA que observámos nos *Exempla*. Na mesma época podemos provavelmente colocar os FF, cujas barras são já muito curtas, encontrando-se as inferiores muito subidas, quase junto às superiores⁷². E, se o reduzido comprimento das barras dos LL denuncia uma data já muito próxima do séc. II d.C.⁷³, a rígida horizontalidade da barra do T, impede-nos de avançarmos demasiadamente dentro daquele século⁷⁴.

Os seis pontos que a inscrição ostenta são todos triangulares, de lados rectos e próprios da *capital quadrada*⁷⁵; a sua distribuição, além de funcional, revela-nos preocupações de carácter estético, já na simetria com que os pontos se apresentam, já pelo ponto que finaliza a inscrição, totalmente desnecessário à boa compreensão do texto; este tipo de pontos, isolados no fim das linhas, e que aparecem já pelo menos desde Augusto⁷⁶, surgem esporadicamente em inscrições de várias épocas, pelo menos até finais do séc. II d.C.⁷⁷.

Analisando todos os factores paleográficos referidos e tendo ainda em conta a ausência da fórmula de consagração aos Deuses Manes⁷⁸, a concisão e regularidade do texto e o gentílico do defunto, pensamos poder datar o monumento dos últimos anos do séc. I d.C., ou, quando muito, dos primeiros do séc. II.

— Monumento n.º 2 (Est. II, figs. 5 e 6; Est. V, fig. 2; Est. VII, fig. 2; Est. VIII, figs. 1 e 2):

Cipo de secção arciforme proveniente do lugar de Faião⁷⁹ (Est. IV, A); encontrando-se retido para estudo, dará brevemente entrada no Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas.

— Exemplar muito deteriorado

— Comprimento: 90 cm

— Largura máxima: 52 cm

— Altura máxima: 42 cm

— Molduras laterais de 5 cm de altura e 0,25 cm de espessura

— Material: pedra mármore idêntica à do monumento n.º 1.

Num dos topos revela restos de uma inscrição que originalmente teria três linhas, mais dificilmente quatro ou duas⁸⁰, notando-se vestígios de letras nas primeira e segunda linhas (Est. II, fig. 6 e Est. VIII, fig. 1); a única letra completamente perceptível, um M na segunda linha, tem 5 cm de altura e a profundidade de todos os traços é de 0,15 cm; os espaços enterlineares (de que nos restam dois exemplos) são de c. de 2 cm.



Fig. 1



Fig. 2

Estampa VII

Completamente maciço, este cipo apresenta-nos uma base totalmente coberta por um picado rude e relativamente disperso.

— A inscrição (Est. V, fig. 2 e Est. VIII, fig. 2):

.....I/.....
M/.....
 [.....?.....]

— 1.^a linha: apresenta, sensivelmente no final do primeiro terço desta linha, os extremos inferiores de duas hastes, a primeira vertical e a segunda um pouco inclinada à direita; estes traços serão pois, respectivamente, os vestígios de um *F, H, I, P* ou *T* e de um *A, M* ou *X*. Apesar das possíveis permutações que nos oferecem estes elementos, escolheremos como hipótese de trabalho o conjunto *IA*, já que o lugar que na linha ocupam aqueles traços nos sugere estarmos perante as últimas letras de um gentilício feminino, forçosamente pouco extenso, tal como *Aelia, Iulia, Tulia, vel simile*.

— 2.^a linha: Por debaixo dos traços que acabámos de referir, encontram-se os restos de um *M*, a que falta parte da haste esquerda, o qual é seguido pela base de uma haste inclinada à direita, possíveis vestígios de um *A, M* ou *X*; este conjunto, que teoricamente poderia ter sido *MA, MM* ou *MX*, faria certamente parte do *cognomen* do defunto⁸¹. Contudo, a análise comparativa dos *cognomina* nestas condições patentes nas inscrições provenientes do Município Olisiponense de que temos conhecimento, sugeriu-nos como hipótese de trabalho, tendo em conta não só as percentagens obtidas como ainda o sexo do defunto que propusemos ao tratar da primeira linha, a escolha do antropónimo *MAXVMA* (vel *MAXIMA*, vel *MAX-SVMA*)⁸². Poderemos pois tentar a seguinte reconstrução da épigrafe⁸³:

[IVL]IA⁸⁴ (?) (vel simile) [.—.F(ilia).MA]/
[XV]MA⁸⁵ (vel simile) [.ANN(orum)...]/
[H(ic). S(ita). E(st)]//⁸⁶

Julia (?) (vel simile) *Maxuma* (vel simile),
[filha de fulano, (e) de tantos anos (de idade), está aqui sepultada].

A mutilação deste cipo, além de prejudicar irremediavelmente a definitiva reconstrução da respectiva épigrafe, impede ainda uma datação segura do monumento. Pelo que na nota n.º 80 dissemos relativamente à datação geral destes cipos e tendo em conta a aparente inexistência da fórmula de consagração aos Deuses Manes na inscrição do presente monumento, poderemos propor para o mesmo uma data centralizada no séc. I d.C., data que em qualquer hipótese dificilmente ultrapassará o primeiro quartel do séc. II.

Paleograficamente, o *M* de hastes divergentes não é de modo algum um elemento favorável a qualquer datação que se pretenda segura, já que aquela letra existe sob a referida forma, praticamente desde os tempos da República até às mais tardias épocas do Império⁸⁷. Contudo, a suavidade das zonas de percussão, por onde o lapicida começou o traçado da letra, difíceis de detectar inclusivé na base das hastes e junto aos ângulos superiores das mesmas, aproximam-na das várias *MM* usadas desde os Flávios aos Antoninos⁸⁸. No entanto, se, como vimos, a ausência da fórmula de consagração aos Deuses Manes nos impede de entrar demasiadamente no séc. II d.C., a posição do ângulo inferior do *M*, que desce um pouco abaixo das bases das respectivas hastes laterais⁸⁹, e talvez mesmo o próprio carácter maciço do monumento, sugerem-nos uma data provavelmente próxima dos meados do imperialato de Trajano.

O achado de mais dois cipos arciformes nesta zona W. do Município Olisiponense (monumentos n.ºs 1 e 2 deste estudo), não nos deve surpreender. De facto, além dos exemplares com inscrição mencionados ao longo da nota n.º 80, bastantes outros, *actualmente anepígrafos*⁹⁰, provêm de idênticas terras, ou ainda, dentro daquela mesma zona, de lugares diferentes tais como Casal de Pianos⁹¹, Catribana⁹² ou Peroleite⁹³.

Dentro do Mun. Olis., fora da referida área, na qual atingem o seu maior grau de densidade, aparecem ainda abundantemente na zona SW⁹⁴, e esporadicamente noutras, como na NW⁹⁵ e, muito provavelmente, na SE⁹⁶.

Contudo, até à presente data, a sua ausência em *Olisipo* é absoluta⁹⁷.

Na Lusitânia, fora do Município Olisiponense mas ainda no *Conventus Scalabitanus*, conhecemos três exemplares provenientes, respectivamente, de Coimbra⁹⁸, da Lourosa⁹⁹ e de Bobadela¹⁰⁰; por sua vez, no *Conventus Pacensis* encontra-se patente nas ruínas de Tróia (Setúbal), uma sepultura formalmente idêntica, mas de *opus lateritio* e estucada¹⁰¹.

Fora daquela província romana, embora ainda na Península Ibérica, podemos encontrar cipos arciformes em várias necrópoles situadas ao longo da costa Levantina Espanhola, como nas de San Fructuoso¹⁰² e de Belo¹⁰³. Recordemos também a existência deste tipo de sepulturas em vários pontos da Bacia Mediterrânica, nomeadamente no Norte de África¹⁰⁴ e, inclusive, em Itália¹⁰⁵.

No entanto, notemos que cronologicamente, os cipos do Município Olisiponense são, de um modo geral, anteriores aos que acabámos de mencionar¹⁰⁶.

— *Monumento n.º 3* (Est. III, figs. 1, 2, 3 e 4; Est. V, fig. 3; Est. IX, figs. 1 e 2; Est. X):

Bloco paralelepipedico proveniente do lugar de Faião¹⁰⁷, (Est. IV, B); encontrando-se retido para estudo, dará brevemente entrada no Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas.

Apresenta-se bastante deteriorado, sobretudo junto ao canto superior direito, na base e em toda a face esquerda¹⁰⁸.

— Comprimento máximo: 80,5 cm¹⁰⁹

— Espessura média: 29 cm

— Altura máxima: 58 cm

Material: pedra mármore semelhante à dos monumentos n.ºs 1 e 2.

Numa das faces maiores, que chamaremos dianteira, apresenta quatro linhas que, como veremos adiante, constituiriam a parte final de um epitáfio, que teria início num bloco superior; a altura média das letras é, na primeira das linhas que nos restam, de 7,5 cm e nas restantes, de 7 cm¹¹⁰, sendo a profundidade dos traços de cerca de 0,29 cm; a primeira linha dista da segunda 2,5 cm, esta dista da terceira 21 cm e esta da quarta 1 cm; todo o campo epigráfico apresenta nítidos vestígios de ter sofrido uma longa exposição ao ar e conseqüentemente às intempéries, donde resultou uma forte acção erosiva que, além de ter apagado por completo a base de uma linha que seria comum a este bloco e ao superior^{110 bis}, boleou as arestas desta face e, inclusive, as dos próprios caracteres cujo corte por vezes se tornou abaulado; contudo, uma análise directa da epígrafe e sobretudo do seu molde, revela-nos um corte primitivamente incisivo, mesmo o único ponto que a inscrição ostenta¹¹¹ e que, apesar de se encontrar muito arredondado, mostra ter sido inicialmente triangular, embora de traçado bastante imperfeito.

Em várias zonas do bloco, sobretudo nas faces superior, inferior e traseira, detectam-se ainda vestígios de um picado miúdo e denso.

Analisando em seguida estereotomicamente o monumento, convencionaremos, por comodidade de expressão, que a face dianteira será designada por *a* (=Est. III, fig. 1), a superior por *b* (=Est. III, fig. 3), a traseira por *c* (Est. III=fig. 4), a lateral direita por *d* (=Est. III, fig. 2) e a lateral esquerda por *e*; cada aresta, por sua vez, será identificada pelas duas letras referentes às faces a que for comum.

Notemos pois que, ocupando sensivelmente o terço direito de *b*, existe um desnível intencional, a toda a largura da face, cerca de 0,5 cm mais baixo que a restante superfície de *b*; na sua continuação, existe em *c* um desnível correspondente que, estendendo-se por toda a altura desta zona da face, é contudo mais alto cerca de 0,5 cm relativamente ao resto de *c*, ao invés de mais baixo; em *a*, o campo epigráfico encontra-se chegado à esquerda, deixando em branco ao lado direito, mas sem qualquer desnível, uma faixa correspondente ao ressalto de *c*.

No desnível de *b*, junto ao ângulo formado pelas arestas *b-c* e *b-d*, existe um orifício rectangular de 4 cm de comprimento por 2 cm de largura e de 4,2 cm de profundidade; por sua vez, espalhados pela superfície de *c*, encontram-se seis orifícios, três dos quais circulares, dois rectangulares e um longitudinal. Contudo, se é primitivo o orifício situado em *b*, os restantes, contidos em *c*, são de feitura moderna, inclusive mesmo dois rectangulares e um circular situado junto destes, grupo que se encontra incluído numa pequena depressão também rectangular de 7 cm de comprimento, 12 cm de largura e 1 cm de profundidade, a qual foi aberta junto à aresta *c-e*, sensivelmente a meia altura da face; estes últimos orifícios, cujas dimensões laterais podem ser observadas na Est. III-fig. 4, têm uma profundidade comum de cerca de 3,5 cm¹¹².

Descrito estereotomicamente o bloco, poderemos concluir estar perante uma pedra que serviu de cunhal entre a face dianteira e a lateral direita de um monumento cuja inscrição, como veremos adiante, nos obriga a classificar de funerário, provavelmente um pequeno mausoléu¹¹³ semelhante a alguns dos que se encontram patentes nas ruínas de Óstia¹¹⁴, apesar de o exemplar de Faião se mostrar de mais reduzidas dimensões¹¹⁵.

A disposição dos blocos epigráficos na face dianteira deste tipo de monumentos, processa-se geralmente de três modos, a que chamaremos tipo 1, 2 e 3 e que passamos a definir nas suas linhas fundamentais, pondo de lado variantes e excepções:

Tipo 1:

a) Bloco epigráfico com a inscrição centrada.
b) Bloco epigráfico sem funções de cunhal, centrado relativamente ao frontispício do monumento.

c) Bloco epigráfico rodeado por dois paralelepípedos anepígrafos que têm funções de cunhal, cujas faces laterais (*espessura*) afloram no frontispício do monumento, enquanto as faces dianteiras (*comprimento*) pertencem às fachadas laterais da construção.

Como protótipo deste tipo, poderemos tomar o monumento n.º 10 da Via Laurentina (Óstia)¹¹⁶.

Tipo 2:

a) Bloco epigráfico com a inscrição descentrada (à esquerda ou à direita).
b) Bloco epigráfico com funções de cunhal, descentrado (à esquerda ou à direita) relativamente ao frontispício do monumento.

c) Bloco epigráfico cuja face dianteira ocupa praticamente toda a faixa horizontal a que pertence no frontispício do monumento, faixa essa completada por uma das faces laterais (*espessura*) de um paralelepípedo anepígrafo, também com funções de cunhal, cuja face dianteira (*comprimento*) pertence a uma das fachadas laterais da construção.

d) Se a inscrição se apresenta descentrada para o lado esquerdo, deixando assim em branco uma faixa junto da aresta lateral direita do bloco, então a face lateral do referido paralelepípedo anepígrafo aflorará junto à aresta esquerda do frontispício da construção; e inversamente.

e) A faixa em branco da face dianteira do bloco epigráfico corresponde sempre, na face traseira, um desnível onde assenta um paralelepípedo anepígrafo, sem funções de cunhal, colocado perpendicularmente em relação ao referido ressalto e pertencente a uma das fachadas laterais do monumento.

Tipo 3:

a) Bloco epigráfico com a inscrição centrada.
b) Bloco epigráfico com funções de duplo cunhal, ocupando integralmente toda uma faixa horizontal do frontispício do monumento¹¹⁷.



Fig. 1

Estampa VIII

c) Bloco epigráfico que apresenta duas faixas em branco junto às arestas laterais, às quais correspondem, na face traseira, dois desníveis; sobre cada um deles, assenta um paralelepípedo anepígrafo sem funções de cunhal, colocado perpendicularmente em relação ao respectivo ressalto e pertencendo a uma das fachadas laterais do monumento.

Como protótipo deste tipo poderemos tomar o monumento n.º 15, da Via Laurentina (Óstia)¹¹⁸.

Considerando o que acabamos de expor, e relativamente à disposição do bloco epigráfico no frontispício da respectiva construção, o monumento de Faião pertenceria ao tipo 2, com a inscrição descentrada à esquerda¹¹⁹ (Est. XI, fig. 1); o ajustamento entre este bloco e o que lhe assentava perpendicularmente sobre o desnível da fase traseira¹²⁰, era reforçado por um gancho metálico que prendia ambos os paralelepípedos através de dois orifícios rectangulares, cada um dos quais, aberto propositadamente para o efeito na face superior do respectivo bloco¹²¹, como podemos concluir do exame desta face no exemplar que nos resta. Idêntico sistema, cujos vestígios terão desaparecido integralmente com a fractura da zona lateral esquerda do bloco em estudo, consolidaria a sua ligação com o paralelepípedo que, embora pertencente à fachada lateral esquerda do monumento, ostentaria uma das suas faces laterais (*espessura*) no frontispício da construção, lado a lado com o referido bloco epigráfico¹²².



Fig. 2

Relativamente à função do desnível que ocupa o terço direito da face superior do paralelepípedo que temos vindo a analisar, convém primeiramente recordar que estamos perante um monumento cujo aparelho é um *opus quadratum isodomum*, pelo que a disposição dos blocos se alterna sucessivamente entre as várias faixas horizontais da construção de modo a evitar sobreposições de juntas, fortalecendo assim a estrutura do conjunto, pelo que a ordem dos paralelepípedos na faixa superior àquela a que pertenceria o exemplar de Faião, seria inversa à ordem patente nesta última. Assim, o bloco incluído na fachada lateral direita do monumento, cuja face lateral esquerda aflorava no frontispício da construção ao nível daquela faixa superior, assentava o terço esquerdo da sua base sobre o referido desnível da face superior do paralelepípedo em estudo, sistema que tinha em vista uma mais sólida junção dos blocos (Est. XI, fig. 2).

A existência de mausoléus na Lusitânia está, de forma concreta, epigraficamente documentada quer em *Ossonoba*¹²³, quer, inclusive, em *Olisipo*¹²⁴. Outras inscrições existem porém, que, se não falam directamente em mausoléus, referem-se contudo a monumentos funerários de grandes dimensões: estão neste caso duas epígrafes de Mérida¹²⁵ e, precisamente, duas do Município Olisiponense, sendo uma de *Olisipo*¹²⁶ e outra dos seus *agri*¹²⁷. Tais monumentos, pelo menos o de *Olisipo*, poderiam ter sido semelhantes ao de Faião, cuja designação — pequeno mausoléu — é, como já vimos¹²⁸, meramente provisória; acrescente-se ainda que este tipo de construções, a julgar pelos referidos paralelos de Óstia¹²⁹, constituiria apenas

a parte dianteira de conjuntos funerários mais vastos^{130 e 131}, aos quais poderemos aplicar medidas semelhantes às expressas no *C.I.L.II*, n.º 216 (*Olisipo*)¹³². Quanto ao *C.I.L. II*, n.º 266, gravado num bloco de mármore actualmente conservado no Museu Nacional de Arqueologia (N.º E. 8227) notemos, além das suas imponentes dimensões (comprimento: 116 cm; altura: 72,5 cm; espessura: 58 cm), a existência, junto à aresta traseira da face superior, de dois encaixes em forma de cauda de andorinha colocados simetricamente entre si, cada um deles chegado ao respectivo extremo da referida aresta. Este paralelepípedo faria parte de uma construção sepulcral que, juntamente com o respectivo jardim funerário¹³³, constituiria um conjunto monumental certamente grandioso.

Apesar de tudo quanto atrás dissemos sobre a existência de sepulturas deste tipo na Lusitânia, a maioria dos autores refere tais construções como extremamente raras entre nós, acentuando quase sempre a sua hipotética rudeza ou reduzidas dimensões¹³⁴.

A vulgarização destas ideias, que reputamos de erradas, deve-se certamente ao facto de, se excluirmos pela sua ambivalência os *mausoléus-columbários* de Mérida¹³⁵ e o túmulo igualmente híbrido, vulgarmente designado por columbário, patente nas ruínas de Tróia (Setúbal), não se conhecerem na Lusitânia outras construções funerárias susceptíveis de serem classificadas mais ou menos correctamente como *mausoléus*, que tenham chegado relativamente íntegras até aos nossos dias¹³⁶.



Fig. 1

No entanto em muitos dos nossos museus existem blocos que teriam pertencido a tais monumentos e que têm, sob este ponto de vista, passado completamente despercebidos. Este facto resulta do péssimo hábito que os autores têm revelado, quase sem excepção, até hoje, de estudarem exclusivamente as inscrições que tais paralelepípedos possam apresentar, ignorando totalmente as análises estereotómicas e estereométricas dos mesmos.

Contudo, relativamente à zona W. do Município Olisiponense, já Scarlat Lambrino¹³⁷, falando dos túmulos que teriam existido nas cercanias de S. Miguel de Odrinhas sugere que *alguns entre eles deviam ter sido verdadeiros mausoléus*, ideia que lhe surgiu da análise formal de vários monumentos epigráficos da região (nomeadamente do que contém o epitáfio de alguns membros das *gentes Aelia e Julia*)¹³⁸, tese em que mais tarde é seguido por Mário Cardozo, autor que no entanto não deixa de referir a pretensa raridade daquelas construções, entre nós¹³⁹. Por seu lado, J. de Alarcão refere uma inscrição do *Conventus Pacensis*¹⁴⁰ gravada num bloco que classifica, hipoteticamente, como pertencente à verga da porta de um monumento funerário, cujo tipo define do seguinte modo: «*jazigos amplos, por vezes em forma de templo, com seu pórtico de fachada e, na verga da porta, lavrado o nome da família*»¹⁴¹.

Quanto a nós, restringindo-nos à zona W. do Mun. Olis., analisemos sumariamente alguns monumentos que sirvam de apoio à tese que defendemos relativamente à existência naquela zona de pequenos mausoléus.



Fig. 2



Estampa X

1. Também de Faião, provém a peça n.º CXII do Museu de S. Miguel de Odrinhas¹⁴², a qual, morfologicamente, é muito semelhante ao nosso exemplar¹⁴³; bloco igualmente paralelepípedo, de mármore de Pero Pinheiro, tem 79 cm de comprimento, 57 cm de altura e 25 cm de espessura¹⁴⁴; é portanto ligeiramente menor que o monumento que temos vindo a estudar¹⁴⁵. A meia altura da face dianteira apresenta a seguinte inscrição, completamente centrada:

ATILIA.M.F. MAXVMA/H.S. E//¹⁴⁶. Faria certamente parte do frontispício de um pequeno mausoléu, no qual se inseriria, muito provavelmente, segundo os modos descritos nas diversas alíneas do tipo 1¹⁴⁷.

2. Ainda em Faião, foi encontrado um bloco, hoje conservado no Museu de S. Miguel de Odrinhas (sob o n.º CVI), que no *M.A.S.M.O.*¹⁴⁸, vem classificado como «parte da base de um túmulo», o qual subentendemos de tipo *prismático* (Est. XII, fig. 2); contudo, a análise da sua forma e dimensões sugere-nos estarmos perante um elemento de moldura pertencente à fachada dianteira de um pequeno monumento, provavelmente de tipo idêntico ao das torres funerárias que temos vindo a mencionar.

A sua face superior, de 92 cm de comprimento por 36 cm de largura, suportaria provavelmente um paralelepípedo ligeiramente mais curto e menos espesso, de forma a enquadrar-se perfeitamente no frontispício da construção e a deixar ainda destapada uma estreita faixa dianteira na face superior da moldura, como é hábito em monumentos semelhantes, independentemente das suas dimensões¹⁴⁹.

3. O elemento de moldura, pertencente à fachada lateral esquerda de uma construção semelhante, ao qual nos referimos já na nota n.º 130¹⁵⁰, forma, na sua zona esculpura, um ângulo cujo lado maior estaria incluído naquela fachada, enquanto o lado menor pertenceria já ao frontispício do monumento (Est. XII, fig. 3); na face vertical de maiores dimensões, quase não aparelhada, que ficava voltada para o interior da construção, apresenta, na zona que estaria mais próxima da fachada dianteira deste provável mausoléu, um desnível destinado a facilitar a junção com o elemento de moldura pertencente ao frontispício da construção; estes dois blocos, que estariam dispostos perpendicularmente entre si, reforçavam a sua ligação através de um conjunto duplo de encaixes em forma de cauda de andorinha, metade do qual podemos ainda observar no exemplar da Amoreira, situado junto à aresta superior do desnível acima mencionado (Est. XII, fig. 5). Junto à face vertical de menores dimensões, quase não aparelhada, deste bloco¹⁵¹, existe um desnível rectangular, o qual apresenta junto a um dos seus ângulos interiores um orifício formalmente

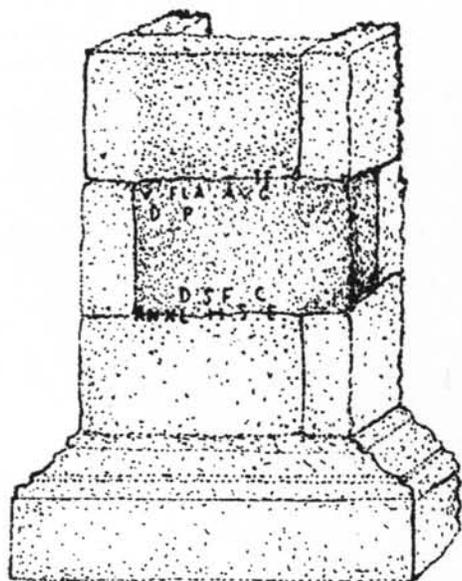


Fig. 1

Estampa XI

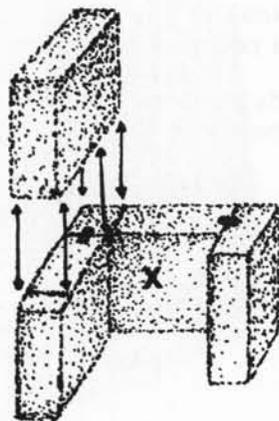


Fig. 2

idêntico (Est. XII, fig. 4); este conjunto, serviria certamente de encaixe vertical a um dos paralelepípedos pertencentes à fachada traseira da torre. Quanto às dimensões da face superior deste elemento de moldura (98 cm de comprimento por 33 cm de largura¹⁵²) coadunam-se regularmente com as dos blocos paralelepipedicos que nesta região W. do Município Olisiponense temos vindo a atribuir a este tipo de construção.

4. Mário Cardozo, falando das estelas de topo arredondado que se encontram com relativa abundância no Mun. Olis., principalmente nesta zona W.¹⁵³, considera-as «*cabeceiras de sepulturas, bastante estreitas em relação à sua altura*», «*e de tamanho suficiente para ficarem solidamente cravadas no terreno, junto dos despojos mortais das pessoas a que essas memórias eram dedicadas*»¹⁵⁴. Contudo, noutras regiões do Império, estas estelas serviam muitas vezes de marcos delimitativos da área ocupada por sepulturas de dimensões apreciáveis, tais como mausoléus ou columbários, o que inclusive observamos em grande número de monumentos da já referida necrópole da Via Laurentina (Óstia)¹⁵⁵; e, se a maior parte das inscrições que as lápides de Óstia ostentam terminam pelas medidas relativas às áreas das respectivas construções funerárias, facto que nunca se verifica nas estelas do Município Olisiponense, podemos no entanto citar dois exemplos naquela necrópole italiana, onde tal não acontece¹⁵⁶. Por outro lado, se nos lembrarmos da raridade de indicações dimensionais em inscrições lusitanas¹⁵⁷, contrastando com a vulgaridade que estas fórmulas gozam noutras zonas do Império, nomeadamente em Itália¹⁵⁸, não estranharemos a diversidade dos referidos epitáfios do Mun. Olis., relativamente aos de Óstia. Contudo, existe uma diferença notória entre as estelas da zona W. do Município, comparativamente às de *Olisipo* e às daquele porto italiano; assim, enquanto que as alturas destas últimas medeiam entre os 100 cm e os 125 cm, o exemplar completo de menor altura conservado no Museu de S. Miguel de Odrinhas atinge os 198 cm,¹⁵⁹ havendo mesmo outros que chegam a elevar-se a cerca de 300 cm¹⁶⁰; por outro lado, em relação à largura e à espessura, as estelas de Óstia são cerca de um terço menores que as suas correspondentes do Município Olisiponense. Não deixámos no entanto de referir aqui tais monumentos, pela sua possível ligação no supracitado Município, com construções funerárias de avultadas dimensões, entre as quais, além de columbários¹⁶¹, haveria certamente sepúlcros semelhantes a pequenos mausoléus.

De tudo o que atrás expusémos, podemos legitimamente afirmar a viabilidade da existência, não demasiadamente rara, deste tipo de monumentos entre nós, pelo menos no Mun. Olis. ou, mais concretamente, nas suas zonas W. e SE.

A Inscrição (Est. V, fig. 3 e Est. X)

/ . FLA AVG
D P

D S F C
/ I H S

— 1.^a linha:

Como já atrás dissémos, esta inscrição iniciar-se-ia noutro paralelepípedo que, relativamente ao bloco que nos resta, lhe estaria justaposto por cima, na fachada dianteira da construção funerária a que ambos pertenceriam; naquela parte do monumento, actualmente perdida, além de uma provável evocação aos Deuses Manes, dos vários elementos do nome do defunto e de possíveis indicações relativas à sua filiação e

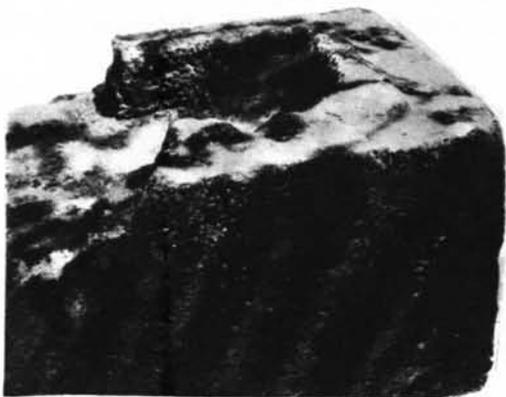


Fig. 1

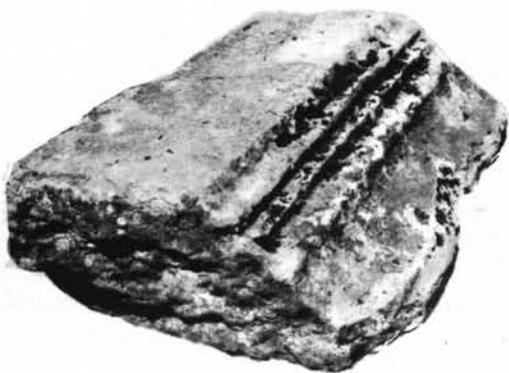


Fig. 2

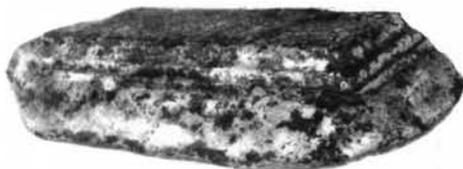


Fig. 3



Fig. 4

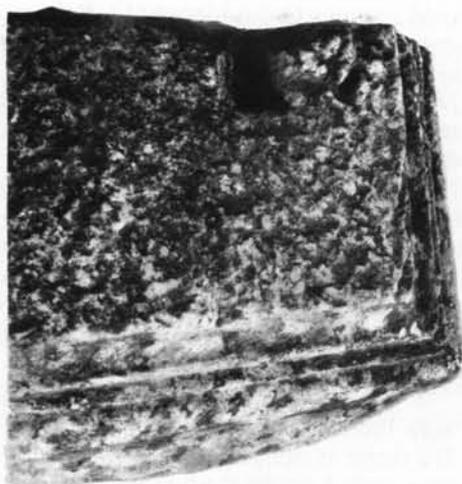


Fig. 5

tribo, encontrar-se-iam igualmente gravados os primeiros cargos do *cursus honorum* que vem a terminar na primeira linha do exemplar que temos vindo a analisar, a qual desenvolveremos do seguinte modo:

*V(ir).FLA(men) AVG(ustalis)*¹⁶²

O *V* com que se inicia esta primeira linha está, devido à grande deterioração desta zona do bloco, praticamente reduzido à sua metade direita. Contudo, a reconstrução da letra não oferece quaisquer dúvidas.

O desenvolvimento *V(ir)*, resulta do contexto que as duas palavras que se lhe seguem conferem ao *cursus honorum* do defunto; supõe-se ainda, no final da última linha do bloco superior¹⁶³, a existência dos numerais *II* que, conjuntamente com o referido *V*, interpretaremos como *Duumvir*^{164 e 165}. O *F* da abreviatura seguinte, está praticamente reduzido à sua haste vertical, devido à deterioração desta zona do campo epigráfico; no entanto, uma observação atenta da epígrafe com o emprego de luz rasante vertical e, sobretudo, o exame do seu molde, revela o início da barra inferior da letra, não havendo por conseguinte que duvidar da sua interpretação.

A palavra *Flamen*, normalmente abreviada em *FL* ou *FLAM*¹⁶⁶, só muito raramente é indicada através da abreviatura *FLA*¹⁶⁷.

Contudo, o seu desenvolvimento normal, *FLA(vialis)*¹⁶⁸, não nos parece historicamente aplicável numa inscrição peninsular, e muito menos numa inscrição do *Conventus Scalabitanus*.

De facto, os *Seviri Augustales Flaviales (vel Flaviales Augustales)*, relativamente vulgares em várias zonas do Império¹⁶⁹, são completamente inexistentes na Hispânia¹⁷⁰. Por outro lado e pondo já de parte a questão dos *Flaviales*, observemos que os próprios *Seviri Augustales* patentes em inscrições peninsulares se distribuem sobretudo na *Baetica* e na *Tarraconensis*¹⁷¹, contrapondo-se aos *Augustales* que, abundantes na Lusitânia, rareiam proporcionalmente nas províncias da *Citerior*, as quais, reunidas, apresentam apenas o mesmo número de *Augustales* que ostenta, sozinho, o Município Olisiponense¹⁷². Pelo que acabámos de expor, vemos que é totalmente improvável o desenvolvimento *FLA(vialis)* relativamente à abreviatura que temos vindo a analisar, desenvolvimento que acarretaria ainda a interpretação de *[IIIIII] V(ir).AVG(ustalis)* para as restantes abreviaturas desta primeira linha do monumento, o que também não seria fácil de admitir. A datação que faremos da epígrafe, na parte final deste estudo¹⁷³, reforça ainda mais a inviabilidade desta interpretação¹⁷⁴.

Voltando à leitura *FLA(men)*, notemos que este tipo de abreviaturas, nas quais as palavras são divididas pelo final das sílabas, apesar de relativamente raro, se encontra razoavelmente documentado no Município Olisiponense. Assim, uma inscrição de *Olisipo* e três dos seus *agri* apresentam respectivamente *ANNO(rum)* ou *AN(n) O(rum)*¹⁷⁵; uma daquela cidade, *CAE(sari)*¹⁷⁶; e, hipoteticamente, ainda outra, dos *Agri. LI(bens)*¹⁷⁷.

Um paralelo absoluto para esta abreviatura da epígrafe de Faião, dentro da Península Ibérica, pode no entanto existir numa inscrição de *Baetulo (Tarraconensis)*¹⁷⁸. De facto, o documento em que Hübner se baseou ao recolhê-la no *C.I.L.II*, apresenta-a com a abreviatura *FLA(men)* no início da terceira linha, versão que aquele autor emenda para *FLAm(en)*. Sabendo, todavia, que Hübner não chegou a ver o monumento, pois refere-o como tendo sido entretanto aproveitado na construção (ou reconstrução) da Igreja de St.^a Maria de Badalona, não nos repugna aceitar a versão primitiva daquela inscrição, a qual menciona um *AED(ii)IIVIR (= Duumvir) / FLA(men). ROMAE. ET. AVGVSTOR(um).* -

— 2.^a linha:

D(onum) P(osuit)

Esta fórmula, geralmente muito vulgar em qualquer parte do Império Romano¹⁷⁹, aparece contudo agora pela primeira vez na zona W. do Município Olisiponense e, segundo cremos, a sua raridade pode estender-se às restantes zonas do Município.

— 3.^a linha:

D(e) S(uo) F(aciendum) C(uravit)

A fórmula que preenche esta linha, apesar de não ser demasiadamente vulgar em *Olisipo* e nos seus *agri*, encontra-se todavia documentada em quase todas as zonas do Município¹⁸⁰.

— 4.^a linha:

[AN(norum)]XL(?) H(ic) S(itus) [E(st)]

No início desta linha, que se encontra muito deteriorado, depois de um espaço onde caberiam duas letras (que a terem existido, desapareceram integralmente), estão patentes as partes superiores de duas hastes, a primeira inclinada e a segunda vertical, vestígios que podemos respectivamente atribuir a um X ou V, e a um L ou I.

Adoptando, como mais viável, a primeira hipótese proposta para cada um dos traços, obteremos o conjunto XL, que interpretamos como a idade em que morreu o personagem sepultado naquele monumento, subentendendo a abreviatura *[AN(norum)]* no princípio da linha que estamos a analisar.

A posição invulgar que neste epitáfio ocupa a idade do defunto, é perfeitamente explicável, se pensarmos que muitas vezes este tipo de construções funerárias, assaz grandiosas, eram construídas durante a vida de quem lá ia ser sepultado, pelo que a idade do defunto e as fórmulas finais (*H.S.E.*) frequentemente ou não eram usadas¹⁸¹, ou acabavam por ser gravadas no final da inscrição, depois de ocorrida a morte do detentor do monumento.

Apesar de não haver no texto do epitáfio menção expressa da sua construção durante a vida do proprietário, o contexto geral da inscrição, nomeadamente a aplicação simultânea das fórmulas das linhas 2 e 3, aponta-nos para tal facto¹⁸². Por sua vez, o quantitativo de 40 anos com que teria morrido este sacerdote do culto imperial, coaduna-se bastante bem com o que sabemos a respeito da idade em que um indivíduo atingia normalmente o flaminato (c. de 30 anos)¹⁸³, assemelhando-se ainda ao caso de um *flamen* de Aurgi (Baetica)¹⁸⁴, morto aos 38 anos.

Esta linha contém ainda a vulgaríssima fórmula *H(ic) S(itus) E(st)*, da qual restam apenas as duas primeiras letras, pois que a deterioração desta zona do bloco afectou por completo o *E* com que finalizaria a inscrição.

Notemos ainda que as únicas duas letras intactas da quarta linha, o *H* e o *S*, se encontram reduzidas aproximadamente aos respectivos dois terços superiores, pois as suas bases estariam certamente gravadas no bloco que, na fachada dianteira do monumento, se justaporaria por baixo do presente exemplar.

Ao tentarmos uma reconstituição global do epitáfio, recordemos que, dentro dum Município, antes de se atingir o elevado cargo de *Flamen Augustal*, se passava sucessivamente pelos cargos de *Aedilis* e *Duumvir*¹⁸⁵; estes elementos, muitas vezes omissos em epígrafes relativamente breves¹⁸⁶, são no entanto expressos com uma certa frequência em inscrições mais extensas¹⁸⁷.

Hipótese de Reconstituição. (Est. XI, fig. 1);

— Bloco superior¹⁸⁸ *[DIS. MANIB]*
[Praenomen; nomen]
[filiação; GAL; co-]
[gnomen; — AED — (?) II —]

— Bloco existente V. FLA AVG
 DP
 D S F C
 [A N.] X L(?) H S [E]

[DÍIS MANIB(us)¹⁸⁹ / Praenomen; nomen / filiação¹⁹⁰; GAL(eria tribu)¹⁹¹; co-Ignomen AED(ilis) (?)II] / V(ir) (=Duumvir) FLA(men) AVG(ustalis) / D(onum) P(osuit) / D(e) S(uo) F(aciendum) C(uravit) / [AN(norum).] XL¹⁹² H(ic) S(itus) [E(st)] //

[Aos Deuses Manes, Fulano, filho de Fulano (e filiado na tribo). Galéria, Edil(?), Duún]viro(e)Flamen Augustal (ou de Augusto), erigiu(esta) dádiva; mandou(-a) executar à sua própria custa. (Morto) aos 40 [anos] (de idade)¹⁹³. [está] aqui sepultado.

O monumento cujo texto acabámos de analisar revela-nos pois a existência no Município Olisiponense de mais um *flamen augustalis*, o qual, juntamente com *L. Iulius Maelo Caudicus, flamen Divi Augusti*¹⁹⁴ e *Q. Iulius Q.F. Gal Plotus, Aedilis, II vir, flamen Germanici Caesaris, flamen Iuliae Augustae*¹⁹⁵, passa a fazer parte de um já vasto conjunto de testemunhos, demonstrativo da intensidade atingida pelo culto imperial em *Olisipo* e em certas zonas dos seus *agri*¹⁹⁶.

A relativa raridade de tais sacerdotes no Município, é só por si factor suficiente para conferir um elevado valor histórico à epígrafe de Faião. Contudo, na nossa opinião, a sua principal importância reside no carácter funerário do texto.

Assim, recordemos que as actividades destes *flamines* na zona W. do Município, segundo o testemunho do *C.I.L. II*, n.º 260, pareciam não ir muito além da concessão esporádica de alguns benefícios ao povo da região, tal como o teria feito *L. Iulius Maelo Caudicus* relativamente à construção da fonte de Armês, personagem que V. Correia imagina «habitante de Olisipo e possuidor duma quinta¹⁹⁷ no lugar de Armez¹⁹⁸». No entanto, verificamos que o *flamen Augustalis* referido na epígrafe de Faião, cujo cargo era, por definição, essencialmente urbano¹⁹⁹, constituindo ainda o título honorífico mais elevado que se poderia pretender alcançar através da carreira municipal²⁰⁰, se veio enterrar longe de Olisipo, num monumento assaz sumptuoso que mandara expressamente construir, enquanto vivo.

Quais seriam pois as razões que prenderiam aquele sacerdote do culto imperial à região de Faião, de molde a escolhê-la para a edificação do seu *mausoleum*?

Poderemos pensar em situar aí um dos «logares importantes» (=vici.?) que Hübner sugeriu terem existido espalhados pelos *Agri Olisiponensis*²⁰¹?

Apesar do elevado número de monumentos epigráficos, sobretudo funerários, encontrados entre aquela região e a de S. Miguel de Odrinhas, só a realização de futuras escavações metódicas e a análise exaustiva das inscrições que entretanto forem aparecendo, nos poderão ajudar a responder a tais questões.

Paleograficamente, podemos notar nesta epígrafe uma certa influência da *capital actúaria*, nomeadamente nos AA, em que a haste direita se prolonga para cima e no G, em espiral.

Para o referido tipo de AA, não encontrámos todavia nenhum paralelo perfeito, tendo sido uma inscrição Tarraconense, datável dos inícios do séc. II d.C., a que nos revelou exemplares mais semelhantes²⁰². Contudo, já desde Augusto se nota o referido prolongamento da haste direita de certos AA, se bem que em reduzidíssima escala²⁰³, uso que se prolonga durante a época de Tibério²⁰⁴.

Quanto ao supracitado G, costumam os autores colocá-lo, teoricamente, já nos séc. II ou III d.C.²⁰⁵.

Porém, na *Lusitania*, dentro do *Conventus Scalabitanus*, conhecemos dois monumentos respectivamente datáveis dos imperialatos de Cláudio e de Nero, os quais contêm vários *GG* perfeitamente idênticos ao exemplar de Faião²⁰⁶.

Da zona W. do Município Olisiponense, provêm também duas epígrafes ostentando *GG* em espiral, contudo um pouco diversos do que temos vindo a estudar²⁰⁷.

Relativamente à primeira, refere V. Correia as suas letras «belamente desenhadas e gravadas²⁰⁸», linguagem que nos autores daquela época sugere o séc. I d.C.

A outra, segundo Mário Cardozo²⁰⁹, seria datável, precisamente por causa do *G* que ostenta, dos séc.^s II-III d.C.; no entanto, um estudo paleográfico das restantes letras da epígrafe, sobretudo dos seus *EE* (I.2) e *F* (I.3), aponta-nos para uma data próxima dos finais do séc. I d.C., ou inícios do séc. II²¹⁰.

Das restantes letras da inscrição de Faião, analisemos ainda, por serem susceptíveis de contribuir para a datação do monumento, o *F* da terceira linha e o *C*.

O *F*, apesar de apresentar a sua barra inferior um pouco mais curta que a superior, pode ser francamente colocado no séc. I d.C.

De facto, apesar do que os autores afirmam teoricamente sobre este tipo de *FF*²¹¹, já no terceiro quartel do séc. I a.C. o podemos encontrar²¹², prolongando-se o seu uso durante o imperialato de Augusto e por quase todo o séc. I d.C.²¹³.

Recordemos ainda, no *Conventus Scalabitanus*, uma inscrição de Lorrão atribuída por Leite de Vasconcelos a este século²¹⁴, a qual ostenta dois *FF* quase idênticos ao da epígrafe de Faião, respectivamente nas ll. 4 e 5²¹⁵.

Finalmente, notemos que para o *C*, cuja forma é sobretudo vulgar no período dos Flávios²¹⁶, existem antecedentes de certo modo semelhantes, datáveis ainda do imperialato de Augusto²¹⁷.

Relativamente ao uso de abreviaturas do tipo *FLA(men)*, costumam os autores restringi-lo ao sec. I d.C.²¹⁸; no entanto, se for correcta a versão apresentada por Hübner relativamente ao *C.I.L. II* n.º 187²¹⁹, teremos que admitir a existência em *Olisipo* de uma daquelas abreviaturas, numa época já próxima dos finais do séc. II d.C.²²⁰.

Por sua vez, as outras duas inscrições do Município Olisiponense referentes a *flamines augustales* datam ambas da época de Tibério²²¹.

Contudo, a provável evocação aos Deuses Manes, que atrás sugerimos ter existido no monumento de Faião, impede-nos de atribuir ao presente *flamen* uma data semelhante²²². No entanto, as dimensões das linhas da epígrafe, bem como os outros elementos datáveis do monumento, fizeram-nos propor a abreviatura *DÍIS.MANIB(us)* para esta fórmula, abreviatura que, muito próxima da versão por extenso, revela uma certa antiguidade²²³. F. Bandeira Ferreira, ao estudar o já citado monumento n.º XI do *M.A.S.M.O.*²²⁴, não hesita em atribuí-lo ao séc. I d.C., apesar de reconstituir a primeira linha da respectiva inscrição em *DÍIS MAN(ibus)*, contrariamente a Mário Cardozo²²⁵ que preferiu a versão *DÍIS MANIB(us)*, realmente mais conforme com datação proposta por aquele autor.

Por outro lado, o facto de ter sido Augusto o grande impulsionador do uso desta fórmula²²⁶ poderá ajudar a justificar o seu emprego na epígrafe de Faião, que, como vimos, foi mandada gravar por um sacerdote do culto imperial.

Outro factor que pode contribuir para a datação do monumento, é o orifício rectangular patente na face superior do bloco. O sistema de ligação de que fazia parte incluía, como atrás demonstrámos, o uso de ganchos metálicos.

Segundo G. Lugli²²⁷, este dispositivo surgiu nos finais da República, substituindo em breve espaço de tempo, as clássicas *caudas de andorinha*. Porém, estes dois sistemas devem ter coexistido no Município Olisiponense até cerca dos finais do séc. I d.C., pelo que nos é dado observar nos blocos do *proscænium* do teatro de Olisipo recentemente redescoberto²²⁸, e no paralelepípedo onde está gravada a inscrição n.º 266 do *C.I.L. II*, ao qual já acima nos referimos, nomeadamente na p. 292²²⁹.

Contudo, a adopção do sistema de ganchos no monumento de Faião sugere, para o mesmo, uma data não demasiadamente recuada.

Procurando conjugar todos os factores¹ que acabámos de expôr, propomos para esta construção funerária dos *Agri Olisiponensis* uma data centralizada na primeira metade do terceiro quartel do séc. I d.C.:

O *flamen augustalis* a que a presente inscrição se refere teria pois exercido as suas funções muito provavelmente durante o imperialato de Nero, ao qual a cidade de Olisipo dedicou pelo menos dois monumentos²³⁰, apesar da profunda crise que então atravessava o culto imperial²³¹.

The A. studies three unpublished epigraphic funerary monuments of the Roman period, from the west part of the Olisiponensis Municipium and, at the same time, presents a systematization of various problems of the Roman Epigraphy of the Municipium, in order to try a coherent Historical and Epigraphic frame to the monuments in question.

Two of them are described as cipos de secção arciforme (cipi with section in forme of a semi-circular arch), and the third has belonged to the corner of a funerary fower.

The inscripton carved on this last stone mentions a Flamen Augustalis, and one of the cipi has been on the grave of a Romanized celtic.

Chronologically, the three monuments can be situated in the second half of the first century and in the first half of the second century D.C.

LEGENDAS

ESTAMPAS e FIGURAS

Estampa I - Levantamento à escala de 1:200.000 da área correspondente à zona W. do Município Olisiponense

- - - *cumeada do hemicírculo montanhoso*

● 206 (vel simile): *cota altimétrica*

* *Locais donde (ou de cuja região) provêm os monumentos a que neste estudo damos os n.ºs 1, 2 e 3*

■ *Locais onde foram achados os outros monumentos da época romana, provenientes da zona W. do Mun. Olis., citados ao longo deste trabalho*

○ *Cabeça de concelho*

○ *Outras terras, lugares e sítios*

1 - Paço de Ilhas; 2 - Ericeira; 3 - Mafra; 4 - Peroleite; 5 - Cortezia; 6 - Assafora; 7 - Catribana; 8 - Cornadelas; 9 - Areias; 10 - Amoreira; 11 - Alvarinhos; 12 - S. Miguel de Odrinhas; 13 - Barreira; 14 - Funchal; 15 - Almorquim; 16 - Almarjão; 17 - Odrinhas; 18 - Cheleiros; 19 - Negrais; 20 - Pianos; 21 - S. João das Lampas; 22 - Faião; 23 - Silva; 24 - Cabrela; 25 - Casais de Cabrela; 26 - Montelavar; 27 - Pero Pinheiro; 28 - Granja dos Serrões; 29 - Casal das Vivas; 30 - Almargem do Bispo; 31 - Terrugem; 32 - Armês; 33 - Lameiras; 34 - Fação; 35 - Vila Verde; 36 - Janas; 37 - Morelinho; 38 - St.º Amaro; 39 - Lourel; 40 - S. Romão; 41 - Colares; 42 - Galamares; 43 - Madre de Deus; 44 - Sintra; 45 - Queluz

Estampa II - Fig. 1 - Monumento n.º 1 — face epigráfica (escala de 1:20); Fig. 2 - Monumento n.º 1 — observado de lado (escala de 1:20); Fig. 3 - Monumento n.º 1 — corte transversal (escala de 1:20); Fig. 4 - Monumento n.º 1 — cavidade interior e respectivas faixas laterais (escala de 1:20); Fig. 5 - Monumento n.º 2 — observado de lado (escala 1:20); Fig. 6 - Monumento n.º 2 — face epigráfica (escala de 1:20)

Estampa III - Fig. 1 - Monumento n.º 3 — face epigráfica (escala de 1:20); Fig. 2 - Monumento n.º 3 — face lateral direita (escala de 1:20); Fig. 3 - Monumento n.º 3 — face superior (escala de 1:20); Fig. 4 - Monumento n.º 3 — face traseira (escala de 1:20)

Estampa IV - Levantamento à escala de 1:4.000 do lugar de Faião. Junto ao canto inferior direito, as primeiras casas do lugar de Silva. X - Cume da pequena elevação denominada Currais Velhos; A - Ponto onde localizámos o monumento n.º 2; B - Ponto onde localizámos o monumento n.º 3

Estampa V - Fig. 1 - Monumento n.º 1 — inscrição (escala de 1:10); Fig. 2 - Monumento n.º 2 — zona perceptível da inscrição (escala de 1:10); Fig. 3 - Monumento n.º 3 — inscrição (escala de 1:10)

Estampa VI - Fig. 1 - Monumento n.º 1 — observado a 3/4; Fig. 2, — Monumento n.º 1 — cavidade interior e respectivas faixas laterais

Estampa VII - Fig. 1 - Monumento n.º 1 — inscrição; Fig. 2 - Monumento n.º 2 — observado de lado.

Estampa VIII - Fig. 1 - Monumento n.º 2 — face epigráfica; Fig. 2 - Monumento n.º 2 — zona perceptível da inscrição

Estampa IX - Fig. 1 - Monumento n.º 3 — face epigráfica; Fig. 2 - Monumento n.º 3 — face traseira (e face superior)

Estampa X - Monumento n.º 3 — inscrição

Estampa XI - Fig. 1 - Reconstituição provável de parte da construção funerária a que pertenceria o monumento n.º 3 (zona levemente mais carregada, por cima do bloco existente: área que primitivamente conteria a primeira parte da inscrição); Fig. 2 - Pormenor dos sistemas de ligação entre o monumento n.º 3 e alguns dos blocos que se lhe justaporiam directamente. X - Bloco existente (faces traseira e superior)

Estampa XII - Fig. 1 - M.A.S.M.O., n.º XXV (S. Miguel de Odrinhas) — pormenor da cavidade destinada a receber a incineração, e respectivas molduras laterais; Fig. 2 - M.A.S.M.O., n.º CVI (Faião); Fig. 3 - M.A.S.M.O., n.º CXXVI (Amoreira); Fig. 4 - M.A.S.M.O., n.º CXXVI — pormenor do sistema de encaixes existente junto à face que estaria voltada para as traseiras da torre funerária, a que este elemento de moldura pertenceria; Fig. 5 - M.A.S.M.O., n.º CXXVI — pormenor do encaixe, em forma de cauda de andorinha, que faria parte do dispositivo de ligação entre este bloco e o elemento de moldura pertencente ao frontispício da construção.

NOTAS

- 1 José de Oliveira Boléo, *Sintra e Seu Termo*, Lisboa, 1940, pp. 66-69.
- 2 *C.I.L. II*, n.ºs 299 e 301.
- 3 José Leite de Vasconcelos, *Inscrição Romana de Sintra*, in «O Archeólogo Português», XIX, 1914, p. 84.
- 4 Joaquim Fontes, *Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas (= M.A.S.M.O.)*, (3.ª edição revista e actualizada por D. Fernando de Almeida, Sintra, 1975), n.º LXXXIV (= *C.I.L. II*, n.º 297) e CXI.
- 5 Os monumentos conservados no Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas que mencionaremos no decorrer deste trabalho serão quase sempre referenciados em relação ao *M.A.S.M.O.*, tornando-se assim mais uniforme a sua seriação já que, de um modo geral, apenas as inscrições estão publicadas fora do referido catálogo: quanto a estas, e tendo em vista um estudo mais aprofundado das mesmas, devem ser consultados os seguintes trabalhos de Mário Cardozo: *Catálogo das Inscrições Lapidares do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas (= CAT. I. L.)*, Sintra, 1956—(monumentos n.ºs I a VI, VIII a XVII, XXI, XXII e LXVI a LXXII; *Novas Inscrições Romanas do Museu Arqueológico de Odrinhas (Sintra)*, (= *N.I.R.*) separata da «Revista de Guimarães», LXVIII, 1958—(monumentos n.ºs LXXXIII = *N.I.R.* n.º 3, LXXXIV = *N.I.R.* n.º 13, LXXXV = *N.I.R.* n.º 1, XC = *N.I.R.* n.º 10, XCII = *N.I.R.* n.º 8, XCIII = *N.I.R.* n.º 12, XCIV = *N.I.R.* n.º 5, XCVII = *N.I.R.* n.º 7, XCVIII = *N.I.R.* n.º 9, CXI = *N.I.R.* n.º 11, CXII = *N.I.R.* n.º 4, CXIII = *N.I.R.* n.º 2, CXIV = *N.I.R.* n.º 6 e CXV = *N.I.R.* n.º 14; e *Novas Inscrições Lusitano-Romanas do Museu de São Miguel de Odrinhas (Sintra)*, (= *N.I.L.R.*), in «Revista de Guimarães», LXXI, 1961, pp. 265 ss., n.ºs XCV, CXXI a CXXIV, CXXVIII, CXXIX, CXXXV e CXXXVII a CXXXIX.
- 6 *C.I.L. II*, n.º 304.
- 7 *C.I.L. II*, n.ºs 274, 294, 305 e 307; *M.A.S.M.O.*, n.ºs XCIV, XCVII, CXII, CXIV, CXXIV e CXLV.
- 8 *M.A.S.M.O.*, n.ºs LXVIII, LXXI e CXIII.
- 9 *C.I.L. II*, n.ºs 267 (= *M.A.S.M.O.*, n.º IV), 279 (= *M.A.S.M.O.*, n.º XXI), 283, 287, 295, 298, 303 (= *M.A.S.M.O.*, n.º X), 312 (= *M.A.S.M.O.*, n.º II), 323 (= *M.A.S.M.O.*, n.º XII), 5013, 5018, 5019, 5020 (= *M.A.S.M.O.*, n.º IX) 5023 (= *M.A.S.M.O.*, n.º LXXXIII), 5024 e *M.A.S.M.O.*, n.ºs I, III, V, VI, VIII, XVI, XVII, LXXXV e CXIII.
- 10 *C.I.L. II*, n.ºs 281 e 311.
- 11 *C.I.L. II*, n.º 5010 — Hübner regista esta inscrição a partir do «Anonymus Neapolitanus», p. 38, n.º 44, onde se lê ser proveniente de «Poianos» lugar que o autor do *C.I.L. II* identifica com *Poiães* (p. 1218 e mapa dos «Vicinia Olisiponis»), actualmente no concelho de Loures. Justino Mendes de Almeida e Fernando Bandeira Ferreira, em *Nótulas Acerca do «Anonymus Neapolitanus»*, in *Varia Epigraphica*, XXII, in «Revista de Guimarães», LXXVII, 1967, pp. 58 ss., identificam o topónimo Poianos com Pianos (Casal de, Lomba de), na freguesia de S. João das Lampas, concelho de Sintra, através da análise do «*Anon. Neap.*», onde o monumento em questão se encontra referido, depois dos da foz da Ribeira de Colares e antes dos de S. Miguel de Odrinhas, o que seria lógico para um viajante que, pelo litoral, percorresse aquela região.

Contudo, a hipótese sugerida pelos referidos autores pode ser provada documentalmente. No «Registro das cidades, vilas e logares / q ha em esta comarca da estremadura», ms. de 1527, existente na Torre do Tombo (*Núcleo Antigo — 293*), na folha 60, linha 9, lemos a expressão «vjmtana depoyanos», entre as várias vintanas do termo da «vila de Simtra» (A. Braamcamp Freire, ao publicar este documento no «Arquivo Histórico Português», vol. VI, Lisboa, 1908, escreve na p. 257 «vintana de poyarros», manifesto erro de leitura, pois no ms. está bem patente a forma *poyanos*); noutro ms. também conservado no Arquivo Nacional, intitulado «Cirtidam dos uesinhos de Cadahuma/ da uillas da Comarca de torres uedras...», datado de 25 de Setembro de 1640 (*ms. n.º 1194 da livraria*), lê-se na 1.ª linha da p. 49 «Nauintena de proianos...» (sic); Já João Martins da Silva Marques, quando publica este documento no n.º XXXI dos seus «Sintra. Estudos Históricos», (in «Jornal de Sintra», ano VI, n.º 257, de 8-1-1939, pp. 7 e 36) nota que «quer por êrro do copista, quer por outro motivo, a toponímia está deturpadíssima» [não tanto embora como S. Marques apresenta na sua leitura: assim, por exemplo, onde lê «*canas*, está na verdade escrito «*ianas*» (p. 47, 3.ª l.); onde lê «*facanha* («*ha os lugares seguintes*»), está «*faian ha*» («os lugares seguintes») — (f. 48v., 1.ª l.), etc.; mas a grafia «*proianos*» está, de facto, patente no ms.]; esta «*gralha*» está manifestamente por «*poianos*» (grafia idêntica à do «*Anon. Neap.*»), vintana na qual o ms. inclui os lugares da Togeira, Monservia, Catribana e Cortesia; está, pois, demonstrada cabalmente a identificação *Poianos* > *Pianos*.

No *Diccionario Geographico de Portugal*, compilado pelo P.º Luiz Cardozo, podemos ler também a forma *Poianos*, na linha 20 da p. 2259; esta mesma forma apresenta-nos o autor da *Cintra Pinturesca*, provavelmente o Visconde de Juromenha, na p. 147 da edição de 1838; contudo, já uma carta náutica gravada em França em 1816 («*Côte de Portugal du Cap. Silleiro*

jusqu'à la Barre de Huelba», de M. Ciera e M. Franzini), nos mostra a versão «Pianos»; e a primeira carta corográfica regular do País (à escala de 1:100 000), levantada entre 1853 e 1893 sob a direcção do Conselheiro F. Folque, na folha 23, datada de 1865, apresenta definitivamente a forma «Piannos» que, sob a grafia *Pianos* se oficializa desde então.

Pretendem os supracitados autores da *Varia Epigraphica* fazer derivar «Poiancs» de Paio Anes (?), através de *Pianes*, forma completamente inexistente nas obras e documentos mais antigos que consultámos, e que conhecemos apenas do *Dicionário Corográfico de Portugal Continental e Insular* de Américo Costa, Porto, 1947, vol. PIA — QUINTA DO MONIZ, p. 10, 1.ª col.

Quer-nos parecer, porém, que a raiz de Poianos é a mesma que existe em *poia*, *poio* e *poial*, ou seja, o latim *podium*, através das formas *poium* e *poius* [Cfr. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, de António de Moraes Silva (10.ª edição), Lisboa, 1955, vol. VIII, p. 431, 2.ª col. e p. 432, 2.ª col.; e *Glossarium Mediae et Infimae Latinitatis*, de D. Du Cange, Paris 1938, vol. VI, p. 381, 3.ª col. e p. 392, 3.ª col.]; teríamos pois **Podianus* > *Poyanus* > *Poianus* > *Pianos* (= *Piannos*) e o significado do topónimo seria semelhante ao dado por J. de S. R. Viterbo no seu *Elucidário* (edição de 1966), em relação à palavra «*πογο*» (vol. II, p. 49, 1.ª e 2.ª cols.) — «monte, outeiro ou colina mais alta e acumiada», significado que convém ao lugar de que tratamos, sobretudo na sua zona Norte (Lomba de Pianos).

A alternância *Poianos/Pianos* seria idêntica à de *poial/pial*, que está documentada nas nossas províncias do Alentejo e Algarve (Cfr. *Dialectos Alentejanos* de J. Leite de Vasconcelos, in «*Revista Lusitana*», vol. IV, 1895-96, pp. 70; *Miscellanea*, do mesmo autor, no vol. XII, 1909, da mesma revista, p. 143; e *Cozinha Alentejana*, também de J. L. de V., in «*Boletim de Etnografia*», n.º 2, Lisboa, 1923, p. 36).

Pelo nosso lado, encontramos este mesmo fenómeno em vários lugares dos concelhos de Mafra e Sintra, nomeadamente na vila de Mafra e nas freguesias de Montelavar, Terrugem, Colares, além de, precisamente, na de S. João das Lampas, onde se situa *Pianos* (Lomba de...; Casal de...).

Relativamente a mais vestígios da época romana encontrados em Pianos, Cfr. *M.A.S.M.O.*, n.ºs LXXV, LXXVI e CXVI.

- 12 *M.A.S.M.O.*, n.º CXX.
- 13 *M.A.S.M.O.*, n.ºs XXVI e XXXI.
- 14 Maximiano Apollinario, *Antiguidades do Concelho de Cintra*, in «*O Archeologo Português*», I, 1895, pp. 237-239; vide p. 238.
- 15 *M.A.S.M.O.*, n.º XXII.
- 16 *M.A.S.M.O.*, n.º CXXVI.
- 17 *M.A.S.M.O.*, n.ºs CVII e CIX.
- 18 *M.A.S.M.O.*, n.ºs CXXI e CXXII.
- 19 *M.A.S.M.O.*, n.ºs XI e XIV.
- 20 Rosa Capeans, *Uma Novidade no Onomástico Greco-Latino* (= *NOLG*), in «*Ethnos*», vol. I, 1935, pp. 271-274.
- 21 *C.I.L. II*, n.º 286, (= *M.A.S.M.O.*, n.º LXXII) e *M.A.S.M.O.*, n.º CXV.
- 22 Felix Alves Pereira, *Sepulcros romanos inéditos no Casal de Santo Amaro*, in «*O Archeologo Português*», XXX, 1938, pp. 149-153.
- 23 *C.I.L. II*, n.ºs 277, 292, 300 e 320; *M.A.S.M.O.*, n.º XCIII.
- 24 *M.A.S.M.O.*, n.ºs XC e XCII.
- 25 *C.I.L. II*, n.ºs 260 e 273.
- 26 *C.I.L. II*, n.º 265.
- 27 *C.I.L. II*, n.ºs 293 (= *M.A.S.M.O.*, n.º LXVII), 5008 e 5025.
- 28 *M.A.S.M.O.*, n.ºs CXXVIII, CXXXIV, CXXXV, CXXXVII e CXXXVIII-CXXXIX.
- 29 *C.I.L. II S.*, n.º 5222.
- 30 *C.I.L. II*, n.º 5223. Rigorosamente, se tivéssemos em consideração a linha de cumeada representada no mapa que ocupa a estampa I, este monumento já se encontraria fora da zona W. do Mun. Olis., provindo de uma área todavia muito próxima do limite setentrional daquela divisória. No entanto, como entre duas zonas vizinhas existe na prática uma faixa de transição e não uma simples linha, resolvemos incluir este exemplar ainda na zona W. do Município.
- 31 *C.I.L. II*, n.ºs 5224 e 5228.
- 32 *C.I.L. II*, n.ºs 318 e 5014.
- 33 *C.I.L. II*, n.ºs 289 e 322.
- 34 De *Arcus*, -i (ant. *Arquus*, -i), em forma de arco (in «*arcum composita*») — [Cfr. Aegidius Forcellinus, *Totius Latinitatis Lexicon*, edição de MDCCCXXXI, p. 224, 1.ª e 2.ª cols. (*arcus*, -us e *arcus*, -i) e p. 238 (*arquus*, -i); A. Ernout e A. Meillet, *Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine*, Paris, 1939, p. 69].

A nomenclatura dada a este tipo de monumentos varia conforme os autores e as épocas, não se tendo chegado ainda a qualquer uniformização; relativamente à designação *arciforme*, encontramos-la já nos seguintes autores:

— Felix Alves Pereira, *Tampa de Sepultura da Época Romana* (= *T. Sep.*), in «O Archeologo Português», XIV, 1909, p. 262; *Por Caminhos da Ericeira* (= *C. E.*), in «O Archeologo Português», XIX, 1914, p. 334; *Sintra do Pretérito* (= *S. P.*), Sintra, 1957, p. 106.

— Virgílio Correia, *A Igreja de Lourosa da Serra da Estrela* (= *I. L.*), in «Obras», vol. IV, Coimbra, 1972 — (de «O Arch. Port.», XIX, 1914), p. 202; *Coimbra Romana* (= *C. R.*) in «Obras», I, Coimbra, 1946, pp. 16 e 18.

— Rosa Capeans, *N.O.G.L.*, p. 271.

— Joaquim Fontes, *Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas*, Sintra, 1955, p. 17.

— Mário Cardozo, *CAT. I L.*, p. 23.

— Maria de Lurdes Rodrigues, *Inscrições Romanas do Museu Machado de Castro*, in «Humanitas», vols. VIII e XIX da nova série, Coimbra, MCMLIX-MCMLX, p. 118.

— J. Mendes de Almeida e F. Bandeira Ferreira, in *Varia Epigraphica* (= *V. E. 1965*), in «Revista de Guimarães», LXXV, 1965, pp. 102 e 104.

As outras designações de que temos conhecimento, são as seguintes:

Abaúlado (feito); *abaúlada* (forma):

— José Leite de Vasconcelos, *Antigualhas das proximidades de Lisboa* (= *A.P.L.*), in «O Archeologo Português», I, 1895, p. 248, (*abaulada*).

— V. Correia, *I.L.*, p. 7 (*abaúlado*).

— F. A. Pereira, *T. Sep.*, p. 262 (*abahúlado*).

— José d'Encarnação, *Inscrições Romanas de Cascais* (= *I.R.C.*), in «Museu Biblioteca do Conde Castro Guimarães», Boletim n.º 2, Cascais, 1971, p. 94 (*Abaulada* citando J. L. de Vasconcelos).

Arca (em forma de):

— V. Correia, *C.R.*, p. 19.

— *CAT. I L.* p. 23.

Baú (em forma de, feitiço de):

— J. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia* (= *Rel. Lus.*), III, Lisboa, 1913, p. 271 (*bahus*).

— V. Correia, *No concelho de Sintra, Escavações e Excursões*, in «Obras», IV, Coimbra, 1972, pp. 201-222, (de «O Arch. Port.», XIX, 1914) (= *C.S.*), p. 219 (feito de *baús*); *C.R.*, pp. 16 e 17 (*baú*); *O Domínio Romano* (= *D.R.*), in *História de Portugal*, vol. I, Barcelos, MCMXXVIII, p. 262 (*bau*).

— F. Alves Pereira, *Páginas Arqueológicas* (= *P.A.*), XIII, in «Antiquitas», Lisboa, 1917, p. 13: (forma de *baú*); *S.P.*, pp. 91 e 106 (*baú*).

— Rosa Capeans, *N.O.G.L.*, p. 271 (feição de *baú*).

— Guido Calza, *La Necropoli del Porto di Roma Nell'Isola Sacra*, Roma, 1940, pp. 326 (n.º 67) e 327 (n.º 68) — (*a baule*).

— *CAT. I L.*, p. 23 (*baú*).

— J. Mendes de Almeida e F. B. Ferreira, *V. E. 1965*, p. 201, (*baú*, citando J. Leite de Vasconcelos).

Caixão (em forma de):

— Guido Calza, *op. cit.*, pp. 76, 78, 80, 313 (n.º 48), 314 (n.º 51-bis), 315 (n.ºs 52 e 53), 321 (n.º 59), 323 (n.ºs 61 e 62), 325 (n.º 65), 326 (n.º 67), 341 (n.ºs 82, 83 e 84), 354 (n.º 91), 364 (n.º 96) e 366 (n.º 98) — (*tomba a cassone, tomba a forma di cassone*).

— Joaquim Fontes, *op. cit.*, p. 17.

— *M.A.S.M.O.*, p. 22.

Cilindrico/a (semi), *cilindro* (meio):

— J. L. de Vasconcelos, *A.P.L.*, p. 249 («forma quasi semi-cilindrica»).

— V. Correia, *I.L.*, p. 7 (feito *semi-cilindrico*).

— F. Alves Pereira, *C.E.*, p. 334 (*semi-cilindrica*) e *S.P.*, p. 94 («*tampa semicilindrica*»).

— G. Bonsor, *Fouilles de Belo*, vol. II, Bordeaux, 1923, p. 71.

— Guido Calza, *op. cit.*, pp. 76, 314 (n.º 51-bis), 321 (n.º 59), 341 (n.ºs 82, 83 e 84) e 364 (n.º 96) — (*forma semicilindrica, cassone semicilindrico*).

— P. Battle Huguet, *Epigrafia Latina*, Barcelona, 1946, p. 71.

— *M.A.S.M.O.*, p. 16 («*forma semicilindrica*»).

— D. Julia, *Les Monuments funéraires en forme de demi-cylindre dans la province romaine de Tarragonaise*, in «Melanges de la Casa de Velazquez», I, 1965, pp. 29-72.

— S. Lambrino, *Les Cultes Indigènes en Espagne sous Trajan et Hadrian* (= *C.I.E.*) in *Les Empereurs Romains d'Espagne* (Colloques Internationaux du C.N.R.S., Sciences Humaines), Paris, 1965, p. 235.

— J. de Alarcão, *Portugal Romano* (= *Port. Rom.*) Lisboa, 1.ª e 2.ª edições, 1973 e 1974, p. 187 (*meio cilindro*).

Coluna (meia):

— F. A. Pereira, *S.P.*, p. 106 («*meia coluna oca*»).

Tampa de máquina de costura:

—V. Correia, C.S., p. 219.

Tampa de sarcófago:

—F. A. Pereira, S.P., p. 106.

Tumba:

—V. Correia, D.R., p. 262.

Desde muito cedo que José Leite de Vasconcelos compara estes cipos com os de tipo cupiforme (J. L. de V., A.P.L., p. 248 e *Rel. Lus.*, III, p. 401; J. d'Encarnação, I.R.C., p. 94, citando Leite de Vasconcelos). Porém, em outros autores, a comparação foi longe demais, chegando mesmo à identificação de ambas as categorias de monumentos, ou em absoluto ou, na melhor das hipóteses, considerando o tipo das sepulturas estremanhas como uma simplificação das alentejanas e algarvias, recebendo então aquelas a designação de *cupulae* [V. Correia, C.S., p. 202 — *cupa simplificada* e D.R., p. 262 — *cupulae*; F. Alves Pereira, P.A., XIII — *forma de barril*, e S. P., p. 93 — *cupa* e *cupae*, p. 94 — *cupuliformes* e p. 106 — *barril* e *cupiforme*; J. Serra Vilaró, *Sepulcros y ataúdes de la Necropolis de San Fructuoso*, in «Ampúrias», VI, Barcelona, 1944, p. 192 — *cupa*; W. Deona, *Quand Dieu Roule ses Tonneaux*, in «Genova», XXIV, 1946 — *forme de tonneau*; P. Battle Huguet, *op. cit.*, p. 71; S. Lambrino, *Les Inscriptions de São Miguel d'Odrinhas (= I.S.M.O.)*, in «Bulletin des Etudes Portugaises», Coimbra, 1953, pp. 38 e 41 da separata e C.I.E., p. 235 — *forme de tonneau*; Fernando Bandeira Ferreira, *Notícia de Três Inscrições Lusitano-Romanas de Janas e de S. Miguel de Odrinhas (= N.T.I.)*, in «Brotéria», LXI, 1955, pp. 414 e 416 — «tampa cupiforme»; CAT. I. L. p. 23 — «simplificação do tipo *cuba* ou *barril*»; Maria de Lurdes Rodrigues, *op. cit.*, p. 118 — *cupa*; J. Alarcão, *op. cit.*, pp. 150 e 187 — *meio tonel* e *cupa*; M.A.S.M.O., pp. 14 e 22 e 36 a 42 — *cupiforme*; Ricardo Martin Valls e Enrique Pérez Herrero, *Las Esculturas Zoomorfas de Martiherrero (Ávila)*, in «B.S.A.A.», XLII, Valladolid, 1976, p. 78 — *cupa*].

Além deste último tipo de designações, que consideramos incorrectas por acharmos abusiva a identificação entre duas categorias de cipos quanto a nós diversas, outras há que citámos e que também nos parecem absurdas; a designação «em forma de tampa de máquina de costura» não merece qualquer comentário e parecem-nos também demasiadamente genéricas ou impróprias as expressões «em forma de caixa», «tumba», ou «tampa de sarcófago».

Quanto ao termo «arca», não exprime a ideia que muito provavelmente os supracitados autores tinham em mente: do latim *arca*, -ae, o seu radical *arc-*, traduz o conceito de *fechado*, *hermético*, significando pois *arca*, caixa, cofre, recipiente fechado e, daí, sarcófago. Contudo, a sua forma seria geralmente paralelepípedica (Cfr. A. Ernout e A. Meillet, *op. cit.*, p. 67; Aegidius Forcellinus, *op. cit.*, tomo I, p. 218, 3.ª col.; Ch. Daremberg e E. Saglio, *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, vol. I, Paris, 1873, pp. 362, 1.ª col. a 366, 2.ª col., sobretudo p. 362, 1.ª col. — artigo de E. Saglio). Assim, a sua aplicação em inscrições funerárias evoca um sentido de clausura, talvez mesmo um desejo de inviolabilidade dos túmulos e não o seu aspecto formal [Cfr. H. Dessau, *Inscriptiones Latinae Selectae*, Berlim, vol. I, MDCCCLXXXII, n.ºs 1960 (= C.I.L. III, n.º 6399), l. 5; 2796, l. 2; 2797, l. 4; 2798, ll. 3 e 4; 2799, l. 1; 2800, l. 2; 2801, l. 4; 2802, l. 5; 2803, ll. 1 e 5; vol. II, MCMVI, n.ºs 8017 (= C.I.L. VI, 13.756) l. 2; 8247 (= C.I.L. V, 8988) l. 2; 7236 (= C.I.L. III, 2107) (= C. Orellius, *Inscriptionum Latinarum Selectarum*, Turim, MDCCCXXVIII, vol. II, n.º 4429); C. Orellius, *op. cit.*, vol. II, n.º 3560; C.I.L. VIII, n.º 5994].

Em português, o vocábulo *arca* tem idêntico sentido (António Morais Silva, *op. cit.*, vol. I, p. 1078, 1.ª col.; Joaquim de S. R. de Viterbo, *op. cit.*, vol. I, p. 551, 2.ª col.) e não pode ser comparado a *baú* (do baixo latim *bahulum*, através da antiga forma *baul* — Cfr. A. de Morais e Silva, *op. cit.*, vol. III, pp. 423, 2.ª col. e 424, 1.ª col. — cuja tampa é, na verdade, convexa).

Restam, pois as designações *abaulado* (feitoio), *abaulada* (forma), *baú* (em forma de, feito de), *em forma de meia coluna*, *em forma de meio* (ou *semi-*) *cilindro* e *arciforme*; preferimos esta última, não só por nos parecer mais funcional, devido à sua concisão e uniformidade, como por sintetizar formalmente este tipo de tampa sepulcral; empregamos a expressão de *secção arciforme*, já que a ideia contida em *arcus*, -i (ant. *arquus*, -i) é essencialmente linear (Aegidius Forcellinus, *op. cit.*, p. 224, 1.ª e 2.ª cols.), não se adaptando a uma definição volumétrica do monumento, convindo apenas aos contornos da sua secção transversal.

- 35 Detectámos este cipo à porta de um estabelecimento de antiquário, na estrada principal que passa por S. Pedro de Sintra, chamada aí Avenida Conde de Sucena, n.º 8, onde se encontrava invertido à *laia* de pia. As informações que conseguimos colher sobre a sua proveniência, resultaram um tanto vagas, apurando-se apenas que fora descoberto «para os lados» da Assafora, freguesia de S. João das Lampas, concelho de Sintra, sem mais detalhes que nos ajudassem a estreitar aquela área.
- 36 Deu entrada no museu a 19 de Janeiro de 1976, tendo sido obtida por compra, através da Câmara Municipal de Sintra.
- 37 Variedade existente em Lameiras, Montelavar e Perq. Pinheiro (cfr. J. de Oliveira Boléo, *op. cit.*, p. 207).

- 38 M.A.S.M.O., n.º XXV.
- 39 Este tipo de fecho prova cabalmente a primitiva existência de concavidades na parte inferior das tampas de secção arciforme do género da que atrás descrevemos a propósito do monumento da Assafora, independentemente de modernas escavações em tampas de tipo maciço, contrariamente ao que afirmam vários autores (cfr. M.A.S.M.O., p. 22).
- 40 M.A.S.M.O., n.º LXIX.
- 41 M. Cardozo, *CAT. I. L.*, pp. 77-78, n.º LXIX (com desenho e fotografia). Giuseppe Lugli, *La Tecnica Edilizia Romana*, Roma (MCMLVII), vol. I, p. 236.
- 42 Felix Alves Pereira, *S.P.*, pp. 91-94; (este monumento, no trabalho de F. A. Garcez Teixeira e J. M. Cordeiro de Sousa, *Inscrições Romanas do Museu do Carmo*, in «Arqueologia e História», VI, Lisboa, 1927-28, p. 23, n.º 17, vem erradamente referido como proveniente do Livramento, Mafra).
- 43 Em sítio idêntico ao encaixe do monumento de Almorquim.
- 44 Felix Alves Pereira, *S.P.*, p. 93.
- 45 Veja-se por exemplo os n.ºs relativos a *Olisipo* e aos seus *agri*, no *C.I.L. II e S.*, as inscrições referenciadas no M.A.S.M.O. e os índices antroponímicos da obra de Vieira da Silva, *Epigrafia de Olisipo (= Ep. Olis.)* Lx., 1944, pp. 276 a 283.
- 46 Sobre esta designação, cfr. Plínio, *Naturalis Historia*, Livro IV, § 117 (ed. de Mayhoff) e *C.I.L. II*, n.ºs 186, l. 6; 187, l. 8; 188, l. 4; 190, l. 4; 4.992 (= S., n.º 5.221), l. 6 e 4.993, l. 3.
- 47 *C.I.L. II*, n.ºs 182 e 260.
- 48 Robert Étienne, *Le Culte Imperial dans la Peninsule Iberique d'Auguste à Diocletien*, Paris (impressão de 1974), pp. 397-398.
- 49 Além das inscrições citadas na nota n.º 47, vide ainda *C.I.L. II*, n.ºs 183, 184 e 194.
- 50 *C.I.L. II*, n.º 179; *FL[avia Ty] CHE*.
- 51 *C.I.L. II*, n.º 266: — *FLAVIVS M F QVADRATVS*.
- 52 R. Cagnat, *Cours d'Epigraphie Latine*, 4.ª edição, Paris, 1914, pp. 77-78.
- 53 Vide nota n.º 45; cfr. ainda Scarlat Lambrino, *I.S.M.O.*, p. 32 (da separata).
- 54 Plínio, *op.*, livro e § cit.
- 55 Ver nota n.º 11.
- 56 Esta inscrição vem por engano traduzida no M.A.S.M.O., p. 35, sob o n.º CXXXIX; contudo o seu número é o CXVIII, como consta dos arquivos do Museu. A referida tradução apresenta a forma *Tongeta*; contudo, uma observação directa da epígrafe revela-nos *Tonceta*.
- 57 Jürgen Untermann, *Elementos de Un Atlas Antroponimico de la Hispania Antigua*, Madrid, 1965; Vide ainda M.ª de Lourdes Albertos Firmat, *Nuevos Antroponimos Hispanicos*, in «Emerita», XXXIII, Madrid, 1965 (= *N.A.H. 2*), pp. 125, 126, 128 e 129 e, relativamente a antroponimos recentemente descobertos, *idem, ibidem* in «Emerita», XL, Madrid, 1972 (= *N.A.H. 3*), pp. 313 e 315.
- 58 Manuel Palomar Lapesa, *La Onomástica Personal Pré-Latina de la Antigua Lusitânia*, Salamanca, 1957.
- 59 *Idem, ibidem*, p. 102.
- 60 J. Leite de Vasconcelos, *Rel. Lus.*, II, Lx., 1905, pp. 61 e 297.
- 61 Lembremos ainda que além de antroponimos, se conhecem vários teónimos com este mesmo radical [cfr. José d'Encarnação, *Divindades Indígenas Sob o Domínio Romano em Portugal*, (= *D.I.D.R.*), Lx., 1975, pp. 98-101, 195-197 e 282-288] o qual aparece também no topónimo *Tongobriga* (cfr. J. Leite de Vasconcelos, *Rel. Lus.*, II, p. 196, nota 3). Curiosamente, num documento do século XI (Era de 1091), publicado por José Pedro Ribeiro, *Dissertações Chronologicas...* II, Lisboa, 1811, p. 98, aparece o topónimo *Tanquinia (villa)*, que, a não ser erro de leitura por *Tarquinia*, constitui um fenómeno invulgar de sobrevivência de onomástica pré-latina, em plena Idade Média (cfr. A. A. Cortesão, *Onomástico Medieval Português*, in «O Archeologo Português», XVII, 1912, p. 154).
- 62 Estes antroponimos porém, encontram-se dispersos pelas várias obras em que se publicam as inscrições que se lhes referem; convém pois seriá-los alfabeticamente, facilitando assim um futuro estudo global dos mesmos; excluimos desta lista os antroponimos já apresentados no texto, p. 283.

Antroponimos geralmente aceites como pré-latinos:

Nomina:

- *Aleba* (*C.I.L. II S.*, n.º 5223, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun.).
- *Anicio* (*C.I.L. II*, n.º 269, *Agr. Olis.*).
- *Apronia* (*C.I.L. II*, n.º 273 = M.A.S.M.O., n.º LXVI e *C.I.L. II*, n.º 299, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun.).
- *Apronius* (José d'Encarnação, *I.R.C.*, n.º 7, *Agr. Olis.*; Rosa Capeans, *Lapides de Fação — Sintra*, in «O Archeologo Português», II série, vol. III, Lx., 1956, p. 132, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun.).
- *Arria* (*C.I.L. II*, n.º 204 = Vieira da Silva, *Ep. Olis.*, n.º 106 e *Ep. Olis.*, n.º 102, *Olisipo*).
- *Arrius* (*C.I.L. II*, n.º 182 = *Ep. Olis.*, n.º 74, *Olisipo*).

- *Atrius* (C.I.L. II, n.º 276 e 277, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun.).
- *Attius* (C.I.L. II, n.º 269, *Agr. Olis.*).
- *Coelius* (C.I.L. II, n.º 284, *Agr. Olis.*) — (2 vezes).
- *Ernius* (I.R.C., n.º 6, *Agr. Olis.*).
- *Malia* (C.I.L. II, n.º 174 = *Ep. Olis.*, n.º 31, *Olisipo*).
- *Maliolus* (C.I.L. II, n.º 174 = *Ep. Olis.*, n.º 31, *Olisipo*).
- *Messius* (Irisalva Moita, *Lápide Luso-Romana na Rua do Correio Velho*, cap. I do *Noticiário Arqueológico e Artístico II*, in «Revista Municipal», Lx., n.ºs 128-129, 1.º e 2.º trimestre de 1971, pp. 72-73, *Olisipo*).
- *Munna* (C.I.L. II, n.º 238 = *Ep. Olis.*, n.º 51 e C.I.L. II, n.º 251 = *Ep. Olis.*, n.º 52, *Olisipo*).
- *Munnius* (C.I.L. II, n.º 264, *Agr. Olis.*).
- *Nemeteus* (*Ep. Olis.*, p. 104, *Olisipo*; cfr. J. d'Encarnação, *D.I.R.D.*, pp. 246-247).
- *Sallvia* (C.I.L. II, n.º 316, *Agr. Olis.*).
- *Sunua* (José d'Encarnação, *Uma Inscrição Romana em Carcavelos*, comunicação apresentada ao «II Colóquio Arqueológico de Setúbal» decorrido de 7 a 9 de Novembro de 1975, p. 8 dos "Resumos de Comunicações", *Agr. Olis.*).
- *Vabrius* (C.I.L. II, n.º 255 = *Ep. Olis.*, n.º 63, *Olisipo*; cfr. S. Lambriano, *I.S.M.O.*, pp. 40-41).

Cognomina:

- *Ammaea* ou *Ammaia* (C.I.L. II, n.º 5.002 = *Ep. Olis.*, n.º 132, *Olisipo*; C.I.L. II, n.º 5.222, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun.).
 - *Aranta* (M.A.S.M.O., n.º XVI, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun.; I.R.C., n.º 5, *Agr. Olis.*).
 - *Arciania* (C.I.L. II, n.º 289, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun.).
 - *Arcius* (ou *Arco*?) (M.A.S.M.O., n.º CXI, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun.).
 - *Arco* (C.I.L. II S., n.º 5.223, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun.).
 - *Auvus* (C.I.L. II, n.º 4.991 = José d'Encarnação, *D.I.D.R.*, pp. 92-97, *Agr. Olis.*).
 - *Bedo* (M.A.S.M.O., n.º CXXXV, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun.).
 - *Bouvius* (C.I.L. II, n.º 5.011, *Agr. Olis.*).
 - *Boutia* [M.A.S.M.O., n.º XCIV; CXVIII (ver nota n.º 56); CXXVIII, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun.].
 - *Bubbus* [C.I.L. II, n.º 122 = *Ep. Olis.*, n.º 122, *Agr. Olis.* (proveniência idêntica à C.I.L. II, n.º 4.991; cfr. I.R.C., estampa I)].
 - *Caeno* (*Ep. Olis.*, n.º 144 — E, *Agr. Olis.*).
 - *Calimis* (C.I.L. II, n.º 243 = *Ep. Olis.*, n.º 56, *Olisipo*).
 - *Cantius* (C.I.L. II, n.º 193 = *Ep. Olis.*, n.º 75, *Olisipo*).
 - *Caudicus* (C.I.L. II, n.º 260 e M.A.S.M.O., n.º CXXXVII, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun.)
- nesta primeira inscrição, proveniente de Armês, *CAVDIC* tem sido interpretado como abreviatura de *Caudic(arius)* [cfr. E. Hübner, *Notícias Archeologicas de Portugal*, Lx., 1871, p. 16; C.I.L. II, n.º 260; Virgílio Correia, *Antiguidades de Armez* (= A.A.), in «Obras», vol. IV, Coimbra, 1972, pp. 265-271, de «O Archeologo Português», XVIII, 1913, pp. 169-174 — vide nas «Obras», pp. 267-269; J. Leite de Vasconcelos, *Rel. Lus.* III, pp. 318 e 321; Rosa Capeans, *Antigualhas Lusitano-Romanas* (= A.L.R.), in «Congresso do Mundo Português», vol. I, Lisboa, 1940, p. 551; Vasco Gil da Cruz Soares Mantas, *Notas Acerca de Três Inscrições de Olisipo*, in «Conimbrigæ», XV, Coimbra, 1976, pp. 151-169; vide pp. 157-162]; contudo já L. de Vasconcelos, *op. cit.*, p. 321, se vê obrigado a justificar tal leitura pela importância que os *caudicarii* teriam então na Lusitânia; e R. Etienne, *op. cit.*, pp. 199-200, ao referir esta inscrição, não toca sequer no assunto; é de facto muitíssimo estranho, mesmo admitindo que um *caudicarius* tenha chegado a *Flamen Divi Augusti*, que este continue a manter aquele cargo no seu *Cursus Honorum*.

Pensamos ainda ser significativo o facto de E. de Ruggiero, in *Dizionario Epigrafico di Antichità Romane*, vol. II, parte I, Roma, 1961, p. 316, 1.ª col., afirmar que todas as inscrições conhecidas referentes a *caudicarii* (= *codicarii*), mencionam apenas caudicários de Ostia, à excepção de duas, ambas na Lusitânia, sendo uma precisamente a da fonte de Armês; a outra, seria um monumento bastante fragmentado achado (?) em Miróbriga e posteriormente desaparecido, onde a palavra *codicario* surge apenas de uma reconstituição de Hübner altamente hipotética — cfr. C.I.L. II, n.º 25, l. 5 = COD[icario?]; Leite de Vasconcelos, *Rel. Lus.*, III, p. 321, nota n.º 2, refere a interpretação de Hübner, apresentando-a contudo sem quaisquer comentários, deixando assim entrever uma certa dúvida da sua parte relativamente a tal leitura; por sua vez D. Fernando de Almeida, in *Ruinias de Miróbriga dos Célticos*, Setúbal, 1964, p. 12, refere esta epígrafe como «talvez verdadeira», não comentando a parte do texto que nos interessa; assim, pondo de lado por demasiadamente duvidoso e suspeito o testemunho do monumento Mirobrigense, restar-nos-ia apenas, isolada, a inscrição de Armês. Contudo, uma análise comparativa desta epígrafe com a do monumento n.º CXXXVII do M.A.S.M.O., encontrado c. 1960 na Granja de Serrões, local não demasiadamente afastado de Armês, sugeriu-nos uma nova leitura do C.I.L. II, n.º 260, ajudando esta, por sua vez, a reconstituição

da primeira linha que falta na inscrição da Granja dos Serrões; quanto a nós, a leitura da inscrição de Armês é a seguinte: *L(ucius) . IVLIVS . MAELO . CAVDIC(VS) FLÁM(en) DIVI . AVG(ust)*; e reconstituímos a da Granja dos Serrões, do seguinte modo: [*L(ucius) . IVLIVS . MAE*] / *LO CAVDICV[S] / IOVI . V (otum) . A(nimo) . L(ibens) /*].

Caudicus será pois o segundo *cognomen* de *L. Iulius Maelo*, que, ao receber direito de cidadania romana, adoptou um *praenomen* e um *nomen* caros à *gens Iulia* (vide no texto pp. 281 - 283), conservando como *cognomina* os antropónimos pré-latinos que já antes possuía (cfr. R. Cagnat, *op. cit.*, p. 77). Reservamos para breve um estudo mais completo sobre estas e outras inscrições possivelmente relacionadas com aquele sacerdote do culto imperial.

- *Dubra* (C.I.L. II, n.º 5.019, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun.).
- *Gadilla* (*Ep. Olis.*, n.º 8, *Olisipo*).
- *Maela* (C.I.L. II, n.º 273 = *M.A.S.M.O.*, n.º LXVI, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun.; C.I.L. II, n.º 4.996 = *Ep. Olis.*, n.º 98 e *Ep. Olis.*, n.º 7, *Olisipo*).
- *Maelgeini* (gen.) (O. da Veiga Ferreira, *Notícias de Algumas Estações Pré e Proto-Históricas e objectos isolados inéditos ou pouco conhecidos* (= *N.A.E.*), in «Junta Distrital de Lisboa — Boletim Cultural», n.ºs 79-80, 1973-74, pp. 141-142, *Agr. Olis.*; cfr. Palomar Lapesa, *op. cit.*, p. 83).
- *Maelo* (C.I.L. II, n.º 260 e *M.A.S.M.O.*, n.º CXXXVII, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun.; — ver o que sobre estas duas inscrições se disse a propósito de *Caudicus*).
- *Orbiacianius* (C.I.L. II, n.º 311, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun.).
- *Orne* (C.I.L. II, S., n.º 5.219 = C.I.L. II, n.º 206 = *Ep. Olis.*, n.º 65 e C.I.L. II, n.º 220 = *Ep. Olis.*, n.º 66, *Olisipo*; cfr. S. Lambrino, *I.S.M.O.*, pp. 39-40).
- *Rebilus* (Irisalva Moita, *op. e p. cit.*, *Olisipo*).
- *Reburinus* (*M.A.S.M.O.*, n.º XVII, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun.).
- *Reburus* (*M.A.S.M.O.*, n.º III, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun.).
- *Tuscilla* (C.I.L. II, n.º 236 = *Ep. Olis.*, n.º 50, *Olisipo*).

Antropónimos de origem controversa:

Nomina:

- *Atilia* (*M.A.S.M.O.*, n.º CXII, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun.).
 - *Atilius* (C.I.L. II, n.º 289 e *M.A.S.M.O.*, n.ºs XCVII e XCVIII, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun.).
- Relativamente a estes dois últimos antropónimos, cfr. M. L. Albertos, *N.A.H.* 3, pp. 17-18.
- *Caesia* (C.I.L. II, n.ºs 271 e 5.022, *Agr. Olis.*; cfr. M. L. Albertos, *N.A.H.* 3, p. 24 e J. Untermann, *op. cit.*, carta 24).
 - *Cassia* [C.I.L. II, n.º 179 = *Ep. Olis.*, n.º 25, *Olisipo*; C.I.L. II, n.º 267 = *M.A.S.M.O.*, n.º IV e *M.A.S.M.O.*, n.ºs CXV e CXVIII (vide nota n.º 56), *Agr. Olis.*, zona W. do Mun.; C.I.L. II, n.º 5.012, *Agr. Olis.*].
 - *Cassius* (C.I.L. II, n.º 177 = *Ep. Olis.*, n.º 81; C.I.L. II, n.º 207 = *Ep. Olis.*, n.º 95; C.I.L. II, n.º 208 = *Ep. Olis.*, n.º 105; C.I.L. II, n.º 204 = *Ep. Olis.*, n.º 106; C.I.L. II, n.º 4.998 = *Ep. Olis.*, n.º 107; C.I.L. II, n.º 5.099 = *Ep. Olis.*, n.º 127, *Olisipo*; e C.I.L. II, n.ºs 283 e 5.013, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun.).
- Relativamente a estes dois últimos antropónimos, cfr. M. L. Albertos, *N.A.H.* 1, p. 237.
- *Cominius* [C.I.L. II, n.º 210 = *Ep. Olis.*, n.º 143 e C.I.L. II, n.º 263 = *Ep. Olis.*, n.º 99; *Ep. Olis.*, n.º 111 = J. Leite de Vasconcelos, *Epigrafia do Museu Etnológico (Belém)*, in «O Archeólogo Português», 1938, XXX, p. 122, n.º 62, *Olisipo*; e C.I.L. II, n.ºs 285, 286 = *M.A.S.M.O.*, n.º LXXII; *M.A.S.M.O.*, n.º LXX; Bandeira Ferreira, *N.T.I.*, pp. 414-416, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun. Cfr. J. Leite de Vasconcelos, *Rel. Lus.*, II, 1905, pp. 60 e 298, e M. L. Albertos, *Nuevos Antropónimos Hispánicos*, in «Emerita», XXXII, Madrid, 1964 (= *N.A.H.* 1), p. 241.].
 - [*Cosconius* (*M.A.S.M.O.*, n.º III, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun.). Cfr. A. Holder, *Alt-Celtischer Sprachschatz*, Leipzig, vol. I, 1896, col. 1.137].
 - *Gavius* (C.I.L. II, n.º 262 = *Ep. Olis.*, n.º 8, *Agr. Olis.* Cfr. Holder, *op. e vol. cit.*, col. 876).
 - [*Loreius* (C.I.L. II, n.º 5.022, *Agr. Olis.* Cfr. Holder, *op. cit.*, vol. II, 1904, col. 287)].

Cognomina:

- *Catula* (*Ep. Olis.*, n.º 8, *Olis.*; cfr. S. Lambrino, *I.S.M.O.*, p. 39 da separata e J. Untermann, *op. cit.*, p. 24).
- *Festa* (*Ad. N.* 1, n.º 13 = *I.R.C.*, n.º 2, *Agr. Olis.*; cfr. M. L. Albertos, *N.A.H.* 1, p. 247).
- *Seneca* (C.I.L. II, n.º 267 = *M.A.S.M.O.*, n.º IV, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun. Cfr. Tovar, *Estudios sobre las Primitivas Lenguas Hispánicas*, in «Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología», Valladolid, XIII, 1946-1947, pp. 148 ss.; P. Lapesa, *op. cit.*, p. 97; R. Etienne, *op. cit.*, p. 152; M. L. Albertos, *N.A.H.* 2, p. 123; e J. Untermann, *op. cit.*, p. 23 e mapa n.º 68).

Antropónimos de leitura duvidosa:

— *Licassi* (gen.) (C.I.L. II, n.º 265, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun., Cfr. P. Lapesa, *op. cit.*, pp. 77 e 120).

Antropónimos latinos, cujas principais áreas de concentração coincidem com as dos antropónimos pré-latinos:

Cognomina:

— *Amoena* (C.I.L. II, n.º 212 = *Ep. Olis.*, n.º 30 e C.I.L. II, n.º 236 = *Ep. Olis.*, n.º 50, *Olisipo*: C.I.L. II, n.ºs 270, 271, 275, 296 (= *Ad. N. 1*, n.º 12), 316, 5.009, 5.012; J. d'Encarnação, *I.R.C.* n.ºs 4, 7; O. da Veiga Ferreira, *op. e pp. cit.*, *Agr. Olis.*; e C.I.L. II, n.ºs 267 (= *M.A.S.M.O.*, n.º IV), 287, 318, 5.017 e *M.A.S.M.O.*, n.ºs XIV, LXVIII e LXXI, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun.).

— *Amoenus* (C.I.L. II, n.º 270, *Agr. Olis.*).

Relativamente a estes dois últimos antropónimos, cfr. M. L. Albertos, *N.A.H. 1*, p. 219 e J. Untermann, *op. cit.*, p. 23 e mapa n.º 8).

— *Gallus* (C.I.L. II, n.ºs 179 (= *Ep. Olis.*, n.º 25), 192 (= *Ep. Olis.*, n.º 33) e *Ep. Olis.*, n.º 82 *Olisipo*; C.I.L. II, n.º 302, *Agr. Olis.*; e *M.A.S.M.O.*, n.º CXIII, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun. (Cfr. F. Adolpho Coelho, *Antigos Nomes Hispânicos*, in «*Revista Archeologica*», vol. III, Lx., 1889, p. 1; J. L. de Vasconcelos, *Rel. Lus.*, II, Lx., 1905, p. 61; J. Untermann, *op. cit.*, p. 24 e carta n.º 41)].

63 — *Aponianicus Poliscinus* (*Epig. Olis.*, pp. 271-272; José d'Encarnação, *D.I.D.R.*, pp. 91-92 *Agri. Olis.*).

— *Aracus Aranius Niceus* (C.I.L. II, n.º 4.991; *D.I.D.R.*, pp. 92-97, *Agri. Olis.*).

— *Aturrus* (*D.I.D.R.*, pp. 117-119, *Agri. Olis.*).

— *Iupiter Assaecus*, (*D.I.D.R.*, pp. 206-208, *Agri. Olis.*).

— *Mandiceus* (*M.A.S.M.O.*, n.º CXV; *D.I.D.R.*, pp. 232-233, *Agr. Olis.*, zona W. do Município).

— **Varada* (José d'Encarnação, *I.R.C.*, n.º 11, *Agr. Olis.*).

64 R. Etienne e G. Fabre, *C. Turranius Rufus de Conimbriga*, in «*Conimbriga*», XI, 1972, pp. 193-203; vide pp. 201 e 203.

65 R. Cagnat, *op. cit.*, p. 78, nota 1.

66 C.I.L. II, n.º 302, *I.R.C.*, n.ºs 3 e 5, etc.

67 C.I.L. II, n.º 302: *M.IVLIVS M F/CAL CALLVS/H.S.E....*; Cfr. J. L. de Vasconcelos, *Epigrafia do Museu Etnológico (Belém)*, in «*O Archeologo Português*», XXVIII, 1927-29, p. 223, n.º 25.

68 E. Hübner, *Exempla*, p. LXXX, n.º VI.

R. Cagnat, *op. cit.*, «*Types d'alphabets épigraphiques*» (junto à p. 4), n.º II; Batlle Huguet, *op. cit.*, p. 115, fig. 37.

69 E. Hübner, *Exempla*, n.º 78 (= C.I.L. VI, n.º 882): inscrição datável do imperialato de Calígula (37-41 d.C.); cfr. sobretudo o A de *AVGVSTI* (2.ª l.). — (a inclinação da respectiva barra é contudo mais suave do que a do nosso exemplar).

70 Idem, ibidem, n.ºs 137 (= C.I.L. X, n.º 1.063, II, 1 e 2), onde o A da primeira linha já é quase idêntico ao nosso; e n.º 138 (= C.I.L. X, n.º 846), sobretudo o A de *TERRAE*, o segundo de *CONLAPSAM* (linha 2) e ambos os de *LIBERALITATEM* (linha 3). Estas duas inscrições são datáveis de c. do ano 64 d.C.

71 R. Cagnat, *op. cit.*, p. 11.

72 Idem, ibidem, p. 15.

73 Idem, ibidem, p. 18.

74 Idem, ibidem, p. 22.

75 Batlle Huguet, *op. cit.*, p. 26, fig. 29 — n.º 4 e § 33 — al. c) — n.º 4.

76 *Exempla*, n.º 1.034 (= C.I.L. VI, n.º 443, II, 1 e 3), l. 1; inscrição datável do ano 2 a.C.

77 *Exempla*, n.º 1.061, l. 2, datada por Hübner (1.ª col., p. 450) do séc. II d.C.. Vide ainda, do autor, a propósito de uma inscrição que datámos da segunda metade do séc. II d.C. *Dois Inscrições Romanas Conservadas no Gabinete de Numismática e Antiguidades da Biblioteca Nacional de Lisboa*, neste vol. de «*O Archeologo Português*», p. 342.

78 S. Lambrino, *C.I.E.*, pp. 224, 234, 235, 236, 241 e 242; R. Etienne e G. Fabre, *op. cit.*, p. 202; J. de Alarcão, *Cerâmica Comum Local e Regional de Conímbriga*, Coimbra, 1974, p. 88.

79 A primeira informação que tivemos sobre a existência deste monumento foi-nos facultada pelo Sr. Fernando Parcelas, de Faião, em 29 de Maio de 1975: contou-nos então aquele Sr. saber da existência de uma *coluna* numa *regueira* que corria em Faião, entre uma *serventia* e o muro de uma propriedade; em 2 de Novembro do mesmo ano, aproveitando umas obras a que se procedia no referido muro, as quais aprofundaram razoavelmente a *regueira*, acabámos de desenterrar o monumento, que mostrou ser uma tampa tumular de *secção arciforme*, com vestígios de uma inscrição no topo que se encontrava voltado a poente.

Apesar desta orientação, o cipo já não estava no seu primitivo lugar, pois faltava-lhe o bloco inferior e é provável que tivesse em tempos sido arrastado dos *Currais Velhos*, sítio mais elevado da povoação a S.W. do local em que se achou o monumento e onde, segundo a

tradição, era o «cemitério dos antigos»; sobre a possível relação do topónimo *Currais Velhos* com necrópoles romanas, pelo menos nesta zona W. do Município Olisiponense, vide ainda Estácio da Veiga, *Antiguidades de Mafra*, in «Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa», («Classe de Ciências Morais, Políticas e Bellas-Letras»), nova série, Tomo V, parte I, Lisboa, MDCCCLXXIX, p. 33.

80 Conseguimos reunir quarenta inscrições gravadas em cipos arciformes, provenientes do Município Olisiponense [trinta e quatro na zona W.: o monumento n.º 1 do presente estudo; *M.A.S.M.O.*, n.ºs XIV, XV, XVI, XVII, XXI, XXII, LXVI (= *C.I.L. II*, n.º 273), LXVII (= *C.I.L. II*, n.º 293; consideramos duas vezes este monumento, já que o seu exame directo revela duas épocas diferentes de gravação), LXVIII, LXIX (consideramos duas vezes este monumento, por razão idêntica à evocada relativamente ao n.º LXVII), LXX, LXXI, XCIV, XCVII, XCVIII, XC, XCIII (= *C.I.L. II*, n.º 320), XCV, CXXII, CXXIII, CXXVII; Felix Alves Pereira, *S.P.*, pp. 91-94 (um exemplar) e pp. 105-109 (um exemplar); Rosa Capeans, *Antiguidades de Faião, Silva e Cabrela (Sintra)* (= *A.F.S.C.*) in «Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências», 4.º Congresso, Tomo VIII, Porto, 1943, pp. 287-303 — vide p. 300 (um exemplar) (= *C.I.L. II*, n.º 304), *A.L.R.*, pp. 559-561 (um exemplar) e *Lápidas de Fação (Sintra)*, (= *L.F.*), in «O Arqueólogo Português», II série, vol. III, 1956, pp. 129 ss. (três exemplares); F. Bandeira Ferreira, *N.T.I.*, pp. 414-416 (um exemplar); V. Correia, *C.S.*, pp. 219-220 (dois exemplares) (= *C.I.L. II*, n.ºs 299 e 301); (não consideramos como cipo arciforme o fragmentário monumento referido por Rosa Capeans, *N.O.G.L.*, apesar da classificação apresentada pela autora na primeira página deste seu estudo, pois que o exame directo do exemplar que se encontra conservado no Museu Nacional de Arqueologia, sob o n.º 7.209, não nos permite qualquer reconstituição formal do monumento). Cinco na zona S.W.: José d'Encarnação, *I.R.C.*, n.ºs 2 (= *Ad. N. 1*, n.º 13), 3, 4, 7 e 8. E uma na zona N.W.: F. Alves Pereira, *T. Sep.*].

Deste conjunto, cinco ou seis exemplares (12,5% ou 15%) apresentam duas linhas [*M.A.S.M.O.*, n.ºs VII (= *C.I.L. II*, n.º 273) (Armês); LXVII (= *C.I.L. II*, n.º 293), as duas primeiras linhas (pois as restantes foram gravadas posteriormente) — (Montelavar); LXX(?) (poderá haver dúvidas quanto ao número de linhas que esta deteriorada inscrição ostentaria primitivamente; daí a oscilação patente no número de exemplares referidos e respectiva percentagem) (Casais de Cabrela); LXXI (Funchal); F. A. Pereira, *S.P.*, pp. 91-94 (Madre de Deus); e F. B. Ferreira, *N.T.I.*, pp. 414-416 (Janas)].

Treze exemplares (32,50%), apresentam três linhas [o monumento n.º 1 deste estudo (região da Assafora); *M.A.S.M.O.*, n.ºs XV (Barreira); XXII (Alvarinhos); XCIV e XCVII (Faião); CXXII (Odrinhas); CXXVIII (Granja dos Serrões); R. Capenas, *A.F.S.C.*, p. 300 (= *C.I.L. II*, n.º 304) (Silva); R. Capeans, *L.F.*, (um exemplar) (Fação); R. Capeans, *A.L.R.*, pp. 559-561 (Funchal); V. Correia, *C.S.*, pp. 220 (= *C.I.L. II*, n.º 301) (Lourel); e J. d'Encarnação, *I.R.C.*, n.ºs 3 (Pau Gordo) e 8 (Caparide)].

Onze exemplares (27,5%), apresentam quatro linhas [*M.A.S.M.O.*, n.ºs XIV (S. João das Lampas); XVI, XVII e XXI (S. Miguel de Odrinhas); LXVII (= *C.I.L. II*, n.º 293; consideramos aqui esta inscrição, gravada em duas épocas diferentes, no seu todo: quatro linhas) — (Montelavar); LXIX, as quatro primeiras linhas (pois as restantes foram gravadas posteriormente) — (Almorquim); XC (S. Romão); Rosa Capeans, *L.F.* (um exemplar) (Fação); V. Correia, *C.S.*, pp. 219-220 (= *C.I.L. II*, n.º 299) — (Lourel); José d'Encarnação, *I.R.C.*, n.º 2 (= *Ad. N. 1*, n.º 13) — (Caparide); e n.º 4 (Alapraia)].

Cinco exemplares (12,5%) apresentam cinco linhas [*M.A.S.M.O.*, n.º XCIII (= *C.I.L. II*, n.º 320) — (Morelino); F. Alves Pereira, *S.P.*, pp. 105-109 (Casal de Santo Amaro); Rosa Capeans, *L.F.*, (um exemplar) — (Fação); José d'Encarnação, *I.R.C.*, n.º 7 (Caparide); e F. A. Pereira, *T. Sep.*, (Praia de Santa Cruz, Torres Vedras)].

Dois exemplares (5%), apresentam seis linhas [*M.A.S.M.O.*, n.ºs LXIX (consideramos aqui esta inscrição, gravada em duas épocas diferentes, no seu todo: seis linhas) — (Almorquim); e XCV (Casal das Vivas)].

Finalmente, três ou quatro exemplares (7,5% ou 10%) estão demasiadamente deteriorados ou fragmentados para serem tomados em consideração, relativamente ao número de linhas que primitivamente ostentariam [*M.A.S.M.O.*, n.ºs LXVIII (Cõdisseira); LXX(?) (vide o que sobre esta inscrição foi dito nesta nota quando tratámos das epígrafes de duas linhas) — (Casais de Cabrela); XCVIII (Faião); e CXXIII (Funchal)].

Vejamos seguidamente os vários modos empregues pelos lapicidas, na distribuição dos elementos textuais pelas linhas das epígrafes dos monumentos [o *praenomen*, que abreviaremos na letra *p*, será sempre posto entre parênteses, já que geralmente está ausente quando o defunto é do sexo feminino; outras abreviaturas seguidas: *n* — (*nomen*); *c* — (*cognomen*); *f* — (filiação); *i* — (idade); *t* — (tribo); *f.f.f.* — (fórmulas finais de índole fúnebre: *H.S.E.*, *vel simile*, *S.T.T.L.*); *f.f.d.* — (fórmulas finais dedicatórias ou fórmulas indicativas de quem fez o monumento: *Filio Pio Posuit*, *F.C.*, *vel simile*); *d* — (dedicante ou dedicantes); *D.M.* — (*Diis Manibus*); *LIB* — (*Libertus/a*); quando um dos elementos se distribui por mais de uma linha, indicamo-lo na primeira através da respectiva abreviatura e na/s restante/s, pela palavra *idem*, entre parênteses].

Monumentos com duas linhas:

- I — (p.); n./c./f.f.f./f (F. Bandeira Ferreira, *N.T.I.*, pp. 414-416, Janas).
II — (p.); n.; f./c.; f.f.f./f (M.A.S.M.O., n.º LXVI = C.I.L. II, n.º 273 — Armês e LXVII = C.I.L. II, n.º 293, duas primeiras linhas — Montelavar).
III — (p.); n.; f.; t./c./f (M.A.S.M.O., n.ºs LXX-? — Casais de Cabrela e F. A. Pereira, S.P., pp. 91-94 — Madre de Deus).
IV — (p.); n.; f.; c./i.; f.f.f./f (M.A.S.M.O., n.º LXXI, Funchal).

Monumentos com três linhas:

- I — (p.); n./c./f.f.f./f (M.A.S.M.O., n.º CXXII — Odrinhas).
II — (p.); n./f.; c./f.f.f./f (M.A.S.M.O., n.º CXXVIII — Granja dos Serrões).
III — (p.); n./t.; c./f.f.f./f (M.A.S.M.O., n.º XV — Barreira).
IV — (p.); n.; f./t.; c./f.f.f./f (o monumento n.º 1 deste estudo — região da Assafora; Rosa Capeans, A.F.S.C., p. 300 = C.I.L., n.º 304 — Silva; e, da mesma autora, A.L.R., pp. 559-561 — Funchal).
V — (p.); n.; f./c.; i./f.(idem). f.f.f./f (J. d'Encarnação, I.R.C., n.º 8 — Caparide).
— Variante 1: (p.); n.; f.; c./f.(idem); i./f.f.f./f (M.A.S.M.O., n.º XCIV — Faião).
— Variante 2: (p.); n.; f./f.(idem); c.; i./f.f.f./f (M.A.S.M.O., n.º XCVII — Faião).
VI — (p.); n.; f./t.; c./i.; f.f.f./f (Rosa Capeans, L.F., 3.º exemplar mencionado — Fação).
— Variante 1: (p.); n.; f./t.; c.; i./f.(idem); f.f.f./f (M.A.S.M.O., n.º XXII — Alvarinhos e V. Correia, S.P., p. 200 = C.I.L. II, n.º 301 — Lourel).
— Variante 2: (p.); n./f.; t.; c./i.; f.f.f./f (J. d'Encarnação, I.R.C., n.º 3 — Pau Gordo).

Monumentos com quatro linhas:

- a) Sem menção do dedicante:
I — (p.); n./f.; c./i./f.f.f./f (M.A.S.M.O., n.º XXI — S. Miguel de Odrinhas).
II — (p.); n./f.; t./c./f.f.f./f (M.A.S.M.O., n.º XC — S. Romão).
III — (p.); n./f. t.; c./f.(idem); i./f.(idem); f.f.f./f (R. Capeans, L.F., 1.º exemplar mencionado — Fação).
b) Com menção do dedicante:
I — (sem f.f.d.).
(p.); n./f.; t.; c./d./f.f.f./f (M.A.S.M.O., n.º XIV — S. João das Lampas).
— Variante 1: (p.); n.; f./f.(idem); t.; c./d./f.f.f./f (M.A.S.M.O., n.º XVII — S. Miguel de Odrinhas).
II — (com f.f.d.) — (p.); n.; c./f.(idem); f.f.f./d./f.f.d./f (J. d'Encarnação, I.R.C., n.º 2 = Ad. N. 1, n.º 13 — Caparide).
— Variante 1: (p.); n.; f./f.(idem); c.; f.f.f./f(idem); d./f.(idem); f.f.d./f (J. d'Encarnação, I.R.C., n.º 4 — Alapraia).
c) epitáfios mencionando mais do que uma pessoa:
I — (p.); n.; f./c.; f.f.f./f(p.); n.; f.; t.; c./f.f.f./f (1 + 1 pessoas — M.A.S.M.O., n.º LXVII = C.I.L. II, n.º 293, todas as linhas — Montelavar).
— Variante 1: (p.); n./c.; LIB/f(p.); n.; c./f.(idem); LIB/f (2 pessoas — M.A.S.M.O., n.º XVI — S. Miguel de Odrinhas).
— Variante 2: (p.); n.; f./c.; ET/f(p.); n.; f.; c./f.(idem); f.f.f./f (2 pessoas — M.A.S.M.O., n.º LXIX, quatro primeiras linhas — Almorquim).
II — (p.) n.; (p.); n./f(p.); n.; f./f(p.); n.; c.; SO/ROR; f.f.f./f (4 pessoas — V. Correia, C.S. pp. 219-220 = C.I.L. II, n.º 229 — Lourel).

Monumentos com cinco linhas:

- I — (p.); n.; f.; t./f(idem); c.; i./f(idem); d./f(idem)/f.f.f./f (F. A. Pereira, S.P., pp. 105-109 — Casal de Santo Amaro).
II — (com f.f.f. e f.f.d.) — (p.); n.; f./c.; i./f(idem); f.f.f./d./f(idem); f.f.d./f (F. A. Pereira, T. Sep. — Praia de St.ª Cruz).
— Variante 1: (p.); n.; f./c.; i./f(idem); [f.f.f.]; d./f(idem)/f(idem); [f.f.d.]/f (R. Capeans, L. F., 2.º Exemplar mencionado — Fação).
— Variante 2: (p.); n.; f.; c./f.f.f.; d./f(idem)/f(idem); f.f.d./f(idem)/f (J. d'Encarnação, I.R.C., n.º 7 — Caparide).
III — (com D.M. e f.f.d.) — D.M./f(p.); n.; f.; t.; c./f(idem); i.; d./f(idem)/f(idem); f.f.d./f (M.A.S.M.O., n.º XCIII = C.I.L. II, n.º 320 — Morelino).

Monumentos com seis linhas:

- I — (com D.M. e f.f.d.) — D.M./f(p.); n./c.; i./f(idem); d./f(idem)/f(idem); f.f.d./f (M.A.S.M.O., n.º XCV — Casal das Vivas).
II — (Epitáfios mencionando mais do que uma pessoa) — (p.); n.; f./c.; ET/f(p.); n.; c./f(idem); f.f.f.; ET/f(p.); n.; f.; t./c.; i.; f.f.f./f (2 + 1 pessoas — M.A.S.M.O., n.º LXIX, † as linhas — Almorquim).

Antes de passarmos adiante, evidenciamos alguns dos dados que acabámos de referir:

— Verificámos que os monumentos cujas inscrições ostentam três linhas aparecem agrupados apenas em duas regiões: a de S. Miguel de Odrinhas (consideramos os lugares de Odrinhas, Barreira e Funchal como pertencentes à região de S. Miguel de Odrinhas) e, sobretudo, a do Faião [consideramos, juntamente com a tradição local (vid. adiante, nota n.º 107) a região de Faião constituída pelos lugares de Faião, Silva e Cabrela — (os Casais de Cabrela podem, sob o ponto de vista arqueológico, estar mais relacionados com a região de Armês; cfr. *M.A.S.M.O.*, n.º LXVI = *C.I.L. II*, n.º 273, de Armês — 2 linhas, com o n.º LXX, dos Casais de Cabrela — 2 linhas?; não nos repugna mesmo a ideia, de o monumento encontrado nos Casais, c. 1955, ter sido trazido para ali, de Armês; de facto, o cipo proveniente deste último lugar, proveniência essa que nos é atestada por Hübner, segundo o testemunho insuspeito de M. Pereira de Sottomayor, *Catálogo dos priores da Igreja de S. Miguel de Cintra*, 1675, — ms. conservado na Biblioteca Nacional de Lisboa, *Códice n.º 208*, f. 10v. —, parece que c. 1912 foi transportado para o Fação — vid. V. Correia, *A.A.*, p. 267 nas «Obras» —, donde teria posteriormente sido levado para a Terrugem, onde foi reencontrado c. 1955 — vid. *CAT. I. L.*, p. 71; algo idêntico poderia ter acontecido ao cipo dos Casais de Cabrela)].

Aquela primeira região (de S. Miguel de Odrinhas) pertencem pois os seguintes cipos, com três linhas: *M.A.S.M.O.*, n.ºs XV e CXXII; e à segunda região (de Faião) pertencem os *M.A.S.M.O.*, n.ºs XCIV, XCVII e R. Capeans, *A.F.S.C.*, p. 300 = *C.I.L. II*, n.º 304.

— Relativamente aos monumentos de quatro linhas, notemos que aparecem agrupados apenas na região de S. Miguel de Odrinhas: *M.A.S.M.O.*, n.ºs XVI, XVII e XXI.

— De todos os exemplares mencionados, apenas dois ostentam a consagração aos Deuses Manes: os *M.A.S.M.O.*, n.º XCIII = *C.I.L. II*, n.º 320 (Morelino) e XCV (Casal das Vivas).

A manifesta raridade de tal fórmula neste tipo de monumentos pertencentes ao Município Olisiponense sugere, de um modo geral, para a grande maioria deles, uma cronologia centralizada no séc. I d.C., cronologia essa que a paleografia mostra estender-se por vezes até meados do imperialato de Trajano, atingindo já, conseqüentemente, os inícios do séc. II (vid. nota n.º 78; cfr. ainda as considerações cronológicas sobre este e outros tipos de monumentos epigráficos provenientes da região, incluídas nos seguintes estudos: Mário Cardozo, *CAT. I. L.*, p. 25 e J. d'Encarnação, *I.R.C.*, pp. 110-111).

Quanto às dimensões completas dos cipos arciformes que contêm os epitáfios atrás mencionados, referem-nas os autores apenas em vinte e seis casos e, entre estes, só em vinte nos dão a conhecer as alturas das letras das respectivas inscrições. Contudo, e baseando-nos apenas nos dados fornecidos pelos vários autores, pois não tivemos ocasião de verificar *in- loco* o rigor dos mesmos, podemos dividir dimensionalmente estes monumentos em várias categorias, a partir dos valores médios dos seus comprimentos, larguras e alturas:

A — comprimento médio: c. 129 cm; largura média: c. 66 cm; altura média: c. 59 cm. [*M.A.S.M.O.*, n.ºs XCIV — Faião (três linhas, *tipo V*, *variante 1*; letras de 7 cm de altura) e XCIII = *C.I.L. II*, n.º 320 — Morelino (cinco linhas, *tipo III*; letras de 6 cm de altura)].

B — comprimento médio: c. 121 cm; largura média: c. 61,50 cm; altura média: c. 49,50 cm. [Monumento n.º 1 deste estudo — região da Assafora (três linhas, *tipo IV*; letras de 5,5 cm de altura); *M.A.S.M.O.*, n.ºs XV — Barreira (três linhas, *tipo III*; letras de 7 cm de altura), XVII — S. Miguel de Odrinhas (quatro linhas, *tipo b-I*, *variante 1*; letras de 5,5 cm de altura) e LXXI — Funchal (duas linhas, *tipo IV*; letras de 5 cm de altura); V. Correia, *C.S.*, pp. 219-220 = *C.I.L. II*, n.º 299 — Lourel (quatro linhas, *tipo C-II*); e F.A. Pereira, *T. Sep.* — Praia de St.ª Cruz (cinco linhas, *tipo II*)].

C — comprimento médio: c. 111 cm; largura média: c. 55,50 cm; altura média: c. 46 cm. [*M.A.S.M.O.*, n.ºs XIV — S. João das Lampas (quatro linhas, *tipo b-I*; letras de 5 cm de altura), LXVI (= *C.I.L. II*, n.º 273) — Armês (duas linhas, *tipo II*; letras de 6,5 cm de altura), CXXIII — Funchal (número incerto de linhas); e V. Correia, *C.S.*, p. 220 = *C.I.L. II*, n.º 301 — Lourel (três linhas, *tipo VI*, *variante 1*)].

D — comprimento médio: c. 88 cm; larg. média: c. 47,50 cm; altura média: c. 43,50 cm. [*M.A.S.M.O.*, n.ºs XXII — Alvarinhos (três linhas, *tipo VI*, *variante 1*; letras de 6 cm de altura nas duas primeiras linhas e de 5 cm na terceira), LXX — Casais de Cabrela (duas linhas, *tipo III* (?); letras de 5 cm de altura) e XCVII — Faião (três linhas, *tipo V*, *variante 2*; letras de 6 cm de altura); J. d'Encarnação, *I.R.C.*, n.ºs 3 — Pau Gordo (três linhas, *tipo VI*, *variante 2*; letras de 6 cm de altura) e 4 — Alapraia (quatro linhas, *tipo b-II*, *variante 1*; letras de 6 cm de altura)].

E — comprimento médio: c. 82,50 cm; largura média: c. 47 cm; altura média: c. 42,50 cm. [*M.A.S.M.O.*, n.º XCV — Casal das Vivas (seis linhas, *tipo I*; letras de 5 a 6 cm de altura); R. Capeans, *L.F.*, 1.º exemplar mencionado — Fação (quatro linhas, *tipo a-III*); e J. d'Encarnação, *I.R.C.*, n.º 2 = *Ad. N. 1.*, n.º 13 — Caparide (quatro linhas, *tipo b-II*; letras de 5 cm de altura)].

Exemplares isolados ou híbridos (excepções):

1 — *M.A.S.M.O.*, n.º XC — S. Romão (quatro linhas, *tipo a-II*; letras de 8 cm de altura) — comp.: 123 cm.; larg.: 63 cm.; alt.: 60 cm.

Este monumento, pode, dimensionalmente, ser colocado entre os tipos A e B, excepto na altura, que pertence exclusivamente a A.

2 — R. Capeans, *L.F.*, 2.º exemplar mencionado — Fação (cinco linhas, *tipo II, variante 1*) — comp.: 105 cm.; larg.: 46 cm.; alt.: 43 cm.

Este monumento, cujo comprimento está próximo do tipo C, se bem que lhe seja inferior, pertence pelas restantes dimensões ao tipo D.

3 — *M.A.S.M.O.*, n.º XVI — S. Miguel de Odrinhas (quatro linhas, *tipo c-I, variante 1*; letras de 5,5 cm de altura nas três primeiras linhas e de 6 cm nas restantes) — comp.: 93 cm.; larg.: 60 cm.; alt.: 56 cm.

Este monumento pode ser colocado pelo comprimento entre os tipos C e D, pertencendo ainda pela largura ao tipo B e pela altura ao tipo C.

4 — *M.A.S.M.O.*, n.º CXXVIII — Granja dos Serrões (três linhas, *tipo II*; letras de 5 cm de altura) — comp.: 90 cm.; larg.: 57 cm.; alt.: 37 cm.

Este monumento pertence pelo comprimento ao tipo D e pela largura ao tipo C; a altura, que quase poderíamos enquadrar no tipo E, é contudo demasiadamente reduzida.

5 — *M.A.S.M.O.*, n.º XXI — S. Miguel de Odrinhas (quatro linhas, *tipo a-I*; letras de 6,5 cm de altura) — comp.: 64 cm.; larg.: 59 cm.; alt.: 56 cm.

Este monumento, cujo comprimento é inferior ao do tipo E, pertence no entanto, pela largura, ao tipo B e pela altura ao tipo C.

6 — *M.A.S.M.O.*, n.º LXIX — Almorquim [de quatro + duas linhas, pertence simultaneamente ao *tipo c-I, variante 2* (tendo em consideração apenas as quatro primeiras linhas) e ao tipo II (tendo em consideração a epígrafe completa); letras de 3,5 cm de altura nas quatro primeiras linhas e de 2 cm nas duas restantes] — comp.: 63 cm.; larg.: 38 cm.; alt.: 25 cm.

Este monumento, pela harmonia e proporcionalidade das respectivas dimensões pertenceria, se não fosse exemplar isolado, a um tipo F.

Pelo que acabámos de expor, vemos que são muito variáveis as relações entre as dimensões gerais dos cipos mencionados, o número de linhas das respectivas epígrafes e a altura das suas letras. Mesmo assim, é no entanto possível estabelecer uma certa ordem entre os factores mencionados.

Antes de o fazermos, notemos que os monumentos n.ºs LXVII (= *C.I.L. II*, n.º 293 — Montelavar) e CXXII (Odrinhas) do *M.A.S.M.O.*, que não incluímos na classificação anterior por desconhecermos o seu primitivo comprimento, se aproximam, pelas suas larguras e alturas, respectivamente, dos tipos A e E.

Devemos ainda realçar o facto de as alturas das letras se relacionarem mais com as larguras das faces epigráficas do que com as restantes dimensões dos monumentos; isto pode ser facilmente verificado na maioria dos exemplares mencionados, onde dois espaços em branco enquadram a inscrição no sentido vertical, apesar desta se encontrar muitas vezes *apertada* horizontalmente [apontemos apenas duas excepções em monumentos anormalmente sobrecarregados: *M.A.S.M.O.*, n.º LXIX (Almorquim; vid. *CAT. I. L.*, fig. na p. 77 e fot. anexa) e F. A. Pereira, *T. Sep.* (Praia de St.ª Cruz; vid. fig. na p. 262)]. Sob este ponto de vista, podemos pois aproximar as excepções n.ºs 1, 3, 4 e 5, respectivamente dos tipos A ou B, B, C e B.

Tendo em conta estas observações, verifiquemos que:

— Em A, a um menor número de linhas, correspondem letras de maior altura [*M.A.S.M.O.*, n.ºs XCIV (3 linhas, letras de 7 cm de alt.) e XCIII = *C.I.L. II*, n.º 320 (cinco linhas, letras de 6 cm de alt.); no entanto, relativamente à excepção 1, que podemos incluir aqui, não observamos tal facto [*M.A.S.M.O.*, n.º XC (quatro linhas, letras de 8 cm de alt.)].

— Em B, encontramos três casos regulares semelhantes aos de A [*M.A.S.M.O.*, n.ºs XVI (excepção 3) e XVII; ambos os monumentos têm igual número de linhas (quatro) e letras de idêntica altura (5,5 cm); e o *M.A.S.M.O.*, n.º XV apresenta maior altura e menor número de linhas relativamente aos n.ºs XVI, XVII e XXI do *M.A.S.M.O.* (tem três linhas e letras de 7 cm de altura)].

Outro tipo de relações, mais imperfeitas, é o que podemos observar entre os dois primeiros exemplares referidos, e o *M.A.S.M.O.*, n.º XXI (excepção 5): todas apresentam o mesmo número de linhas, mas este último cipo tem letras de maior altura (6,5 cm); do mesmo modo, o monumento n.º 1 deste estudo tem idêntico número de linhas relativamente ao

M.A.S.M.O., n.º XV (três linhas), mas enquanto naquele as letras têm 5,5 cm de altura (o que de certo modo o aparenta com os já referidos n.ºs XVI e XVII do *M.A.S.M.O.*), neste atingem os 7 cm. Apenas relativamente ao *M.A.S.M.O.*, n.º LXXI (duas linhas, letras de 5 cm de altura) não se observa qualquer relação deste género, revelando-se igualmente negativa uma comparação do *M.A.S.M.O.*, n.º XXI (excepção 5) com o 1.º monumento deste estudo.

— Em C, no que respeita a correspondência entre um menor número de linhas e uma maior altura de letras, é positivo o confronto do *M.A.S.M.O.*, n.º LXVI = *C.I.L. II*, n.º 273 (duas linhas, letras de 6,5 cm de alt.) relativamente aos *M.A.S.M.O.*, n.º XIV (quatro linhas) e CXXVIII (três linhas); por sua vez, estes dois últimos monumentos relacionam-se mutuamente através da altura das respectivas letras: 5 cm.

— Em D, vamos encontrar três exemplares coincidentes quer no número de linhas, quer na altura das letras: *M.A.S.M.O.*, n.ºs XXII, XCVII e J. d'Encarnação, *I.R.C.*, n.º 3 (todos de três linhas e com letras de 6 cm de altura). Neste mesmo tipo D, refiramos ainda um monumento só parcialmente relacionados na altura das letras com os que acabámos de mencionar [J. d'Encarnação, *I.R.C.*, n.º 4 (quatro linhas)] e outro completamente isolado [*M.A.S.M.O.*, n.º LXX (duas linhas - ?; letras de 5 cm de alt.)].

— Finalmente, em E, dois exemplares são comparáveis apenas na altura das letras [*M.A.S.M.O.*, n.ºs XCV (seis linhas) e CXXII (três linhas)]; em ambos, letras de 5,5 cm de alt., permanecendo um outro completamente à parte do conjunto [J. d'Encarnação, *I.R.C.*, n.º 2 = *Ad. N. 1*, n.º 13 (4 linhas; 3 letras de 5 cm de alt.)].

Podemos pois concluir pela superioridade numérica dos monumentos entre os quais é possível verificar, sob o ponto de vista do número de linhas e altura das letras, algumas relações mais ou menos acentuadas, comparativamente aos poucos exemplares que classificámos de isolados.

Acrescentemos ainda que, apesar das variações que observámos relativamente ao número de linhas destas epígrafes, inclusive dentro de cada um dos vários tipos de carácter dimensional em que as dividimos, não deixamos de poder detectar uma certa regularidade existente entre aqueles elementos, aparentemente desconexos. Assim, se A e B permanecem *isolados*, respectivamente com três ou cinco linhas e com três, quatro ou seis linhas, B, C e D apresentam todos *conjuntos* de duas, três ou quatro linhas, destacando-se mesmo em B, dois *grupos uniformes*, um de três exemplares, de quatro linhas (*M.A.S.M.O.*, n.ºs XVI, XVII e XXI) e outro de dois exemplares, de três linhas (monumento n.º 1 deste estudo e *M.A.S.M.O.*, n.º XV); por sua vez D contém um outro *grupo uniforme*, constituído por três monumentos, também de três linhas (*M.A.S.M.O.*, n.ºs XXII, XCVII; e J. d'Encarnação, *I.R.C.*, n.º 3).

Relativamente à altura das letras, é-nos dado observar o seguinte:

— Em A, as alturas das letras atingem os 6 cm e 7 cm, provavelmente mesmo os 8 cm (se incluímos neste tipo A a excepção 1).

— Em B, apesar de se encontrarem ainda valores semelhantes ou mesmo idênticos aos de A (6,5 cm; 7 cm; ou ainda 8 cm, se incluímos neste tipo B a excepção 1), observam-se já alturas mais reduzidas, tais como 5,5 cm (duas vezes) e 5 cm.

— Em C, desaparecem os valores mais altos, atingindo aqui as letras apenas os 5 cm e os 6,5 cm.

— Em D, os valores máximos continuam a diminuir: 5 cm e 6 cm (quatro vezes).

— Finalmente, em E, as alturas não passam dos 5 cm e 5,5 cm (duas vezes).

Uma prova acessória da proporcionalidade geral destes monumentos temo-la no *M.A.S.M.O.*, n.º LXIX (= excepção 6), em que, condizendo com as reduzidíssimas dimensões deste exemplar, deparamos com letras cujas alturas atingem somente os 3,5 cm (quatro primeiras linhas) e 2 cm (linhas restantes).

O conjunto de dados seriados ao longo desta nota, apesar de ser meramente provisório, pode no entanto revelar-se útil, não só na análise comparativa dos cipos arciformes provenientes do Município Olisiponense como, e sobretudo, na reconstituição de inscrições deterioradas ou mutiladas, patentes em monumentos deste tipo.

Aplicando pois ao monumento n.º 2 do nosso estudo os elementos que temos vindo a ordenar, chegamos às seguintes conclusões:

— 1) Dimensionalmente, este exemplar pertence ao tipo D, inserindo-se perfeitamente neste tipo a altura das respectivas letras (5 cm).

— 2) Como já vimos, nos cinco exemplares que constituem o tipo D, três apresentam uniformemente três linhas cada um, encontrando-se isolados os dois restantes, respectivamente com duas (?) e quatro linhas.

— 3) Contudo, naqueles três monumentos todas as alturas atingem os 6 cm de altura, enquanto só no monumento de duas (?) linhas (*M.A.S.M.O.*, n.º LXX) elas permanecem nos 5 cm de altura.

— 4) No entanto, se excluirmos o *M.A.S.M.O.*, n.º XCVIII, de que não se conhece o número exacto de linhas restam-nos, provenientes da região de Faião, apenas dois cipos arciformes, de três linhas (*M.A.S.M.O.*, n.ºs XCIV, XCVII e R. Capeans, *A.F.S.C.*, p. 300 = *C.I.L. II*, n.º 304);

lembramos ainda, que é este o número mais vulgar de linhas, nas inscrições deste tipo de monumentos, no Município Olisiponense — 32,50%, atingindo os exemplares com duas linhas apenas os 12,50% ou os 15%.

— 5) Outro número que devemos ter ainda em conta é o de quatro linhas (27,50%), pois, além de ser o que mais vulgarmente aparece na vizinha região de S. Miguel de Odrinhas, é o que, sob o ponto de vista da relação entre o número de linhas e a altura das letras, melhor se integra no tipo D: de facto, relativamente aos *M.A.S.M.O.*, n.ºs XXII, XCVII e J. d'Encarnação — *I.R.C.*, n.º 3, o nosso exemplar apresenta um maior número de linhas e letras de menor altura; além disto, é idêntico ao *M.A.S.M.O.*, n.º LXX no que respeita à altura das letras, sendo ainda comum no número de linhas a J. d'Encarnação, *I.R.C.*, n.º 4.

Este tipo de relações torna-se mais imperfeito se adoptarmos uma reconstituição de duas ou três linhas. No primeiro dos casos, apenas se manteria uma identidade, que no entanto seria completa, com o *M.A.S.M.O.*, n.º LXX; de resto, não haveria mais nada em comum com qualquer dos outros exemplares. No segundo caso, as relações (comum no número de linhas aos *M.A.S.M.O.*, n.ºs XXII, XCVII e J. d'Encarnação — *I.R.C.*, n.º 3, e na altura das letras ao *M.A.S.M.O.*, n.ºs LXX), ou seriam apenas parciais, ou mesmo inexistentes (J. d'Encarnação, *I.R.C.*, n.º 4).

Concluindo, além de podermos incluir dimensionalmente o monumento n.º 2 deste estudo no tipo D, propomos, segundo os elementos que acabámos de expor, e por ordem decrescente de probabilidades, uma reconstituição de três, quatro ou duas linhas, relativamente à respectiva inscrição. À frente, quando tentarmos, tanto quanto possível, a reconstituição da epígrafe, precisaremos mais a classificação tipológica deste monumento.

- 81 Nos cipos arciformes de três, quatro ou duas linhas, referidos na nota anterior, entre os quais é, como vimos, provável incluir o monumento n.º 2 deste estudo, apenas três exemplares não ostentam qualquer parcela do *cognomen* do respectivo defunto, nesta zona da segunda linha (*M.A.S.M.O.*, n.ºs LXXI, XC e V. Correia, *C.S.*, pp. 219 = 220; *C.I.L. II*, n.º 299).
- 82 A análise comparativa dos *cognomina* patentes em inscrições provenientes do Município Olisiponense, relativamente a um possível enquadramento nos mesmos do conjunto *MA*, *MM* ou *MX*, revelou os seguintes resultados:

— Total dos exemplos analisados: 55.

— Ostentando o conjunto *MA*: 55 exemplos (100%), [*AMANDA*, um exemplo = c. 1,82% (J.L. de Vasconcelos, *Inscrição Romana de Sintra*, in «O Arch. Port.», XIX, 1914, p. 84; II, 2 e 3, *Agr. Olis.* zona W. do Mun.). *AMARANTHVS*, um exemplo = c. 1,82% (*Ep. Olis.*, n.º 26 = *C.I.L. II*, n.º 178, l. 3, *Olisipo*). *AMAMAIA* (= *AMMAEA*), um exemplo = c. 1,82% (*C.I.L. II. S.*, n.º 5.222, l. 5 *Agr. Olis.*, zona W. do Mun.). *AMMAIA*, um exemplo = c. 1,82% (*Ep. Olis.*, n.º 132 = *C.I.L. II*, n.º 5.002, l. 2, *Olisipo*). *MACRINVS*, três exemplos = c. 5,45% (*M.A.S.M.O.*, n.º X = *C.I.L. II*, n.º 303, l. 4, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun. *Ep. Olis.*, n.ºs 31 = *C.I.L. II*, n.º 174, l. 7 e 85 = *C.I.L. II*, n.º 215, l. 1, *Olisipo*). *MAELGEINI* (gen.), um exemplo = c. 1,82% (V. Ferreira, *N.A.E.*, pp. 141-142, l. 2, *Agr. Olis.*). *MAELA*, três exemplos = c. 5,45% (*M.A.S.M.O.*, n.º LXVI = *C.I.L. II*, n.º 273, l. 2, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun.; *Ep. Olis.*, n.ºs 7, l. 3 e 98 = *C.I.L. II*, n.º 4.996, l. 4 *Olisipo*); *MAELO*, dois exemplos = c. 3,64% (*M.A.S.M.O.*, n.º CXXXVII, II, 1 e 2 e *C.I.L. II*, n.º 260, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun. — vid. o que sobre a possível inter-relação destas duas epígrafes se disse na nota n.º 62). *MARCELLA*, dois exemplos = c. 3,64% (*C.I.L. II*, n.º 261, l. 5, *Agr. Olis.*, e 5.014, l. 4, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun.). *MARCIVS*, três exemplos = c. 5,45% (R. Capeans, *L.F.*, 3.º exemplar estudado, l. 2, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun.); *Ep. Olis.*, n.º 107 = *C.I.L. II*, n.º 4.998, l. 3, *Olisipo*; *C.I.L. II*, n.º 288, II, 2 e 3, *Agr. Olis.*). *MARINVS*, 2 exemplos = c. 3,64% (*Ep. Olis.*, n.ºs 75 = *C.I.L. II*, n.º 193, l. 3; e 112 = *C.I.L. II*, n.º 203, l. 2, *Olisipo*). *MATERNA*, quatro exemplos = c. 7,28% (*M.A.S.M.O.*, n.ºs LXVIII, l. 3 e CXV, II, 1 e 2, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun. — cfr. Mário Cardozo, *N.I.R.*, p. 26 e J. d'Encarnação, *D.I.D.R.*, p. 233; *Ep. Olis.*, n.º 133 = *C.I.L. II*, n.º 222, l. 1, *Olisipo* - ?; e *C.I.L. II. S.*, n.º 6.270 = J. d'Encarnação, *I.R.C.*, n.º 1.º l. 2 — segundo Encarnação, ou l. 3 seg. Hübner, *Agr. Olis.*). *MATERNVS*, quatro exemplos = c. 7,28% (*Ep. Olis.*, n.º 3, l. 2, 4 = *C.I.L. II*, n.º 217, II, 2 e 3 e 123 = *C.I.L. II*, n.º 230 e 231, l. 3 — é contido uma só inscrição: vid. *C.I.L. II*, p. 692, *Olisipo*; *C.I.L. II*, n.º 5.022, l. 4, *Agr. Olis.*). *MATBONA*, um exemplo = c. 1,82% (R. Capeans, *N.O.G.L.*, II, 1 e 2, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun.). *MAXIMA*, 4 exemplos = c. 7,28% (*Ep. Olis.*, n.º 75 = *C.I.L. II*, n.º 193, l. 5 e 100 = *C.I.L. II*, n.º 219, II, 2 e 5 = dois exemplos, *Olisipo*; *C.I.L. II*, n.º 271, l. 3, *Agr. Olis.*). *MAXIMVS*, quatro exemplos = c. 7,28% (*Ep. Olis.*, n.º 116 = *C.I.L. II*, n.º 354, II, 2 e 5 = dois exemplos e 129 = *C.I.L. II*, n.º 4.995, II, 2 e 3, *Olisipo*; *C.I.L. II*, n.º 309, l. 3, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun. - ?). *MAXSVMA*, quatro exemplos = c. 7,28% (*C.I.L. II*, n.ºs 281, l. 5 e 298, l. 1, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun. e 316, II, 3 e 4, *Agr. Olis.*; J. Mendes de Almeida e F. Bandeira Ferreira, *Varia Epigraphica*, XIV (= *V.E.*, XIV), in «Revista de Guimarães», LXXVI, 1966, pp. 341 ss., II, 1 e 2, *Agr. Olis.*). *MAXVMVS*, um exemplo = c. 1,82% (F. A. Pereira *S.P.*, pp. 91 a 94, l. 2, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun.). *MAXVMA*, nove exemplos = c. 16,35% (Rosa Capeans, *A.F.S.C.*, p. 299, II, 2 e 3, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun.; R. Capeans, *L.F.*, 2.º exemplar estudado, l. 2, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun.; *M.A.S.M.O.*,

n.ºs XII = *C.I.L. II*, n.º 323, l. 5, XXI = *C.I.L. II*, n.º 279, l. 2 e CXII, l. 1; *C.I.L. II*, n.ºs 318, l. 1, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun. e 4.991 = J. d'Encarnação, *D.I.D.R.*, pp. 92-97 e *I.R.C.*, n.º 9, l. 2, *Agr. Olis.*; *C.I.L. II*, S. n.º 5.222, l. 4; F.A. Pereira, *T. Sep.*, l. 2, *Agr. Olis.*). *MAXVMVS*, quatro exemplos = 7,28% (R. Capeans, *L.F.*, 1.º exemplar estudado, *II*, 2 e 3, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun.; *M.A.S.M.O.*, n.ºs XC, l. 3 e XCIII = *C.I.L. II*, n.º 320, l. 4, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun.; *Ep. Olis.*, n.º 20 = *C.I.L. II*, n.º 252, *II*, 2 e 3, *Olisipo*).

— Ostentando o conjunto *MM*: 2 exemplos (= c. 3,64%) [*AMMAIIA* (= *AMMAEA*), um exemplo = c. 1,82% (*C.I.L. II*, S. n.º 5.222, l. 5, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun.), *AMMAIA*, um exemplo = c. 1,82% (*Ep. Olis.*, n.º 132 = *C.I.L. II*, n.º 5.002, l. 2, *Olisipo*)].

— Ostentando o conjunto *MX*: zero exemplos.

Vemos pois que os *cognomina* que ostentam o conjunto *MA* se evidenciam sobremaneira, destacando-se ainda entre estes os que pertencem ao grupo *MAXVMVS/A* (vel. *MAXIMVS/A* vel. *MAXSVMVS/A*), que no total perfazem 26 exemplos (= quase 47,3%); seguem-se-lhes, por ordem decrescente, os que constituem os grupos *MATERNVS/A* (8 exemplos = c. 14,16%) e *MAELO/A* (5 exemplos = c. 9,09%); *MARCIANVS* e *MACRINVS* aparecem cada um três vezes (= c. 5,45%); *AMMAIIA* (= *AMMAEA*) / *AMMAIA*, *MARCELLA* e *MARINVS*, duas vezes cada um (= c. 3,64%); todos os outros se limitam a um único exemplo (= c. 1,82%).

Do que acabámos de expor, realcemos o facto de o grupo *MAXVMVS/A* (vel. *MAXIMVS/A*, vel. *MAXSVMVS/A*) atingir c. 47,3% do total do *cognomina* analisados, sendo os restantes 52,7% constituídos por onze conjuntos de antropónimos diversos.

Considerando seguidamente região por região, constatamos que da zona W. do Município provêm 25 exemplos (c. 45,45%), entre os quais 14 pertencentes ao grupo *MAXVMVS/A* (vel. *MAXIMVS/A* vel. *MAXSVMVS/A*); estes 14 exemplos, constituem c. 53,85% relativamente ao total de elementos do mesmo grupo existentes em todo o Município, e 56% relativamente aos 25 *cognomina* considerados nesta zona W. Dentro desta mesma região, seguem-se-lhes, por ordem decrescente o grupo *MAELO/A* (3 exemplos = 12%, relativamente ao conjunto de antropónimos considerados nesta zona do Município), o *cognomen MATERNA* (2 exemplos = 8%) e, patentes apenas uma vez (= 4%), os antropónimos *AMANDA*, *AMMAIIA* (= *AMMAEA*) — (conjuntos *MA* e *MM*), *MACRINVS*, *MARCELLA*, *MARCIANVS* e *MATRONA*.

Nas restantes zonas dos *Agri Olisiponensis*, a superioridade numérica do grupo *MAXVMVS/A* (vel. *MAXIMVS/A* vel. *MAXSVMVS/A*) diminui para 50% (5 exemplos = c. 19,23%) tendo em conta a totalidade dos elementos deste grupo do Município) relativamente aos 10 *cognomina* seleccionados nestas áreas (c. 18,18% do total dos *cognomina* considerados no Município). Contudo, os restantes 50% contêm apenas mais um grupo, quantitativamente menor (*MATERNVS/A* — 2 exemplos = 20%), e três antropónimos isolados [*MAELGEINI* (*gen.*), *MARCELLA* e *MARCIANVS*, cada um: 10%].

Finalmente, na área urbana de *Olisipo* (na qual reunimos 20 exemplos = 36,37% do total dos *cognomina* considerados no Município), o grupo *MAXVMVS/A* (vel. *MAXIMVS/A* vel. *MAXSVMVS/A*) reduz-se a 35% do conjunto de antropónimos analisados em epígrafes provenientes daquela cidade (= 7 exemplos = c. 26,92% tendo em conta a totalidade dos elementos deste grupo no Município).

Todavia, o grupo imediatamente abaixo atinge apenas os 20% (*MATERNVS/A*: 4 exemplos), destacando-se ainda os antropónimos *MAELLA*, *MACRINVS* e *MARINVS* cada um representado duas vezes (= 10% cada), aos quais se seguem, isolados, os *cognomina AMARANTHVS*, *AMMAIA* (conjuntos *AM* e *MM*) e *MARCIANVS* (= 5% cada).

Estando pois demonstrada a superioridade numérica relativa, dentro de todas as áreas do Município Olisiponense e especialmente na sua zona W., do grupo *MAXVMVS/A* (vel. *MAXIMVS/A* vel. *MAXSVMVS/A*), permitimo-nos sugerir o emprego de um dos seus elementos na reconstituição da epígrafe de Faião, tendo ainda em conta o facto de já se conhecerem deste lugar duas ou três inscrições onde tais antropónimos estão patentes [Rosa Capeans, *A.F.S.C.*, p. 299; *II*, 2 e 3, *MAXVMA*; *M.A.S.M.O.*, n.º CXII, l. 1, *MAXVMA*; *C.I.L. II*, n.º 309, l. 3, *MAXIMVS* (a proveniência precisa desta epígrafe é duvidosa, se bem que possamos dar como certa a sua atribuição à zona W. do *Mun. Olis.*; a hipótese de Faião foi proposta por Hübner)].

Escolhemos uma forma feminina, já pelo que no texto dissemos acerca da primeira linha da epígrafe em estudo, já pela elevada percentagem que estas formas apresentam, relativamente às suas correspondentes masculinas [no total do Município, dentro deste grupo, constituído por 26 exemplos, 17 formas femininas (= c. 65,38%) contra 9 masculinas (= c. 34,62%); na zona W. do Município, entre um total de 14 formas, 9 são femininas (c. 64,29%) e 5 masculinas (c. 35,71%); nas restantes zonas dos *Agri Olisiponensis*, temos apenas formas femininas (5 formas = 100%); contudo, em *Olisipo*, invertem-se os resultados, havendo para três formas femininas (= c. 42,86%), quatro masculinas (= c. 57,14%)].

83 Consideramos esta reconstituição, apesar de baseada nos dados estatísticos que temos vindo a seriar sobretudo ao longo das notas n.ºs 80, 81 e 82, como meramente teórica e conjectural, o que não poderíamos deixar de fazer tendo em conta a avançada deterioração do monumento, nomeadamente no seu topo epigráfico.

- 84 Escolhemos *Iulia* entre os vários *nomina* dimensionalmente adaptáveis ao nosso caso, não só pela sua superioridade numérica, relativamente ao geral dos gentilícios patentes em inscrições do Município Olisiponense (sobre este assunto vid. p. 283 do texto e nota n.º 53), mas sobretudo pela *anormal* frequência com que aparece ligado ao cognomen *MAXVMA* (vel *MAXIMA* vel *MAXSVMA*). Destaquemos ainda o facto de idêntica associação se verificar entre as formas masculinas correspondentes àqueles antropónimos, se bem que em menor número de casos.

Concretizando, e reportando-nos apenas ao Município Olisiponense, notemos que entre os 26 *cognomina* daquele grupo referidos na nota n.º 82, 10 (= c. 38,46%) apresentam aquela relação, sendo 6 femininos (= c. 23,08%) e 4 masculinos (= c. 15,38%); entre os restantes casos, três ostentam o gentilício *Caecilius* (= c. 11,53%; forma masculina, um exemplo = c. 3,85% e forma feminina dois exemplos = c. 7,69%), outros três o gentilício *Terentius/a* (idênticas percentagens e distribuição), dois o gentilício *Licinia* (= c. 7,69%); outros dois não apresentam gentilício algum e os restantes ostentam, cada um, um *nomen* diverso (= quase 3,85% cada). Em Olisipo, entre os sete exemplos considerados, aparecem-nos uma *Iulia Maxima* (= c. 14,28%; *Ep. Olis.*, n.º 100 = *C.I.L. II*, n.º 219, l. 2) e dois *Iulii Maximi* (= c. 28,57%, *Ep. Olis.*, n.º 116, ll. 2 e 5). Os restantes casos ostentam todos gentilícios isolados, excepto um dos exemplos, que não apresenta *nomen* algum.

Nos *Agri Olisiponensis* (excepto na zona W.), conhecemos apenas, entre os 5 casos seleccionados uma *Iulia Maxuma* (= c. 20%; *C.I.L. II*, n.º 4.991 = *J. d'Encarnação, D.I.D.R.*, pp. 92-97 e *I.R.C.*, n.º 9, l. 2), revelando cada um dos restantes exemplos um gentilício diverso.

Finalmente, na zona W. do Município, entre os 14 casos considerados, a percentagem dos *Iulii/ae Maxumi/ae* (vel *Maximi/ae* vel *Maxsumi/ae*) eleva-se a c. 42,86% (= 6 casos); deste quantitativo, c. 28,57% (= 4 casos) são exemplos femininos (R. Capeans *L.F.*, 2.º exemplar estudado, l. 2 — Fação; *C.I.L. II*, n.ºs 281, l. 5 — Janas, e 292, l. 1 — Morelino; e *C.I.L. II S.*, n.º 5.222, l. 4 — Paço de Ilhas) e c. 14,29% (= 2 casos) são masculinos (R. Capeans, *L.F.*, 1.º exemplar estudado, ll. 2 e 3 — Fação; F. A. Pereira, *S.P.*, pp. 91-94, l. 2 — Madre de Deus). Entre os restantes casos, aparece duas vezes (= c. 14,29%) o gentilício *Terentius/a*, permanecendo isolados todos os outros *nomina* (quase 7,15% cada).

- 85 Consideramos a forma *MAXVMA*, essencialmente por três razões:

— Primeiro, é a que melhor se adapta dimensionalmente, se seguirmos a reconstituição proposta, ao início da segunda linha (a forma *MAXIMA* seria demasiadamente curta, e a forma *MASXVMA* demasiadamente longa).

— Em segundo lugar é, juntamente com a sua correspondente masculina, a que mais vulgarmente aparece no Município [em 26 formas deste grupo, 13 (= 50%) são *Maxumus/a*, 8 (= c. 30,77%) são *Maximus/a* e 5 (= c. 19,23%) são *Maxsumus/a*. Concretamente na zona W. do Município, entre 14 formas, 10 (= c. 71,43%) são *Maxumus/a*, 3 (= c. 21,43%) são *Maxsumus/a* e 1 (= c. 7,14%) é *Maximus*. Nas restantes regiões dos *Agri Olisiponensis*, entre 5 exemplos 2 (= 40%) são *Maxumae*, outras 2 (= 40%) *Maxumae* e 1 (= 20%) *Maxima*. Contudo em *Olisipo*, entre 7 casos, *Maxumus* aparece apenas uma vez (= c. 14,29%), elevando-se aí as formas *Maximus/a* a c. 85,71% (= 6 casos), e revelando-se completamente ausentes as formas *Maxsumus/a*].

— Finalmente, e em terceiro lugar, lembremos que as únicas duas inscrições, indubitavelmente provenientes do lugar de Faião que contêm exemplos destes *cognomina* (R. Capeans, *A.F.S.C.*, p. 299, ll. 2 e 3 e *M.A.S.M.O.*, n.º CXII, l. 1), apresentam ambas as forma *Maxuma*.

- 86 Estando perante um monumento que, dimensionalmente, incluímos no tipo D definido na nota n.º 80, e tendo em consideração os antropónimos seleccionados para a reconstituição desta epígrafe, bem como a disposição no campo epigráfico dos vestígios que deles nos restam, pareceu-nos, segundo os exemplos referidos naquela mesma nota relativamente à distribuição dos elementos textuais pelas linhas das inscrições, que conviria formalmente adoptar, se bem que como mera hipótese, o tipo V — variante 1, definido também naquela nota.

Recordando ainda a relativa proporcionalidade entre as alturas das letras e as dimensões gerais dos monumentos, facto que analisámos perto do final da nota n.º 80, notemos que o cipo arciforme *M.A.S.M.O.*, n.º XCIV, protótipo da variante 1 daquele tipo V, é também proveniente de Faião; ora este monumento, dimensionalmente incluído no tipo A, apresenta letras de 7 cm de altura, o que, feitas as devidas transposições, se enquadra perfeitamente com o nosso exemplar tipo D, que ostenta letras de 5 cm de altura.

- 87 *Battle Huguét, op. cit.*, p. 14.

- 88 *Idem, ibidem*, p. 115, fig. 38 e R. Cagnat, *op. cit.*, «Types d'alphabets epigraphiques» (junto à p. 4), n.ºs III e IV.

- 89 R. Cagnat, *op. cit.*, «Types d'alphabets epigraphiques» (junto à p. 4), n.º IV.

- 90 Sobre o uso preferencial de expressões deste tipo relativamente ao costumado termo *anepígrafo*, aplicado muitas vezes a monumentos que outrora ostentaram inscrições pintadas, hoje desaparecidas, vid. J. Mendes de Almeida, *Vária Terminologia Epigráfica e Arqueológica*, in «Estudos Arqueológicos», I — 1968-1971, 1974, Setúbal, pp. 221-225, cap. 1: *Anepígrafo*, pp. 221-222.

- 91 M.A.S.M.O., n.º LXXV.
- 92 M.A.S.M.O., n.º CXX.
- 93 M.A.S.M.O., n.ºs CVII e CIX.
- 94 Vid. exemplares desta zona mencionados ao longo da nota n.º 80.
- 95 F. A. Pereira, *T. Sep.* (exemplar também já mencionado várias vezes, nomeadamente ao longo das notas n.ºs 80, 82 e 84).
- 96 F. A. Pereira, *S.P.*, p. 92 — Linda-A-Velha (contudo, relativamente a este monumento, o texto de A. Pereira não é muito explícito, pelo que o referenciámos apenas como provável).
- 97 J. Mendes de Almeida e F. Bandeira Ferreira, *Vária Epigraphica*, in «Revista de Guimarães», LXXV, 1965, pp. 82-109, sugerem, nas pp. 102 e 104 daquele artigo, que duas das tábulas epigráficas, de topo arredondado, descobertas em 1962 nas escavações da necrópole romana da Praça da Figueira (Lisboa), tivessem sido aplicadas a topos de campas arciformes, de *opus lateritio*, exteriormente estucadas. De facto, Manuel Heleno, *Estação Lusitano-Romana da Praça da Figueira*, in «Ethnos», IV, 1965, pp. 305-308, refere na p. 307 a abundância de tijolos rectangulares (*lateres*), que atribuí à destruição das sepulturas outrora ali existentes. No entanto, e apesar de já terem sido detectados noutra região da Lusitânia (vid. mais abaixo, nota n.º 101) cipos arciformes daquele tipo, julgamos mais viável classificar aquelas lápides olisiponenses como tampas de nichos de columbário, género de construção funerária que parece, de facto, ter existido naquela necrópole [vid. Irlsalva Moita, *Achados da Época Romana no Subsolo de Lisboa (= Ach. E. R.)* in «Revista Municipal» Lisboa, ano XXIX, n.ºs 116-117 (1.º e 2.º trimestres de 1968), p. 51, 1.ª col.]; sobre a existência deste tipo de construções no Município Olisiponense, vid. na terceira parte deste trabalho, a nota n.º 161.
- Relativamente a um cipo *cupiforme* achado em Maio de 1902 nos jardins do palácio do Duque de Palmela, na R. da Escola Politécnica (Lisboa), e que referimos aqui apenas pela identidade que muitos autores ainda sustentam entre as sepulturas deste tipo e as de secção arciforme (sobre o assunto, vid. nota n.º 34), está provado, desde Leite de Vasconcelos, que a sua primitiva proveniência foi o Alentejo, provavelmente a cidade de Mértola [J. L. de Vasconcelos, *Archeologia Lusitano-Romana*, in «O Arch. Port.», VII, 1902, pp. 241-248, cap. *Inscrição achada em Lisboa*, pp. 241-243; e *Rel. Lus.*, III, 1913, p. 401 e fig. 174]. V. da Silva, *Ep. Olis.*, pp. 236-237, apesar de incluir este monumento na sua obra de cariz essencialmente olisiponense, sob o n.º 120, mostra aceitar a opinião de Leite de Vasconcelos relativamente à primitiva origem do cipo, quer ao tratar especificamente dele (p. 237), quer nos capítulos introdutórios do seu livro (p. 76).
- Contudo, Scarlat Lambrino, *I.S.M.O.* — pp. 38 e 41, na ânsia de uma identificação entre cipos *cupiformes* e arciformes, demonstrativa de uma maior expansão do culto de *Endovellicus*, que imaginou relacionado com aqueles monumentos [S. Lambrino, *Le Dieu Lusitanien Endovellicus*, in «Bulletin des Etudes Portugaises et de L'Institut Français au Portugal», *nouvelle serie*, XV, 1951, Coimbra, pp. 93-147, vid. sobretudo pp. 131-134] não hesitou em refutar a proveniência alentejana do monumento, em favor de uma origem primitivamente olisiponense.
- Apesar desta opinião não ser facilmente aceitável, lembremos no entanto que a área da actual Lisboa onde este cipo foi, segundo o nosso ponto de vista, *reencontrado*, estava já completamente fora dos limites de *Olisipo*, fazendo apenas parte dos *agri* da zona SE do Município.
- 98 *C.I.L. II*, 368 e *S.*, p. 815; V. Correia, *C.R.*, pp. 16-19; *Museu Machado de Castro — Secção de Arte e Arqueologia — Catálogo Guia*, Coimbra, 1944, p. 5, n.º 8; M. de Lurdes Rodrigues, *op. cit.*, pp. 117-118, n.º 7; vid. ainda V. Correia, *D.R.*, fig. ao cimo da 1.ª col. da p. 256.
- 99 V. Correia, *A Igreja de Lourosa da Serra da Estrela*, Lisboa, 1912, p. 7.
- 100 V. Correia, *C.S.*, p. 221.
- 101 Vid. do autor, *Dois Inscrições Romanas Conservadas no Gabinete de Numismática e Antiguidades da Biblioteca Nacional de Lisboa*, neste mesmo volume de «O Arqueólogo Português», p. 338.
- 102 J. Serra Vilaró, *op. cit.*, p. 192, al. c.
- 103 G. Bonsor e P. Paris, *Fouilles de Belo*, II, Bordeaux, 1923, p. 71; vid. ainda Mergelina, «Memórias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria», VI, cadernos 1 e 2, p. 6.
- 104 J. Schmidt, «*Philologus*», XLVI, 1886, p. 167; J. Leite de Vasconcelos, *Rel. Lus.*, III, 1913, p. 401; F. A. Pereira, *S.P.*, pp. 93 e 106; S. Lambrino, *C.I.E.*, p. 235, nota n.º 57; J. Serra Vilaró, *op. e p. cit.*; Guido Calza, *op. cit.*, p. 80.
- 105 Sobre tudo na necrópole da *Isola Sacra* (Óstia) [G. Calza, *op. cit.*, pp. 76, 78, 80, 313 (n.º 48), 314 (n.º 51 bis), 315 (n.ºs 52 e 53), 321 (n.º 59), 323 (n.ºs 61 e 62), 325 (n.º 65), 326 (n.º 67), 327 (n.º 68), 341 (n.ºs 81, 83 e 84), 354 (n.º 91), 364 (n.º 96) e 366 (n.º 98)] e, inclusive, em Roma (G. Calza, *op. cit.*, p. 80).
- 106 Dos cipos arciformes descobertos a N. do Município Olisiponense, apenas nos podemos pronunciar cronologicamente em relação ao exemplar de Coimbra; de facto, a fórmula da consagração aos Deuses Manes, que ostenta na primeira linha, bem como o seu exame paleográfico (vid. Vergílio Correia, *D.R.*, fig. ao cimo da 1.ª col. da p. 256), apontam-nos para meados do séc. II d.C., restringindo assim a datação *séc. I — d.C. — primeira metade do II*, habitualmente atribuída ao monumento (M. de Lurdes Rodrigues, *op. cit.*, p. 118).

Relativamente ao exemplar de Tróia (Setúbal), regulando-nos por uma ara da mesma proveniência exposta no Museu Nacional de Arqueologia, sob o n.º E. 8.219, igualmente de *opus lateritio* e estucada (facto que a aproxima construtivamente do referido cipo arciforme), poderemos propor como hipótese, a partir do exame paleográfico da pequena tábula rectangular de mármore embutida na face dianteira daquela ara, uma data próxima dos finais do séc. II d.C., ou mesmo já dos inícios do séc. III.

Este cálculo condiz com a cronologia geralmente adoptada em relação aos exemplares, espanhóis (vid. Ricardo Martín Valls e Enrique Pérez Herrero, *op. cit.*, p. 78 e D. Julia, *op. cit.*) construtivamente idênticas ao exemplar de Tróia (cfr. J. Serra Vilaró, *op. cit.* e p. *cit.*).

No que respeita aos túmulos africanos, apenas sabemos que se aproximam mais dos monumentos espanhóis ou do de Tróia (Setúbal) (parecem ser de *opus lateritio* mas, em vez de estucados, ostentam frequentemente uma cobertura de mosaico — cfr. J. Serra Vilaró, *op. cit.*), do que dos exemplares líticos do Município Olisiponense.

Finalmente, em relação aos sepulcros da Isola Sacra, também de *opus lateritio* e estucados, refere G. Calza (*op. cit.*, «TAV. III», entre as pp. 36 e 37) apenas a cronologia dos exemplares n.ºs 51 bis, 61 e 83, que datou respectivamente do séc. III d.C., do imperialato de Trajano, e da época de Adriano ou dos Antoninos.

(Relativamente à cronologia geral dos cipos arciformes do Município Olisiponense, vid. nota n.º 80, p. 315).

- 107 Segundo o Sr. Fernando Parcelas, este monumento teria sido encontrado c. de 1913 dentro de uma das paredes da sua casa durante umas obras nela praticadas pelo seu avô, o qual teria posteriormente aproveitado o bloco como ombral de cancela no pátio que antecede a moradia; ali esteve até 1954, ano em que, no decurso de novas obras, o retiraram e arrumaram de encontro a uma das paredes exteriores da casa, onde permaneceu até o detectarmos, em 1 de Novembro de 1975, tendo-nos sido imediatamente cedido por intermédio daquele Sr. A sua primitiva localização, segundo o Sr. Parcelas, seria o já citado sítio dos Currais Velhos, donde, a cremos na tradição local, proviriam todos os monumentos funerários descobertos não só em Faião mas, inclusive, na Silva e em Cabrela, ou seja, num raio de cerca de 850 m relativamente aos Currais Velhos.
- 108 Esta última mutilação roubou em média cerca de 5 cm ao campo epigráfico.
- 109 Primitivamente o comprimento seria de cerca de 85 cm.
- 110 Dimensionámos a altura da quarta linha que, incompleta na sua base, continuaria certamente num bloco inferior, pela das duas linhas anteriores.
- 110 - bis) Vid. nota n.º 163.
- 111 Na primeira linha.
- 112 Segundo informação do Sr. Fernando Parcelas, o orifício circular situado sensivelmente a meio de *c*, próximo da aresta *b-c*, serviria de encaixe a uma *bucha* de madeira que impediria a cancela referida na nota n.º 107 de se abrir para o lado de fora, enquanto o orifício longitudinalmente existente a meia altura do desnível saliente daquela face, bem como o pequeno orifício circular, que se lhe segue à direita e que ainda conserva no seu interior restos de uma peça de ferro, serviriam de suporte a um *ferrolho* da mesma cancela. Tais orifícios teriam sido praticados cerca de 1913, nas primeiras obras referidas igualmente na nota n.º 107. Quanto aos restantes orifícios de *c*, não se lembra aquele Sr. da sua aplicação, considerando-os provavelmente antigos; contudo, apenas a forma rectangular de dois deles, idêntica à do orifício da face superior, que é indubitavelmente original, poderia sugerir para aquele conjunto uma origem primitiva, origem que aliás lhe é praticamente negada por outros factores (vid. nota n.º 122).
- 113 Empregamos esta expressão, *pequenos mausoléus*, na falta de uma designação mais apropriada para tais construções, cujas dimensões são demasiadamente modestas comparativamente às dos mausoléus propriamente ditos.
- 114 Vid. Maria Floriani Squarciapino, Italo Gismondi, Guido Barbieri, Herbert Bloch e Raissa Calza *Scavi di Ostia*, vol. III: — *Le Necropoli — Parte I — Le Tombe di eta Republican e Augustea*. Roma, 1958, (= *S.O. III*), cap. de F. Squarciapino — *La Necropoli Lungo La Via Laurentina* (= *N.V.L.*), pp. 61 ss, *Tomba*, n.º 10 (pp. 74-76 e figs. 28-32) e *Tomba*, n.º 15 (pp. 80, 2.ª col. a 83 e figs. 36-40).
- 115 O monumento de Óstia de dimensões mais semelhantes ao nosso é, sem dúvida, o n.º 10 da necrópole da Via Laurentina (*S.O. III*, cap. *N.V.L.*, pp. 74-76 e figs. 28-32), sendo contudo este túmulo ainda maior que o de Faião; assim, enquanto o comprimento dos blocos epigráficos deste último, a julgar pelo exemplar que nos resta, seria primitivamente de cerca de 85 cm, o bloco que no sepulcro de Óstia contém o epitáfio atinge os 125 cm de comprimento; no entanto, a altura e espessura destes paralelepípedos é praticamente idêntica em ambos os monumentos,
- 116 *S.O. III*, cap. *N.V.L.*, pp. 74-76 e figs. 28-32.
- 117 Na prática, se se tratar de túmulos de avultadas dimensões, este paralelepípedo único pode desdobrar-se em vários blocos epigráficos justapostos lado a lado, ficando então com funções de cumal apenas os dos extremos; porém, ambas as soluções são teoricamente equivalentes no que respeita a uma definição tipológica *geral* deste género de construções funerárias.

- 118 *S.O. III*, cap. *N.V.L.*, pp. 80, 2.^a col. a 83 e figs. 36-40; este monumento encontra-se, porém, muito fragmentado na zona que mais nos interessa (bloco epigráfico e respectiva faixa horizontal), pelo que não asseguramos em absoluto a classificação que no texto lhe atribuímos; pode mesmo propor-se, como hipótese remota a sua inclusão no tipo 2.
- 119 Cfr. o que sobre esta disposição dissemos na al. *d.* do tipo 2.
- 120 Vid. al. *e* do tipo 2.
- 121 Sobre o uso destes ganchos nas construções romanas em *opus quadratum*, vid. Giuseppe Lugli, *op. cit.*, p. 239, e figs. 57-c e 58-a. Normalmente de ferro, a sua fixação aos blocos, independentemente dos orifícios que estes ostentavam e da forma dos próprios ganchos, era assegurada por soldaduras de chumbo fundido (*op. e p. cit.*).
- 122 Vid. als. *c* e *d* do tipo 2.
- Relativamente à pequena depressão rectangular existente junto à aresta *c-e* do paralelepípedo de Faião e dos três orifícios nela contidos (vid. p. 289), se aceitarmos, mesmo que hipoteticamente, o carácter original do conjunto (vid. nota n.º 112), teremos de encarar este último como fazendo parte de um sistema de ligação entre blocos, formalmente raro no seu todo e de localização invulgar; contudo, a regularidade do orifício da face superior, regularidade que pressupõe clássicos sistemas de ligação, leva-nos a suspeitar grandemente da primitividade daquele conjunto, o qual, até surgirem novos termos de comparações, consideraremos de fabrico relativamente recente.
- 123 *C.I.L. II S.*, n.º 5.144, l. 6: «*hoc misolio*».
- 124 *C.I.L. II*, n.º 214, l. 5: «*hoc maesolium*».
- 125 *C.I.L. II*, n.ºs 574 e 586.
- 126 *C.I.L. II*, n.º 216, ll. 5 e 6: in *fronte p (edes) XXX|in agro p(edes) XX|*. J. Leite de Vasconcelos, *Rel. Lus.*, III, p. 388, ao referir-se a este monumento e aos dois de Mérida citados na nota anterior indica, na nota n.º 1 da mesma pág., que o pé quadrado valia 0,1087 m², concluindo no texto que o monumento de *Olisipo* ocupava uma área (rectangular) de 600 pés quadrados, o que podemos traduzir por 65,22 m².
- 127 *C.I.L. II*, n.º 266, ll. 3, 4 e 5: ... *|Munimentum fecit. Hic|Munimentum cum munition[e] |Tricila[e]|*: ... fez o monumento. Este|monumento, (juntamente com) a vedação do (respectivo) |caramachão ; cfr. Félix Alves Pereira, *Dois Lápides Suburbanas de Olisipo*, in «Arquivo Histórico de Portugal», vol. I, Lisboa, 1933, pp. 106-117 e F. Bandeira Ferreira, *A Inscricção do Arquiflavius Quadratus (= I.A.F.Q.) in Várzea Epigraphica, VII*, in «Revista da Faculdade de Letras de Lisboa», Lisboa, 1960, (3.^a Série), n.º 4, pp. 111-117. Aproveitámos as reconstituições das ll. 4 e 5 feitas por este último autor, por nos parecerem mais correctas que as de Hübner e de F. Alves Pereira.
- 128 Vid. nota n.º 113.
- 129 *S.O. III*, cap. *N.V.L.*, n.º 10 (pp. 74-76 e sobretudo fig. n.º 32) e n.º 15 (pp. 80, 2.^a col. a 83 e sobretudo fig. n.º 36).
- 130 Os monumentos de Óstia citados na nota anterior são constituídos, *grasso modo*, por dois corpos distintos: uma torre dianteira de *opus quadratum isodorum*, construção à qual nos temos vindo a referir exclusivamente ao tratar destes sepulcros e um recinto secundário de *opus reticulatum*, bastante mais vasto, que envolve aquela torre à excepção do frontispício. Nos monumentos semelhantes que possam ter existido no Município Olisiponense, concretamente nos dos *agri* da zona *W.*, o *opus reticulatum* ou qualquer outra variedade de *opus lateritio* teria sido possivelmente substituído por fiadas de pequenas pedras rectangulares de calcário, à semelhança do que acontece no monumento absidal de S. Miguel de Odrinhas, aparelho que ainda hoje é usado nesta zona nos mais variados edifícios onde, noutras regiões, seria provavelmente empregue o tijolo (vid. F. Alves Pereira, *C.E.*, pp. 346-350); D. Fernando de Almeida *Escavações em Odrinhas (= E.O.)* in «Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal», XXXIX, Lisboa, 1958, pp. 11-25, (sobretudo pp. 17-18) e, do mesmo autor, *Arte Visigótica em Portugal (= A.V.P.)* in «O Arqueólogo Português», 2.^a série, IV, Lisboa, 1962, p. 117.
- A face vertical de menores dimensões, quase não aparelhada, de uma pedra encontrada no lugar da Amoreira (*M.A.S.M.O.*, n.º CXXVI), pedra que formalmente podemos classificar como elemento de moldura pertencente à fachada lateral esquerda de uma *torre funerária* do tipo das que temos vindo a analisar, reforça a ideia da existência nesta região de recintos secundários em monumentos semelhantes. Assim, o estudo estereotómico do bloco revela-nos que aquela face, extremamente rude, estava voltada para a fachada traseira da torre, o que nos mostra, conseqüentemente, que a moldura não rodeava por completo a construção, mas apenas as fachadas laterais e dianteira; este facto permite-nos sugerir que a fachada traseira deveria ter estado primitivamente encoberta, provavelmente por outra construção que se lhe adaptasse (sobre o *M.A.S.M.O.*, n.º CXXVI, vid. o que no texto dizemos nas pp. 295 e 296).
- 131 Apesar do que acabámos de dizer sobre estes monumentos funerários, não se deve excluir, até provas mais concretas, uma possível comparação com as torres funerárias *isoladas* existentes no Levante Espanhol [vid. *Historia de España (= Hist. Esp.)* dirigida por Ramón Menéndez

- Pidal, II (*Espanha Romana*). Madrid, 1935, livro de José Ramón Mélida — *El Arte en España Durante la Época Romana*, parte *Arquitectura*, cap. — *Tumbas y Necrópolis* (= Mélida, *Tumbas y Necrópolis*) § — *Torres Funerárias* (p. 648), e figs. 440 e 441].
- 132 O monumento n.º 10 da Via Laurentina (Ostia), cuja parte dianteira (vid. nota n.º 130) é, como já vimos na nota n.º 115, a que mais se aproxima dimensionalmente da construção de Faião, ocupa, segundo as ll. 4 e 5 das inscrições patentes em duas estelas que o ladeiam, 500 pés quadrados de superfície — *in fr(onte) ped(es) XX/in agr(o) p(edes) XXV* — (= 54,35 m²), área relativamente próxima da do monumento de *Olisipo* atrás citado, sendo-lhe este, contudo, ainda superior [vid. *S.O., III*, cap. *N.V.L.*, n.º 10, sobretudo p. 74, 2.ª col. e fig. n.º 29 e, na mesma mesma obra, cap. de Guido Barbieri, *Le Iscrizioni delle Necropoli* (pp. 129 ss.) (= *I.N.*), p. 148, 2.ª col. e fig. n.º 65].
- 133 Vid. nota n.º 127.
- 134 Vid. José Leite de Vasconcelos, *Rel. Lus. III*, pp. 387-388; Jorge de Alarcão, *Port. Rom.*, p. 187.
- 135 J. R. Mélida, in «Memorias de la Junta Superior de Excavaciones», 1929; vid. ainda Mélida, *Tumbas y Necrópolis*, § *Los curiosos mausoleos de Mérida*, in *Hist. Esp.*, vol. II, p. 652 e fig. n.º 447.
- 136 Contudo, durante alguns anos, pelo menos dois importantes monumentos da época romana e *tardo romana* foram, erradamente, considerados mausoléus romanos por alguns autores. Assim, os vestígios da construção absidal de S. Miguel de Odrinhas, depois de terem sido encarados como restos de um *templo romano* por A. Gomes Barreto [*Antiguidades Romanas do Termo de Cintra*, in «Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeólogos Portugueses», 2.ª série, VI, Lisboa, 1888, p. 9], classificação que é aproveitada mais tarde por Gabriel Pereira [*Pelos Subúrbios e Vizinhanças de Lisboa*, Lisboa, 1910], foram em 1914 considerados por Félix Alves Pereira (*C.E.*, pp. 345-353), como pertencentes a um mausoléu de planta circular. Este autor defendeu a sua ideia até ao fim da vida [vid. *O Mausoléu Romano de Odrinhas* in «Diário de Notícias» de 31.X.1934 e *Fragmento da Ara Funerária do Mausoléu Romano de Odrinhas* in «Diário de Notícias» de 31.XII.1934 (ambos estes artigos foram mais tarde — 1957 — integrados na *Sintra do Pretérito*, pp. 99-101 e 103-104)], apesar da opinião discordante de Vergílio Correia, que entretanto julgara ver naquela construção um baptistério «*cristão arcaico*» [*Arte Visigótica*, in *História de Portugal*, I, Barcelos, 1928, pp. 378 (1.ª e 2.ª cols.) e 379 (1.ª col.)]. Contudo, a classificação de Vergílio Correia não bastou para abalar em definitivo a tese do seu opositor, a qual só começou a vacilar significativamente em 1935, com Scarlet Lambrino (*I.S.M.O.*, pp. 13-25); de facto, um dos principais argumentos evocados por F. Alves Pereira em favor da sua interpretação do monumento de S. Miguel de Odrinhas era a leitura que tinha feito de uma inscrição que considerou funerária, encontrada próximo daquelas ruínas (actualmente conservada no respectivo museu monográfico, sob o n.º XIII), em cuja linha n.º 9 lera a palavra *mausole[um]*, a qual imediatamente relacionara com a referida construção; ora, S. Lambrino (*I.S.M.O.*, pp. 13-21) demonstra não só o carácter votivo da mesma epigrafe como lê na linha n.º 9 a expressão *mausole[i Ale-]xand[r]iae*, a qual inclui entre os vários cargos de um extenso *cursus honorum* referente a *C. Iulius Celsus*, procurador equestre da *Lusitania*, personagem que consagrou aquela ara a uma divindade que Lambrino não conseguiu identificar; além de reduzir, deste modo, a viabilidade da opinião de F. A. Pereira, S. Lambrino rejeita igualmente a de V. Correia que, no entanto, considera mais plausível (*I.S.M.O.*, p. 24). Seguidamente e durante alguns anos, os autores limitam-se a referir este estado de coisas, sem adiantarem mais nenhuma hipótese [vid. Joaquim Fontes, *Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas, Sintra* (1955) e Mário Cardozo, *CAT. I. L.*, pp. 56-57]. Contudo, durante as escavações realizadas naquelas ruínas em 1957 por D. Fernando de Almeida, foram postos a descoberto numerosos troços daquela construção desde há séculos soterrados, os quais revelaram o carácter absidal do monumento, para o qual aquele autor propôs a classificação de *basílica paleo-cristã* (D. Fernando de Almeida, *E.O.*, pp. 16-23), e que, depois de outras campanhas de escavação, coloca cronologicamente nos fins do séc. IV d.C., primeira metade do séc. V (D. Fernando de Almeida, *A.V.P.*, p. 117; nesta obra o referido monumento é estudado nas pp. 113-118, e citado ainda acidentalmente nas pp. 81, 105 e 256). Daí para cá a questão não sofreu quaisquer alterações, como podemos concluir da leitura de obras que mais recentemente se referem a tal assunto [além do *M.A.S.M.O.* 2.ª e 3.ª edições, 1970 e 1975, pp. 12 e 28, cfr. ainda Pedro de Palol, *Arqueologia Cristiana de la España Romana*, Madrid — Valladolid, 1967, p. 145 (vid. ainda fig. 50, na p. 144 e breves referências nas pp. 24, 70, 106 e 211; contudo, este autor, na p. 145 da sua obra, considera o monumento de S. Miguel de Odrinhas já datável dos sécs. VI ou VII d.C.)].
- O outro monumento que durante algum tempo foi erradamente tido como mausoléu situa-se na freguesia de Almofala, concelho de Figueira de Castelo Rodrigo; designado nos documentos medievais pela expressão *Turris Aquilaris*, foi sucessivamente classificado como construção renascentista por José Maria Garcia [*A Torre das Águias em Almofala — Riba Coa*, in «Beira Alta», XXIV, fasc. 2, 1965] e como templo romano por A. A. Dinis Cabral [*A Torre de Aguiar, ou Turris Aquilaris*, também in «Beira Alta», XXIV, 1965] e Adriano Vasco Rodrigues [*O Templo Romano de Almofala*, também in «Beira Alta», XXIV, 1965]; contudo,

a «*forma breve*» destes artigos levou J. de Alarcão [Port. Rom., 1.^a edição, 1973, pp. 187 e 189] a refutar as opiniões daqueles autores e a considerar este «*mal estudado*» monumento como um possível mausoléu. No entanto um «*maior estudo*» daquela construção [Manuel Maria da Fonseca Andrade Maia, *Arqueologia Romana no Ribacoa — O Templo Romano de Almofala*, in «Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia», Coimbra, 1971, pp. 471-73] acabou por *decidir* cabalmente «*da função*» e «*da época do edifício*», o qual é sem dúvida alguma um templo da época romana, possivelmente um santuário campestre, embora alterado na fachada E., provavelmente durante o período manuelino (Manuel Maia, *op. cit.*); este último estudo levou certamente aquele autor a rever a sua classificação, como podemos depreender da 2.^a edição do *Port. Rom.*, 1974, p. 189, e de um dos artigos com que colaborou in «Les Dossiers de L'Archéologie», n.º 4 [J. Alarcão, *Les Monuments Romains au Portugal*, in «Merveilleux Trésors du Portugal» = «Les Dossiers de L'Archéologie», n.º 4 (Maio-Junho de 1974), Paris, p. 81, 2.^a e 3.^a cols.].

137 S. Lambrino, *I.S.M.O.*, p. 35.

138 Este monumento epigráfico está registado no *M.A.S.M.O.* com o n.º IV.

139 *CAT. I. L.*, p. 23.

140 Conservada no Museu de Évora.

141 J. Alarcão, *Port. Rom.*, p. 187.

142 *M.A.S.M.O.*, n.º CXII.

143 Vid. *N.I.R.*, p. 13, n.º 4 (com fotografia); D. Fernando de Almeida, *Inscrições Paleoocrístãs do Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas (= I.P.M.A.O.)*, in «Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal», tomo XXXIX, Lisboa, 1958, pp. 27-36, fig. n.º 5 (p. 31) e n.º 8 (Est. I); e *M.A.S.M.O.*, fig. 11 (p. 31).

144 D. Fernando de Almeida, *I.P.M.A.O.*, p. 36.

145 Em média, cerca de 6,4% menor.

146 Vid nota n.º 143.

Junto à aresta superior da face dianteira, por cima da inscrição romana, foram gravadas, possivelmente já por cristãos moçárabes, duas linhas que parecem fazer parte de uma proclamação de um bispo, de nome *Hildefonsu(s)*, a qual foi estudada por D. Fernando de Almeida, *I.P.M.A.O.*, pp. 32 e 36. Este autor (*idem, ibidem*, p. 32) sugere hipoteticamente que os lapicidas cristãos tenham apagado, na inscrição romana, a fórmula inicial de consagração aos Deuses Manes.

147 A posição em que este bloco se encontra no Museu de S. Miguel de Odrinhas não permite analisar as suas faces traseira e inferior, nem as zonas junto às arestas traseiras das faces laterais e superior, o que nos impede um estudo estereotómico completo deste paralelepípedo; assim, se as dimensões do bloco, bem como os reduzidos espaços que medeiam entre os extremos da primeira linha da inscrição e as arestas laterais da face epigráfica, nos levaram a considerar como mais provável a inclusão deste paralelepípedo no tipo 1, relativamente à disposição que apresentaria no frontispício da construção, não podemos no entanto pôr teoricamente de lado a sua inserção no tipo 3; teríamos então um pequeno monumento, cujo comprimento da fachada dianteira seria idêntico ao do bloco: 79 cm. Contudo, tal número parece-nos demasiado reduzido, não só comparativamente ao monumento n.º 10 da Via Laurentina (Óstia), cuja dimensão correspondente atinge os 185 cm (= 30 cm + 125 cm + 30 cm), mas ainda considerando o comprimento do frontispício da construção a que pertenceria o exemplar de Faião que neste estudo tem o n.º 3, que seria de 114 cm (= 29 cm + 85 cm); no entanto, se considerarmos que o bloco que serve de suporte ao epitáfio de *Atilia Maxima* se deve classificar no tipo 1, obteremos um comprimento de cerca de 129 cm (= 25 cm + 79 cm + 25 cm) relativamente à fachada dianteira do respectivo sepulcro, número que nos parece mais conforme as dimensões que acima referimos.

148 Pág. 40.

149 Referimo-nos, de um modo geral, a todos os monumentos em que há uma relação entre molduras deste tipo e blocos paralelepípedos (vid., por ex. G. Lugli, *op. cit.*, fig. 57 g).

150 Como já dissemos na referida nota, este exemplar é proveniente da Amoreira, lugar perto de Odrinhas, e está actualmente conservado no Museu de S. Miguel de Odrinhas, sob o n.º CXXVI. No *M.A.S.M.O.*, p. 41, vem classificado, tal como o provável elemento de moldura encontrado em Faião a que no texto aludimos, como «fragmento duma base de túmulo» (que podemos subentender, de *tipo prismático*).

151 Face a que nos referimos especialmente na nota n.º 130.

152 A largura desta face — 33 cm — sugere-nos estarmos perante vestígios de um monumento ligeiramente menor que aquele a que pertenceria o elemento de moldura proveniente de Faião, cuja largura da face correspondente é de 36 cm; a altura de ambos os blocos parece confirmar esta ideia, pois que no exemplar de Faião atinge os 28 cm, enquanto no da Amoreira se fica pelos 26 cm.

153 Vid. Vieira da Silva, *Ep. Olis.*, n.ºs 6, 7, 14 e 98 e *M.A.S.M.O.*, n.ºs II, V, XXIX, LXXII, LXXXV, CVI, CXIII, CXIV, CXVIII, CXXI, CXLVI e CXLVIII.

154 *CAT. I. L.*, p. 22.

- 155 *S.O. III*, cap. *N.V.L.*, n.ºs 1 (p. 63, 2.ª col.) 2, (p. 64, 1.ª e 2.ª cols.), 3 (p. 64, 2.ª col. a 65, 1.ª col.), 9 (p. 71, 1.ª col. a 73, 2.ª col.) e 12 (p. 77, 1.ª e 2.ª cols.), e cap. *N.I.*, pp. 143-147 e 149 e figs. n.ºs 62, 63 e 64.
- 156 *S.O. III*, cap. *N.V.L.*, n.ºs 1 (p. 63, 2.ª col.) e 2 (p. 64, 1.ª e 2.ª cols.), e cap. *N.I.*, pp. 143-144 (1.ª col.) e fig. n.º 62.
- 157 No *C.I.L. II* e *S.* registam-se apenas os já citados exemplos de *Olisipo* (n.º 216) e de Mérida (n.ºs 574 e 586).
- 158 Vid., por exemplo, índices dos volumes n.ºs VI, IX, X e XI do *C.I.L.*
- 159 *M.A.S.M.O.*, n.º LXXII.
- 160 *M.A.S.M.O.*, n.º II (altura: 312 cm), e n.º CXLVIII.
- 161 Não podemos pôr de parte a ideia de que algumas das construções sepulcrais de avultadas dimensões outrora existentes no Município Olisiponense fossem columbários, ou mesmo sepulturas híbridas, tais como os já citados *mausoléus-columbários* de Mérida ou o referido monumento funerário de Tróia (Setúbal); de facto, além de possíveis restos arquitectónicos de columbários, descobertos há certa de 15 anos em *Olisipo* (Irisalva Moita, *Ach. E.R.*, p. 51, 1.ª col.), vários autores têm insistido na classificação de *placas de columbário*, relativamente a numerosas *tabulae* encontradas em *Olisipo* e nos seus *agri* [Hübner, *Exempla*, p. 70, 2.ª col., referindo-se aos monumentos epigráficos de *Olisipo* registados no *C.I.L. II* sob os n.ºs 200 ss.; J. L. de Vasconcelos, *Rel. Lus.*, III, p. 392; Vergílio Correia, *C.S.*, p. 202; Vieira da Silva, *Ep. Olis.*, n.ºs 62 (= *C.I.L. II*, n.º 253 = S. Lambrino, *Inscriptions latines du Musée Dr. Leite de Vasconcelos = I.L.M.V.L.* in «O Arqueólogo Português», 2.ª série, I, Lisboa, 1951, pp. 37-61, n.º 8), 65 (= *C.I.L. II*, n.º 206 = *C.I.L. II S.*, n.º 5.219 = *I.L.M.V.L.*, n.º 9), 66 (= *C.I.L. II*, n.º 220 = *I.L.M.L.V.*, n.º 10), 110 (= E. Hübner, *Addimenta Nova ad Corporis Volumen II*, in «Ephemeros Epigraphicae», IX, pp. 12-185 = *Ad. N. 2*, Berlim, 1903 = José Leite de Vasconcelos, *Epigrafia do Museu Etnológico* in «O Archeólogo Português», XXVIII, 1927-29, pp. 209-227, n.º 11 = *I.L.M.L.V.*, n.º 11), 111 (= *Ad. N. 2*, n.º 27 = *I.L.M.L.V.*, n.º 5) e 144-H]; apesar de o emprego deste tipo de placas ser mais vasto (vid. do autor, *op. cit.*, p. 338), algumas terão contudo pertencido, muito provavelmente, a verdadeiros columbários.
- 162 Vel *AVG(usti)* — cfr. R. Étienne, *op. cit.*, livro III, cap. I — *Culte de l'Empereur Vivant et de l'Empereur Divinisé*, sobretudo as pp. 290-291.
- 163 Tendo em conta o primeiro espaço interlinear da epígrafe, certamente semelhante aos que existiriam no referido bloco superior, verificamos que a linha que imaginámos acima da primeira que nos resta seria forçosamente comum àquele paralelepípedo e ao exemplar que chegou até nós; neste último, nota-se junto à aresta superior, uma zona aparentemente não muito afectada, mas cuja deterioração bastou para fazer desaparecer a parte daquela linha que existiria no bloco, atingindo ainda o cimo da haste direita do *V* de *AVG*, bem como quase toda a curva superior do *G* da mesma abreviatura.
- 164 Cfr. R. Cagnat, *op. cit.*, pp. 151 e 472, 1.ª col.; B. Hugué, *op. cit.*, pp. 92 e 199, 1.ª col.).
- 165 A abreviatura *V(ir)*, não muito vulgar, encontra-se no entanto documentada, pelo menos uma vez na Península, precisamente na *Lusitania* (*C.I.L. II*, n.º 693, l. 11 — *Norba, Conventus Emeritensis*; inscrição de 194 d.C.).
- 166 R. Cagnat, *op. cit.*, pp. 102, 148 e 430, 1.ª e 2.ª cols.; B. Hugué, pp. 41, 56 e 187, 1.ª col.).
- 167 Nas obras que consultámos, encontrámos esta abreviatura apenas em A. C. Teixeira de Aragão, *Descrição Histórica das Moedas Romanas Existentes no Gabinete Numismático de S. M. El-Rei O Senhor D. Luiz I*, Lisboa, 1870, teoricamente na p. 68, e na prática na p. 150, moeda n.º 210. Ao classificar e ler esta moeda, aquele autor baseou-se em H. Cohen *Description Générale des Monnaies de la République Romaine*, Paris (1857) pl. XVIII, n.º 2; contudo já Eckhel, *Doctrina Numorum Veterum*, Viena, 1792, V, pp. 212-213, propõe a leitura *FLA(ndaē monetae)* — [*IIII VIR (= quattuorvir) PRI(mus) FLA(ndaē monetae)*] e T. Mommsen, *Histoire de la Monnaie Romaine*, Paris, 1865-1875, II, p. 547, seguindo idêntico ponto de vista, interpreta *FLA(vit)* — [*IIII VIR (quattuorvir) PRI(mus) FLA(vit)*], versão que é seguida por E. Babelon, *Description Historique et Chronologique des Monnaies de la République Romaine*, Bologna (edição de 1963), I, p. 96, n.º 2 e II, p. 26, n.º 44 (moeda de prata, da família Flaminica, cunhada, segundo Cohen, *op. cit.*, em 43 ou 42 a.C., e segundo Babelon, *op. cit.*, em 44 a.C.).
- 168 R. Cagnat, *op. cit.*, p. 150 e B. Hugué, *op. cit.*, p. 54.
- 169 *C.I.L. III*, n.ºs 1.768, II, 4 e 5 e 1.835, II, 4 e 5; *C.I.L. III S.*, n.º 14.624¹, II, 6 e 7; *C.I.L. V*, n.ºs 7.509, I, 6 e 7.511, I, 3; e *C.I.L. XII*, n.º 1.159, I, 5.
- 170 R. Étienne, *op. cit.*, não encontrou, entre as inscrições peninsulares referentes ao culto imperial que analisou naquela sua obra (c. de 900 inscrições), uma só que mencionasse esta classe de sacerdotes.
- 171 Na *Lusitania* conhecemos apenas cinco exemplos, respectivamente quatro no *Conventus Pacensis* (*C.I.L. II*, n.º 13 — Balsa, 115 — *Ebora*; *S.*, n.º 5.133, dois casos, *Ossonoba*) e uma no *Emeritensis* (*C.I.L. II*, n.º 495 — *Emerita*).
- 172 Cfr. R. Étienne, *op. cit.*, pp. 252-262 e 265.
- 173 Primeira metade do terceiro quartel do séc. I d.C.

- 174 Cfr. R. Étienne, *op. cit.*, 273-275.
- 175 *C.I.L. II*, n.º 222 (= *Ep. Olis.*, n.º 134), l. 2, ANNO(rum) — (*Olisipo*); 287, l. 3, AN(n)O(rum) — (*Agr. Olis.*, zona W. do Mun. — S. Miguel de Odrinhas); *C.I.L. II S.*, n.º 5.222, l. 3, ANNO(rum) — (*Agr. Olis.*, zona W. do Mun. — Paço de Ilhas); *CAT. I. L.*, n.º XXII (*M.A.S.M.O.*, n.º XXII), l. 2, AN(n)O(rum) — (*Agr. Olis.*, zona W. do Mun. — Alvarinhos).
- 176 *C.I.L. II*, n.º 187 (= *Ep. Olis.*, n.º 23), l. 1.
- 177 *N.I.L.R.*, n.º 9 (= *M.A.S.M.O.*, n.º CXXXVII), l. 2 — (zona W. do Mun. — Granja dos Serrões). Mário Cardozo interpreta esta abreviatura do seguinte modo: *LI[b(ens)]*; contudo, o exame directo do monumento mostra que a seguir ao hipotético *l*, cuja existência já de si é controversa, não existe espaço para letra alguma; não podendo ser posta a hipótese de um primitivo alargamento do campo epigráfico, pois as faces laterais do monumento encontram-se ainda hoje intactas, resta-nos, quando muito, considerar a abreviatura *LI(bens)*, apesar de nos parecer mais acertada a leitura *L(ibens)*, que usámos já na nota n.º 62, a propósito do *cognomen Caudicus*.
- 178 *C.I.L. II S.*, n.º 4.610.
- 179 Vid. índices dos vários vols. do *C.I.L.*.
- 180 Sem procurarmos ser exaustivos, apontemos os seguintes exemplos: *Ep. Olis.*, n.ºs 30, (= *C.I.L. II*, n.º 212), l. 6 (*Olisipo*); 35 (= *C.I.L. II*, n.º 214), ll. 6 e 7 (*Olisipo*); *C.I.L. II*, n.ºs 269, l. 3 (*Agr. Olis.*); 315, l. 5 (*Agr. Olis.*). José d'Encarnação, *I.R.C.*, n.º 10 (*Agr. Olis.*). *M.A.S.M.O.*, n.º LXXXV (= *N.I.R.*, n.º 1), l. 6 (*Agr. Olis.*, zona W. do Mun.).
- 181 Recordemos, no Município Olisiponense, o caso do monumento *C.I.L. II*, n.º 266 (*Agr. Olis.*).
- 182 Outras interpretações poderiam ser tentadas relativamente aos vestígios das duas letras que temos vindo a analisar. Assim, se considerarmos estar perante os restos de um *V* e de um *l*, obteremos o conjunto *VI*, que desenvolveremos em *VI(vus)*, resultando assim uma menção expressa ao facto de a construção do monumento se ter processado durante a vida de quem lá ia ser sepultado. Lembremos ainda que a palavra *Vivus*, *vel simile*, existe pelo menos em mais dois monumentos funerários do Município Olisiponense, além do já citado *C.I.L. II*, n.º 266, onde se encontra na l. 2 [*Ad. N. 2*, n.º 26 (= *Ep. Olis.*, n.º 110), l. 4 — *Olisipo*; e J. Mendes de Almeida e F. Bandeira Ferreira, *V.E.*, XIV, l. 9 — *Agr. Olis.*], e que a abreviatura *VI(vus)*, para a qual encontrámos paralelo na inscrição n.º 5.330 do *C.I.L. II S.* (*Lusitania, Conventus Emeritensis*), se enquadra perfeitamente no tipo de abreviaturas que referimos a propósito de *FLA(men)*.
- Outra reconstituição possível, relativamente ao início desta quarta linha, é o conjunto *VL*, que desenvolveremos em *V(ivus) L(ibens)*; esta fórmula, conjugada com a linha anterior, pode ser comparada a uma existente num texto tarraconense [Juan Carlos Elorza, *Ensayo Topográfico de Epigrafía Romana Alavesa*, Vitória, 1967, p. 21, n.º 29, ll. 2 e 3 — *D(e) S(ua) LI(benter) / V(ivus) F(ecit) S(ibi)*], no qual devemos também salientar o facto de a idade do defunto se encontrar no final da inscrição, depois da supracitada fórmula.
- No entanto, apesar do que expusémos ao longo da presente nota, a versão apresentada no texto é ainda a que nos parece mais viável.
- 183 R. Étienne, *op. cit.*, p. 238.
- 184 *C.I.L. II*, n.º 3.362.
- 185 R. Étienne, *op. cit.*, pp. 224-230.
- 186 Citemos, relativamente ao Município Olisiponense, o *C.I.L. II*, n.º 260 (*Agr. Olis.*, zona W. do Mun.): *FLAM(en) DIVI AVG(ust)I*.
- 187 Citemos, relativamente ao Município Olisiponense, o *C.I.L. II*, n.º 194 = *Ep. Olis.*, n.º 41 (*Olisipo*), ll. 2, 3 e 4: *AED(ili) IIVIR = Duumvir(o) FLAMINI GERMANICI CAESARIS FLA/MINI IVLIAE AVG(ustae)*.
- 188 Adoptámos a distribuição que se segue relativamente aos elementos do texto da primeira parte da epígrafe, tendo em conta as dimensões das linhas patentes no exemplar existente; contudo, não a pretendemos (nem poderíamos pretender) de modo algum rígida, sugerindo-a apenas para facilitar uma ideia de conjunto do epitáfio.
- O espaço que imaginámos entre a primeira e a segunda linhas do bloco superior, deriva paralelamente do que existe entre as segunda e terceira linhas do paralelepípedo que nos resta, evidenciando assim a fórmula *Diis Manibus* que iniciaria a inscrição.
- 189 Propomos a inclusão da fórmula *Diis Manibus* na reconstituição da epígrafe, essencialmente por duas razões: a primeira, de maior peso, reside no facto de a fórmula *D(onum) P(osuit)*, patente na segunda linha da parte do epitáfio que nos resta conter em si a ideia de dádiva; a segunda, consiste no já referido espaço que medeia entre as linhas 2 e 3 do paralelepípedo existente, que pressupõe idêntico espaço entre uma primeira linha da inscrição que se tenha pretendido destacar e o início do *tria nomina* do defunto.
- Adoptámos ainda as abreviaturas *DIIS.MANIB(bus)*, já conhecidas nesta zona do Município (vid. *M.A.S.M.O.*, n.ºs X e XI), não só tendo em conta a extensão média das linhas do texto que chegaram até nós como, principalmente, a datação que na última parte deste estudo propomos para o monumento, a qual, não demasiadamente tardia, implica uma consagração aos Deuses Manes praticamente por extenso.

- 190 Sobre a percentagem do uso do *tria nomina* e da indicação de filiação e tribo, em inscrições referentes a flamens municipais, vid. R. Étienne, *op. cit.*, p. 223.
- 191 Se o epitáfio mencionasse a tribo do defunto, esta seria certamente a Galéria, comum a todos os cidadãos do Município Olisiponense (vid. no texto p. 283), ao qual o personagem sepultado em Faião pertenceria indubitavelmente, dada a natureza tipicamente municipal do seu *cursus honorum*.
- 192 *Vel VI(vus), vel V(ivus) L(ibens)*.
- 193 Ou «mandou(-a) executar à sua própria custa (enquanto) vivo», ou «mandou(-a) de bom grado executar à sua própria custa, (enquanto) vivo».
- 194 *C.I.L. II*, n.º 260, *Agr. Olis.*, zona W. do Mun.; [no *M.A.S.M.O.*, n.º CXXXVII, onde vem possivelmente referido este mesmo personagem (vid. nota n.º 62), não aparecem ainda os cargos patentes no *C.I.L. II*, n.º 260, provavelmente por aquela epígrafe ser anterior à de Armês].
- 195 *C.I.L. II*, n.º 194 (= *Ep. Olis.*, n.º 41), *Olisipo*.
- 196 Além dos flamens mencionados nas duas últimas notas, conhecem-se oito *Augustales* em *Olisipo* [*C.I.L. II*, n.ºs 175 (dois exemplos) (= *Ep. Olis.*, n.º 103), 181 (= *Ep. Olis.*, n.º 78), 182 (dois exemplos) (= *Ep. Olis.*, n.º 74), 183 (= *Ep. Olis.*, n.º 70) e 196 (= *Ep. Olis.*, n.º 71) (estas duas últimas inscrições referem-se ao mesmo *Augustalis*); *Ep. Olis.*, n.ºs 8 e 101] e provavelmente dois nos seus Agri [*C.I.L. II*, n.º 264 e 265 (este último encontrar-se-ia patente numa inscrição actualmente perdida, proveniente da zona W. do Mun., da qual só nos resta uma cópia francamente má; apesar da reconstituição de Hübner, foi certamente esta a razão que levou R. Étienne a não considerar a epígrafe na sua obra)]; uma *flaminica* municipal, também em *Olisipo* [*C.I.L. II*, n.º 197 (= *C.I.L. II S.*, n.º 5.128 = *Ep. Olis.*, n.º 83)] — R. Étienne, *op. cit.*, certamente induzido em erro pela dupla numeração de Hübner, considera duas vezes esta inscrição, propondo mesmo, da primeira vez, um *flamen augustalis*, que nunca existiu em *Olisipo* (cfr. R. Étienne, *op. cit.*, pp. 200, n.º X, 212, 223, 225; corrijam-se, pois, as percentagens estabelecidas nas pp. 217 e 223); relativamente a esta inscrição, e além da obra de Étienne onde vem correctamente referida nas pp. 239 (n.º III), 243 e 246, vid. J. L. de Vasconcelos, *Epigrafia do Museu Etnológico (Belém)* in «O Arch. Port.», XXVIII, 1917-1929, pp. 223-224, n.º 26 e Scarlat Lambrino, *I.L.M.L.V.*, n.º 2]; e, ainda em *Olisipo*, uma *flaminica* provincial [*C.I.L. II*, n.º 195 (= *Ep. Olis.*, n.º 36)]. Seriemos seguidamente os imperadores ou membros da família imperial que, através de inscrições ainda aqui não referidas, sabemos terem sido cultuados em *Olisipo* e nos seus agri: Nero [*C.I.L. II*, n.º 184 (= *Ep. Olis.*, n.º 79) — *Olisipo*], *Vespasianus* [*C.I.L. II*, n.º 185 (= *C.I.L. II S.*, n.º 5.217 = *Ep. Olis.*, n.º 80) — *Olisipo*], *Matidia Augusta* [*C.I.L. II*, n.º 4.993 (= *Ep. Olis.*, n.º 82) — *Olisipo*], *Hadrianus* [*C.I.L. II*, n.º 186 (= *Ep. Olis.*, n.º 91) — *Olisipo*], *Sabina* [*C.I.L. II*, n.º 4.992 (= *C.I.L. II S.*, n.º 5.221 = *Ep. Olis.*, n.º 72) — *Olisipo*], *Commodus* [*C.I.L. II*, n.º 187 (= *Ep. Olis.*, n.º 23) — *Olisipo*], *Septimius Severus* [*C.I.L. II*, n.º 259 — *Agr. Olis.*, zona W. do Mun. (sobre a importância desta inscrição para a história do culto imperial, vid. R. Étienne, *op. cit.*, p. 512)] e *Philippus* [*C.I.L. II*, n.º 188 (= *Ep. Olis.*, n.º 93) — *Olisipo*]. Finalmente, recordemos as duas divindades Augustas cultuadas em *Olisipo*: *Aesculapius Augustus* [*C.I.L. II*, n.º 174 (= *Ep. Olis.*, n.º 31)] e *Mercurius Augustus* [*C.I.L. II*, n.º 181 (= *Ep. Olis.*, n.º 78)].
- 197 = Villa (?)
- 198 V. Correia, A.A., p. 269.
- 199 R. Étienne, *op. cit.*, p. 217.
- 200 *Idem, ibidem*, p. 229.
- 201 E. Hübner, *Notícias Archeológicas de Portugal*, Lisboa, 1871, p. 14.
- 202 Pedro Giró, *Villafranca del Panades* in «Informes y Memorias — n.º 32 — VIII Reunion de la Comisaria Provincial de Excavaciones Archeológicas de Barcelona», Madrid, 1956, pp. 171-174; vid. p. 173 e «Lámina» 45, ll. 1, 3 (dois exemplares) e 4; o autor data vagamente esta epígrafe do séc. II d.C., mas o exame paleográfico das restantes letras da inscrição, feito através da excelente fotografia apresentada, limita-nos ao início daquele século [notemos, sobretudo, a igualdade e regularidade das barras dos *EE* (ll. 1, 2 e 3) e dos *FF* (l. 4), a horizontalidade da barra do *T* (l. 3), mas, simultaneamente, as reduzidas dimensões de alguns daqueles elementos (sobretudo no *E* da segunda linha e no *T*) e a posição, já um pouco chegada à barra superior da barra inferior dos *FF* (cfr. R. Cagnat, *op. cit.*, pp. 14, 15 e 22)].
- 203 *Exempla*, n.º 52 (= *C.I.L. VI*, n.º 701), sobretudo l. 2 (inscrição datável de 10 a.C.); 57 (= *C.I.L. VI*, n.º 1267 a, l. 1), dois exemplares (inscrição datável de 2 d.C.); e 216 (= *C.I.L. II*, n.º 1528), sobretudo o primeiro *A de Agrippae* (inscrição datável de c. 4 d.C.).
- 204 *Exempla*, n.º 74 (= *C.I.L. VI*, n.º 251, ll. 10 e 11), l. 1 (inscrição datável de 27 d.C.); e 152 (= *C.I.L. X*, n.º 4.638, ll. 1 e 2), sobretudo o segundo *A de Caesari* (l. 1) (inscrição datável de 14 a 22 d.C.).
- 205 R. Cagnat, *op. cit.*, 16 (nesta p. refere-se contudo o autor ao *esporádico* uso do *G* em espiral, no séc. I d.C.) e «Types d'alphabets épigraphiques» (junto à p. 4), n.º V; B. Huguet, *op. cit.*, p. 115, fig. 40 [este autor regista no entanto, o uso de *GG* semelhantes na *capital actúaria* do tempo de Augusto (p. 114, fig. 35) e na *capital rústica pintada* do tempo de Cláudio (p. 114, fig. 36)]. Cfr. ainda, na prática, *Exempla*, n.ºs 271 (= *C.I.L. VI*, n.º 4.228, ll. 2 e 3), l. 1 (inscrição

- datável de 126 d.C.); 289 (= *C.I.L. VI*, n.º 209, II. 1 e 2), I. 1 (inscrição datável de 150 d.C.); e 297 (= *C.I.L. VI*, n.º 1.012, II. 6 e 7 (inscrição datável de 163 d.C.) [notemos, contudo que Hübner refere também um exemplo da época de Vespasiano: n.º 335 (= *C.I.L. X*, n.º 1.018, II. 1 a 3), I. 3].
- 206 J. Mendes de Almeida e Fernando Bandeira Ferreira, *Vária Epigraphica*, in «Revista de Guimarães», LXXVI, 1966, pp. 25-39; vid. n.º IX (pp. 27-31), II. 3, 5, 7, 8 e 9 (cinco exemplares) — (inscrição datável do imperialato de Cláudio e proveniente da área de Santarém). *C.I.L. II*, n.º 183 = *Ep. Olis.*, n.º 70, pelo menos dois exemplares, respectivamente em *Designatio* e em *Augustalis*; trata-se da inscrição do *prosaenium* do teatro de *Olisipo*, consagrado a Nero pelo *augustalis C. Heius Primus*; os referidos GG encontram-se patentes na minuciosa cópia da epígrafe incluída na obra de Luiz António de Azevedo, *Dissertação Crítico-Filológico-Histórica Sobre o verdadeiro anno, manifestas causas, e attendiveis circumstancias da erecção do Tablado e Orquestra do antigo Theatro Romano, descoberto na excavação da Rua de São Mamede perto do Castello desta Cidade...*, Lisboa, 1815, p. 12 (Est. III); as recentes escavações feitas naquele monumento olisiponense puseram de novo a descoberto parte desta inscrição [vid. Irisalva Moita, *O Teatro Romano de Lisboa*, in «Revista Municipal», n.ºs 124/125, Lisboa, 1970, p. 12 (da separata), 2.ª col.], nomeadamente o fragmento que contém o G da palavra *Designatio*, cuja observação directa confirmou o rigor do desenho de Azevedo.
- 207 V. Correia, *C.S.*, p. 202 (este autor não refere a forma do G, que interpreta mesmo como C; contudo, a observação directa da epígrafe, no Museu Nacional de Arqueologia, onde se encontra conservada sob o n.º E. 4.681, revela a existência do citado G); e *M.A.S.M.O.*, n.º LXXXIII (= *C.I.L. II*, n.º 5.023), ambos os monumentos são de S. Miguel de Odrinhas.
- 208 V. Correia, *ibidem*.
- 209 *N.I.R.*, n.º 3, sobretudo p. 12.
- 210 Sobre estes EE e F, vid. o que a propósito de idênticas letras, patentes numa inscrição tarraconense sensivelmente da mesma época, se disse na nota n.º 202. Por seu lado, o aspecto geral da epígrafe sugere uma época próxima do imperialato de Trajano (cfr. B. Huguet, *op. cit.*, p. 115, fig. 38).
- 211 Atribuem-nos geralmente aos sécs. IV ou V d.C. (cfr. R. Cagnat, *op. cit.*, p. 15; e B. Huguet, *op. cit.*, p. 12).
- 212 *Exempla*, n.ºs 45 (= *C.I.L. VI*, n.º 1.374), I. 2 (inscrição datável de 44 a 12 a.C.); e 49 (= *C.I.L. VI*, n.º 1.460, II. 1 e 2), I. 1 inscrição datável de pouco depois do ano 36 a.C.).
- 213 *Exempla*, n.ºs 52 (= *C.I.L. VI*, n.º 701), I. 1 (inscrição datável de 10 a.C.); 53 (= *C.I.L. VI*, n.º 457, II. 1 e 2 (inscrição datável de 9 a.C.)); 78 (= *C.I.L. VI*, n.º 882), II. 1 e 2 (inscrição datável de 37 a 41 d.C.); 137 (= *C.I.L. X*, n.º 1.063, II. 1 e 2), I. 2 (inscrição datável de c. 64 d.C.); 242 (= *C.I.L. VI*, n.º 1.246, II. 1 e 2), I. 1 (inscrição datável de 79 d.C.); e 245 (= *C.I.L. VI*, n.º 945), I. 3 (inscrição datável de 81 d.C.).
- 214 J. Leite de Vasconcelos, *Inscrição Romana de Lorvão*, in «O Arch. Port.», XIX, 1914, pp. 365-366.
- 215 A forma destes FF, a que J. Leite de Vasconcelos não se refere, pode, no entanto, ser observada directamente no exemplar, o qual se encontra em exposição no Museu Nacional de Arqueologia, sob o n.º E. 5.516.
- 216 R. Cagnat, *op. cit.*, «Types d'alphabets épigraphiques» (junto à p. 4), n.º III.
- 217 *Exempla* n.º 52 (= *C.I.L. VI*, n.º 701), I. 1 (inscrição datável de 10 a.C.).
- 218 R. Cagnat, *op. cit.*, p. 401, nota n.º 2.
- 219 = *Ep. Olis.*, n.º 23; Hübner baseou-se na cópia transcrita no *Anonymus Neapolitanus*, fol. 41, n.º 62, que considerou a mais exacta, entre as de que dispunha (cfr. *C.I.L. II*, p. 692).
- 220 Esta inscrição, datável de 178 a 180 d.C. (cfr. *C.I.L. II*, n.º 187), contém na primeira linha, segundo a versão do *Anon. Neap.*, a abreviatura *CAE(sari)*.
- 221 Cfr. R. Étienne, *op. cit.*, pp. 199 e 200 (n.ºs II e IV).
- 222 Acerca da datação através da consagração aos Deuses Manes, já tantas vezes referida ao longo deste trabalho, vid. nota n.º 78.
- 223 Cfr. R. Cagnat, *op. cit.*, pp. 281-282 (nota 12 da p. 281).
- 224 F. Bandeira Ferreira, *Nótula acerca de dois monólitos de S. João das Lampas*, in «Revista de Guimarães», LXV, 1955, pp. 399 ss.
- 225 Mário Cardozo, *CAT. I. L.*, n.º XI (p. 51).
- 226 S. Lambrino, *C.I.E.*, p. 234.
- 227 G. Lugli, *op. cit.*, pp. 237 e 238.
- 228 Vid. nota n.º 206; esta inscrição é datável de 57 d.C.
- 229 F. Bandeira Ferreira, *I.A.F.Q.*, p. 117, data-a dos finais do séc. I d.C., início do séc. II.
- 230 *C.I.L. II*, n.ºs 183 (= *Ep. Olis.*, n.º 70) e 184 (= *Ep. Olis.*, n.º 79).
- 231 R. Étienne, *op. cit.*, pp. 433-440.

